

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO
MESTRADO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

JOSÉLIA HENRIQUES PIO GOUVÊA

**MAIO CHEGOU... SANTA RITA DE CÁSSIA TAMBÉM: Um estudo sobre a
devoção de mulheres à “santa das causas impossíveis” no bairro Bonfim em
Juiz de Fora**

Juiz de Fora - MG

2019

Josélia Henriques Pio Gouvêa

**MAIO CHEGOU... SANTA RITA DE CÁSSIA TAMBÉM: Um estudo sobre a
devoção de mulheres à “santa das causas impossíveis” no bairro Bonfim em
Juiz de Fora**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na área de concentração em Religião, Sociedade e Cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Portella

Juiz de Fora - MG

2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Gouvêa, Josélia Henriques Pio.

□ Maio chegou... Santa Rita de Cássia também : um estudo sobre a devoção de mulheres à “santa das causas impossíveis” no bairro Bonfim em Juiz de Fora / Josélia Henriques Pio Gouvêa. -- 2019. 134 p.

Orientador: Rodrigo Portella

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ciência da Religião, 2019.

1. Santa Rita. 2. Devoção popular. 3. Mulheres. 4. Maternidade. 5. Gratidão. I. Portella , Rodrigo , orient. II. Título.

Josélia Henriques Pio Gouvêa

**MAIO CHEGOU... SANTA RITA DE CÁSSIA TAMBÉM: Um estudo sobre a
devoção de mulheres à “santa das causas impossíveis” no bairro Bonfim em
Juiz de Fora**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, na Área de concentração em Religião, Sociedade e Cultura, do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Juiz de Fora como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência da Religião.

Aprovada em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Portella - Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora

Prof. Dra. Raquel dos Santos Sousa Lima
Universidade Federal de Viçosa - Colégio de Aplicação Coluni

Profa. Dr. Robert Daibert Júnior
Universidade Federal de Juiz de Fora

Juiz de Fora - MG

2019

*Dedico este trabalho com carinho
ao meu filho Matheus, dádiva de
Deus, que me fez enxergar o
mundo com outros olhares.*

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de amor e de misericórdia que me apresentaram na infância e que sempre foi a razão da minha coragem, resistência e superação em todas as lutas da vida. Foram imensos os desafios enfrentados, mas não durante o mestrado, pois este, apesar do tempo corrido, foi muitíssimo prazeroso. Mas estou fazendo referencia à minha história desde a infância, que me obrigou a ser forte, ou algumas vezes, fingir ser forte diante de tantas barreiras. Fui educada no campo e, assim, como outras meninas daquela cultura, comecei a ser preparada desde cedo para casar-me aos dezesseis anos, com o primeiro pretendente que aparecesse.

No entanto, era uma criança diferente, questionadora e... teimosa. Muito teimosa. Aos sete anos me colocaram na escola apenas para aprender a escrever o nome e ler algumas coisas. Já era o bastante para uma mulher que iria se casar, ter filhos e ser submissa ao marido. Mas para a surpresa da família, logo nos primeiros meses de aula, eu havia aprendido não somente as primeiras palavras, mas o livro inteiro. Eu sonhava poder estudar mais do que todas as amigas e conhecer outros mundos. Aos oito anos de idade, em uma reunião de pais, a professora muito religiosa disse: “se der um folheto de missa à Josélia, ela irá celebrar a missa inteira, mas é teimosa e conversa demais”. Ela queria dizer que apesar da pouca idade eu sabia ler com desenvoltura. Isso foi motivo de preocupação para os meus pais que, de imediato me tiraram da escola. Era necessário cortar as minhas asas antes que fosse tarde demais. E dessa forma, não pude completar os primeiros anos do Ensino Fundamental.

Então, fora da escola, me puseram para trabalhar, pois precisava gastar a minha energia e ocupar a minha mente. Realizei serviços pesados para a idade, desde manhã até à noite. Não tinha folga e, além disso, não podia me divertir ou passear. Podia somente ir à Igreja. Entretanto, havia três coisas que ninguém conseguiu tirar, ou até tentaram, mas já era tarde demais: a fé, o gosto pela leitura e a imaginação. Pena que eu não conhecia Santa Rita de Cássia, mas ainda assim, sempre acreditei que poderia realizar os impossíveis.

Dessa forma, consegui resistir até aos dezoito anos, quando saí de casa para trabalhar e estudar à noite. Sem experiência de vida e nenhum curso

profissionalizante, realizei serviços em casa de família, cuidei de idosos e fiz várias outras coisas até me tornar professora, mãe, esposa e várias outras conquistas. Com tudo isso percebo que ainda é só o início de uma caminhada, pois enquanto eu viver, minhas conquistas não terão fim.

Agradeço à Maria, mãe de Jesus, com os seus mais variados títulos, especialmente à Nossa Senhora das Graças, a qual invoquei a proteção e acendi velas por várias vezes durante o mestrado.

À Santa Rita de Cássia que conheci somente há uns quatro anos, mas tornou-se a responsável por toda essa pesquisa.

Ao meu marido e companheiro José Maurício.

Ao meu filho Matheus ao qual não tenho palavras para definir tanto amor.

Ao professor e orientador Rodrigo Portella por ter me concedido a liberdade para descobrir o próprio caminho da pesquisa.

Às mulheres devotas de Santa Rita de Cássia que participaram deste estudo, e em mim depositaram a confiança, contando parte de suas vidas pessoais. Muito obrigada!

Ao padre Antônio Camilo de Paiva, pároco e administrador da paróquia de Santa Rita pela disponibilidade em atender as minhas solicitações.

Ao padre Erelis Camilo de Paiva pela atenção e gentileza.

As funcionárias e funcionários da Igreja de Santa Rita pela gentileza em responder aos meus questionamentos.

Ao Centro de Educação Infantil Gente Inocente por ter compartilhado a educação e os cuidados com o meu filho enquanto estava estudando.

À amiga Nilda Gaudereto pela ajuda nas transcrições das entrevistas e apoio durante os meses de pesquisa de campo.

À Iza Oliveira Simião pelo carinho e atenção com que me ajudou nas tarefas de casa nos momentos de maior aperto.

À FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais) pela bolsa de estudos que me foi concedida, de março de 2017 até agosto de 2018, e que me ajudou na manutenção dos gastos pessoais, adquirir material bibliográfico e concluir as disciplinas com mais tranquilidade. Obrigada!

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa concedida a mim, de agosto de 2018 até o final do curso, e que também

foi fundamental para a dedicação exclusiva da escrita da dissertação. Muita
Gratidão!

A doação perfeita é como o sangue bombeado para os vasos sanguíneos pelo coração. É o sangue que distribui o oxigênio por todo o nosso corpo, tornando-se mais fluido ou mais espesso para cumprir suas funções. O sangue se move sob pressão dentro de um circuito, sem ser comprado ou vendido, e sempre retorna aos lugares por onde passou. Tudo que existe é dádiva de Deus e Nele está contido. Nossos pequenos corpos podem se expandir; não precisamos confinar o sangue.”

(Lewis Hyde)

RESUMO

A presente dissertação sobre a devoção de mulheres à Santa Rita de Cássia, no bairro Bonfim, em Juiz de Fora é o resultado de dois anos de pesquisa através da História e Antropologia. Busca-se enfatizar neste trabalho a história de Santa Rita com base em diferentes autores, o desenvolvimento da sua devoção na Europa, no Brasil e em Juiz de Fora. Nessa primeira parte, pode-se concluir que Santa Rita, diferente da maioria das santas católicas, foi uma mulher comum, do final da Idade Média. Casou-se ainda na adolescência, sofreu com o marido alcoólatra que se envolvia em confusão e brigas. Foi mãe de dois meninos, sendo seu maior temor que os filhos seguissem o mau exemplo do pai. Ficou viúva ainda jovem e os filhos morreram entre os doze e quatorze anos. Santa Rita ingressou-se no convento aos trinta e seis anos, onde se dedicou à vida de oração, meditação e serviço aos pobres. Durante quinze anos suportou uma ferida na testa que, segundo os autores, significava um espinho de Cristo. Em Juiz de Fora, na década de 1940, o conhecimento a seu respeito foi ampliado a partir da construção da paróquia em sua homenagem no bairro Bonfim. Já na segunda parte da dissertação, busca-se retratar através do trabalho de campo, os rituais de preparação para a festa de Santa Rita durante o período da quinzena e da novena, como também, todos os acontecimentos da paróquia ligados a comemoração do dia 22 de maio como celebrações, barracas, shows, etc. A maioria das devotas disseram que a Santa Rita representa uma mãe, amiga, madrinha e modelo de mulher. Por fim, conclui-se no último capítulo que as devotas se identificam com a Santa não na situação de esposa submissa e sofredora, mas na condição de mulher e mãe. O foco da devoção, das promessas, da esperança e da entrega aos serviços voluntários não é somente para pedir algo e sim para agradecer o dom da maternidade. Através da simbologia da troca de rosas, faz-se um agrado àquela que realizou os milagres durante o ano e também levam para casa uma rosa como garantia de que o pedido ou agradecimento será correspondido.

Palavras-Chave: Santa Rita. Devoção popular. Mulheres. Maternidade. Gratidão.

ABSTRACT

The present dissertation on devotion of women to Santa Rita de Cássia in the Bonfim neighborhood of Juiz de Fora is the result of two years of research in History and Anthropology. It seeks to emphasize the history of Santa Rita based on different authors, the development of his devotion in Europe, in Brazil and in Juiz de Fora. In this first part, it can be concluded that the Saint Rita, unlike most Catholic saints, was an ordinary woman from the late Middle Ages. She married in her teenage years, suffered with her alcoholic husband and was involved in confusion and fights. She was the mother of two boys and her biggest fear was that the children followed the bad example of their father. She was still a young widow, and her children also died between the ages of twelve and fourteen. Santa Rita entered the convent at the age of thirty-six, where he dedicated himself to the life of prayer, meditation and service to the poor. For fifteen years he endured a forehead wound which, according to the authors, meant a thorn of Christ. In Juiz de Fora, in the 1940s, the knowledge about him was amplified from the construction of the parish in his honor in the Bonfim neighborhood. In the second part of the dissertation, we seek to portray through the fieldwork, the rituals of preparation to the feast of Santa Rita during the fortnight and the novena, as also, all the events of the parish connected with the celebration of the twenty-second of May as celebrations, tents, shows, etc. Most of the devotees said that Santa Rita represents a mother, friend, godmother and model of woman. They identify with her as woman and mother, but not in the position of submissive and suffering wife. The focus of devotion, promises, hope and dedication to volunteer services is not to ask for anything and only to thank the gift of motherhood. Through the symbolism of the exchange of roses, it is pleasing to the one who performed the miracles during the year and also takes home a rose as a guarantee that the request will be reached.

Keywords: Santa Rita. Popular devotion. Women. Maternity. Gratitude.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CAPÍTULO 1 – SANTA RITA DE CÁSSIA: UMA SANTA EM JUIZ DE FORA ..	15
1.1. Quem foi Santa Rita de Cássia	15
1.2. Devoção à Santa Rita no mundo e no Brasil.....	27
1.3 A Paróquia de Santa Rita no bairro Bonfim em Juiz de Fora	33
1.3.1 – Atividades na paróquia durante o ano.....	36
1.3.2 – Atividades específicas relacionadas a devoção da Santa.....	38
2 - CAPÍTULO 2 – A PREPARAÇÃO PARA A FESTA DE SANTA RITA EM JUIZ DE FORA	41
2.1 – Quinzena de Santa Rita em 2017 e 2018	41
2.2 – O Cerco de Jericó	56
2.3 – Novena de Santa Rita	60
2.4 – Formas de expressões religiosas de devoção à Santa Rita durante a preparação da festa: sacrifícios, orações, homilias, vigílias, arrecadação de alimentos, montagem das barracas, etc.....	66
3 - CAPÍTULO 3 – APROPRIAÇÕES DE SANTA RITA PELOS SEUS DEVOTOS.	76
3.1 – Ser mulher.....	76
3.2 – Grupo de oração Santa Rita de Cássia.....	78
3.3 – As devotas da Santa, as promessas, as esperanças, as razões da devoção e como interagem	81
3.4 - A maternidade sob a intercessão de Santa Rita	87
3.5 - A troca de rosas.....	100
3.6 – A procissão	118
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
5 - REFERÊNCIAS	128

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa, que tem como abordagem metodológica a História e a Antropologia, tem o objetivo geral de investigar as práticas de devoção de mulheres na festa de Santa Rita no bairro Bonfim em Juiz de Fora, que acontece todos os anos, no dia 22 de maio. De acordo com as estimativas apontadas pelo administrador da paróquia, são mais de trinta mil pessoas que visitam a festa ao longo de alguns anos. Sendo assim, através da pesquisa de campo, pretende-se verificar o perfil dessas mulheres, de que forma iniciaram a devoção à Santa Rita e como elas praticam a fé. Será que essa prática acontece somente na igreja, no período da festa ou em outros momentos? Que atitudes realizam para demonstrar o afeto à Santa?

Comprovada a hipótese de que a maior parte das devotas não vão à festa para pedir algo e sim para agradecer, objetiva-se analisar quais os impossíveis que agradecem à Santa no período da festa e identificar de que modo acontece a interação entre devotas e Santa Rita. Costumam colocar as mãos na imagem ou somente rezam de longe? De que forma acontece esse vínculo? Além disso, como a Santa é representada para essas devotas? Será que elas veem somente uma Santa com poderes de intercessão junto a Deus, ou uma mulher, amiga, madrinha, mãe, etc.?

Como ponto de partida buscou-se primeiro participar da festa de Santa Rita em 2017 e observar o comportamento dos devotos, especialmente das mulheres durante as trocas de rosas, nas celebrações e orações espontâneas. Nessa mesma ocasião, constatou-se, através das entrevistas ou em conversas informais, que as mesmas se dedicam ao trabalho voluntário ou oferecem presentes não para pedir, mas somente como gratidão. Após esse primeiro contato, iniciou-se a escrita da dissertação que foi dividida em três partes.

O primeiro capítulo procura abordar a história de Santa Rita, desde a sua infância até a sua morte, que foram cerca de setenta anos. A tentativa é relatar o seu percurso como mulher, esposa, mãe, religiosa, os poderes de intercessão que já possuía em vida e de que maneira a sua fama se espalhou pelo mundo. Percebe-se nesse primeiro momento que a Santa teve uma vida marcada por sofrimentos com o

marido e os filhos, mas serviu de exemplo no sentido da fé, do amor, da resignação e da humildade.

Ainda na primeira parte da dissertação, verifica-se que a chegada da devoção à Santa Rita no Brasil foi por intermédio de uma família portuguesa, que veio para o Rio de Janeiro a serviço do rei de Portugal. Já em Juiz de Fora, a sua devoção se espalhou a partir da construção da paróquia, em sua homenagem, no bairro Bonfim, na década de quarenta. Para efetivar o primeiro capítulo são realizadas pesquisas bibliográficas em livros, teses, dissertações, artigos, sites, jornais e livros de registros da paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora, como também, entrevistas com o padre administrador Antônio Camilo de Paiva.

Já o segundo capítulo é o resultado da pesquisa de campo durante os quatro meses anteriores à festa, de 2018, na paróquia de Santa Rita, nas quintas feiras, nos três horários das celebrações da quinzena, nos dois horários da novena e nas missas e eventos de finais de semana. Durante esse período, além da observação e ajuda na acolhida, foram realizadas também conversas com as devotas e entrevistas. Ainda nesse segundo momento, descreve-se a respeito da metodologia utilizada durante a preparação para a festa do jubileu de Santa de Rita: os rituais, os símbolos, as orações, homilias, sacrifícios, interação e expressão religiosa entre devotas e a Santa.

A terceira e última parte da dissertação refere-se especificamente ao dia do jubileu, iniciando-se com uma breve abordagem a respeito da atuação da mulher na religião, na família e na sociedade. A mulher é reconhecida pelo seu papel fundamental na formação dos filhos e nos cuidados com a família, ainda que na maior parte da história seja tratada como inferior ao homem, devendo ser-lhe submissa e obediente. Em seguida, faz uma análise do “Grupo de Oração Santa Rita de Cássia”, que é composto só por mulheres de diversos perfis sociais, econômicos, culturais e etários, e a relação com o conceito de resiliência. Neste sentido, diversos pesquisadores da área da saúde e afins apontam a importância das pessoas não focarem em suas fraquezas, carências e dificuldades, mas a partir de uma vivência religiosa, descobrirem a capacidade de superar quaisquer adversidades da vida.

Dessa forma, a terceira etapa do trabalho procura delinear a criatividade das mulheres para demonstrar o afeto à Santa Rita no dia da festa, que segundo elas, é responsável pelos inúmeros milagres em suas vidas durante o ano inteiro. Procura-se observar o seguinte: aquelas pessoas que doam os seus serviços nos dias

anteriores e durante a festa estão, de alguma forma, agradecendo ou pagando promessas? Além disso, qual é o significado da maternidade para essas devotas e qual a relação entre o sentimento materno e a devoção à Santa Rita? E, por fim, considerando que oferecer, trocar rosas, ou somente levar uma flor para casa é uma tradição da festa de Santa Rita de Cássia, de que maneira acontece esse ritual e qual é a razão desse simbolismo? Essas trocas simbólicas têm como foco agradecer e pedir a proteção e a bênção por parte da Santa? O que fazem com as mesmas depois que estragam? E, por último, uma descrição a respeito da procissão.

Portanto, para a concretização da presente dissertação, além da etnografia que, de acordo com Steil (2017), já fala por si mesma, foram utilizados diversos autores sobre devoção popular e também para dialogar com as entrevistas e com os fatos observados. No que se refere a antropologia da religião, tem como referências para a dissertação a tese e artigos da professora e doutora Raquel de Sousa Lima, da Universidade Federal de Viçosa e vários escritos da professora e doutora Renata Menezes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Já a respeito das dádivas é mencionado Marcel Mauss com o livro “Ensaio sobre a dádiva” e Lewis Hyde com a obra “A dádiva: como o espírito criador transforma o mundo”.

CAPÍTULO 1 – SANTA RITA DE CÁSSIA: UMA SANTA EM JUIZ DE FORA

1.1. Quem foi Santa Rita de Cássia

Conforme Oliveira e Araújo (2011) considera-se como santo pessoas que viveram uma vida normal, com sua individualidade e liberdade, seres humanos cheios de capacidade e desejos de se relacionarem uns com os outros. Depois da morte vão morar no céu junto a Deus e, por isso, possuem poderes que estão acima de qualquer autoridade na terra. Na devoção popular, esses santos e santas são pessoas que ao longo da sua vida, ou pouco antes de morrerem, receberam características de santidade, quer pela capacidade de sofrer e se purificar ou pelo exemplo de virtudes morais. Talvez a junção de tudo isso com certo exagero.

Na visão de Maestro (2002) os santos¹ são os dons mais espetaculares com que a Igreja presenteia a humanidade. Eles são formados aqui na terra a partir das suas condutas diárias, colocando em prática os ensinamentos proferidos no catolicismo e a sua doutrina de salvação. Os cristãos autênticos buscam seguir os seus exemplos e também pedem a sua intercessão diante das demandas e desafios da vida. Por isso, comemoram as suas festas com pedidos e agradecimentos, seja com novenas, tríduos, celebrações, comidas, músicas, procissões e outros agrados. Dessa forma esperam também um dia ressuscitar e desfrutarem das presenças dos santos no mundo celestial.

Conforme Menezes (2004) um santo, pela tradição da Igreja Católica, ganha o nome do lugar em que faleceu ou também onde foi enterrado. Mas a marca da santidade é definida com mais vigor pela morte do que pelo nascimento. Isso quer dizer que a sua despedida da terra para morar no céu, lugar onde definitivamente estará ao lado de outros santos e de Deus, tem todo um significado simbólico. Sendo assim, a autora acentua que os poderes que os fiéis atribuem a esses santos em todas as áreas da vida humana, estão relacionados com as suas histórias de vida e milagres.

Para Oliveira e Araújo (2011) um dos fundamentos mais importantes do cristianismo, especialmente das Igrejas católica romana e ortodoxa, é a santidade. Desde o início, a Igreja católica já reverenciava Maria, mãe de Jesus, e também os primeiros apóstolos como santos. Assim que os seguidores de Cristo começaram a

ser perseguidos, passaram por sofrimentos físicos e foram até martirizados, por dar a vida pela evangelização, e, com isso, incluídos nessa categoria de santos. Já em torno do século IV, o caminho para a santidade não era somente o martírio, mas também o exercício da penitência e boas virtudes. Dessa forma, foram incluídos na lista não somente homens com esses perfis, mas também mulheres como Santa Rita, Santa Teresinha, Santa Cecília e tantas outras.

Em conformidade com Maestro (2002), ao lembrar-se dos santos, os que creem esperam que as suas bênçãos e virtudes sejam como as suas, como também os agradecimentos e os pedidos a Deus, perante as misérias e dificuldades da vida. Sendo assim, as orações dos fiéis estão entrelaçadas nas orações deles de tal forma que ao meditem em Deus rendem também homenagem aos santos do céu, pois são bem-aventurados, gozam da felicidade eterna e são cobertos de toda a verdade, de toda a paz, de toda a beleza e todo o amor.

A devoção aos santos nos obriga principalmente a imitar suas virtudes, seguindo seu exemplo. Eles merecem nosso culto e veneração porque conseguiram chegar à meta pelo caminho aberto por Cristo, e apresentam nossas orações e louvores ao Senhor. Os santos passaram por nossas experiências e dores nesta mesma terra (MAESTRO, 2002, p. 07).

A Igreja católica canonizou milhares de pessoas durante a história do cristianismo, sendo cada dia da semana dedicado a um deles ou a vários deles. Apesar dos nomes masculinos predominarem na lista dos santos festeiros, como Santo Antônio, São Pedro, São João, São Sebastião e tantos outros, há também muitas mulheres que se tornaram santas e algumas nem são lembradas. Não é o caso de Santa Rita de Cássia que é conhecida e venerada por devotos de várias partes do mundo. De acordo com a literatura, ela foi um modelo de esposa, mãe e religiosa da Ordem de Santo Agostinho.

Para Oliveira e Araújo (2011) existe uma concepção de que os santos fazem parte de uma tríplice ação entre *terra/céu/terra*. A explicação é que, de acordo com a crença das pessoas, se os santos estão hoje no céu foi porque viveram na terra, enfrentaram grandes desafios e conhecem bem a luta de cada ser humano. E, junto de Deus podem advogar as causas dos vivos que estão da terra, clamando por eles

¹ De acordo com a tradição católica o santo é aquele ou aquela que passou a sua vida fazendo o bem e, por isso, depois da sua morte, é considerado um intercessor junto de Deus, ou seja, torna-se um advogado para defender as causas dos seus devotos. (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1998).

junto a Deus. Dessa forma, cria-se uma intimidade entre o devoto e o santo impedindo qualquer tipo de formalidade. Através das imagens, os devotos demonstram por eles todo carinho, afeto e consideração. Eles são transformados em objetos de invocação nos momentos de desespero, e também de agradecimento.

Esse relacionamento do fiel com os santos, conhecido como devoções populares são práticas comuns entre os católicos brasileiros. Nesta prática, a figura do santo ocupa um lugar especial e as pessoas veem nele alguém que pode lhes socorrer nas aflições diárias, pois já as enfrentou aqui na terra. O número de santos cultuados no Brasil é imenso e boa parte deles é de devoção popular. Algumas dessas figuras jamais tiveram a legitimação oficial da sua santidade pela Igreja Católica, mas mesmo assim os devotos o reconhecem como os milagreiros que intercedem junto a Deus. São exemplos o Padre Cícero no Ceará, um dos mais populares do Brasil e também Frei Damião, de origem italiana que veio viver no Brasil.

De acordo com Silva (2003) a devoção popular significa uma veneração aos santos na tradição da Igreja Católica, com características e jeitos específicos de cada um se relacionar com os mesmos, formando entre ambos uma espécie de contratos ou aliança. Desse modo, o devoto costuma prometer retribuir algo, seja em forma material, ou simbólica, para adquirir uma graça ou agradecer o que já conquistou. Essa religiosidade é um tipo de organização do período do Brasil Colônia, mas que ainda é vivenciada de maneira bastante significativa nos dias atuais. É o popular em contradição ao erudito ou racional.

Para Lima (2006), não é fácil identificar historicamente o percurso de Santa Rita de Cássia, pois entre a data de sua morte e a divulgação dos primeiros escritos sobre ela, se passaram mais de 150 anos. Os primeiros relatos escritos sobre a sua trajetória de vida foram de autoria de um padre da irmandade de Santo Agostinho e feito a partir de relatos orais. A autora lamenta não ter conseguido acesso a essa primeira obra, pois esse documento histórico se encontra em Roma, junto ao processo de beatificação.

Eleitos pela crença popular tornam-se, aos olhos dos fiéis, pessoas singulares e diferentes, de acordo com suas ações e coerência de vida. Isso quer dizer que, para os devotos, o conceito popular de santificação passa tanto pela bondade quanto pelo sofrimento. A exigência vista para alcançar a santidade inclui percorrer um caminho que vai de

só de ter levado uma vida virtuosa, praticando o bem, rezando e seguindo os ensinamentos de Cristo, ou até mesmo ter vivido uma vida desregrada e pecadora. De acordo com a visão popular, o que conta muito é o momento da morte ou após ela. Dependendo do sofrimento passado, podem-se adquirir atributos favoráveis ao reconhecimento da santidade. (OLIVEIRA e ARAÚJO, 2011, p. 84).

Em conformidade com Souza (1995), Santa Rita completou seiscentos anos de nascimento na década de 1980 e durante esses seis séculos a devoção à “Santa dos impossíveis” continua a crescer diariamente. Dessa forma, as pessoas expressam o seu culto de várias maneiras, como colocar estampas grandes e pequenas nas paredes, beijar santinhos e guardá-los nos livros de rezas, entre outros. De acordo com o autor, especialmente nos momentos em que o desespero e o sofrimento penetram na vida do ser humano, as súplicas e os clamores se acentuam em direção à Santa Rita, considerada a Santa dos casos impossíveis e urgentes.

Menezes (2004) ressalta que as invocações sociais que os santos recebem não significam que estão sendo incluídos em algo novo ou que o devoto quer somente propagar uma moda de devoção. Ainda que alguns santos, vez ou outra, saiam do cenário, enquanto outros são incluídos. Dessa forma, a autora acentua:

Se, do ponto de vista canônico, um santo é sempre um santo (a menos que seja comprovado como uma ficção histórica, como uma figura lendária), do ponto de vista de sua importância para os devotos, isto é, para os grupos sociais que deles fazem uso, é possível ocorrer o abandono de devoções. Elas podem ser deixadas de lado, e permanecer latentes, até que em um novo contexto a atenção caia de novo sobre elas, ou mesmo podem permanecer “vivas” apenas nos registros canônicos e hagiológicos, sendo pouco ou nada cultuada pelos fiéis. Portanto, no conjunto virtualmente infinito das comunidades dos santos, os grupos sociais recortam grupos e subgrupos, com os quais estabelecem vínculos, e sobre os quais realizam acréscimos e reduções. (MENEZES, 2004, p. 199-200)

De acordo com Maestro (2002) Santa Rita nasceu no ano de 1381, final do período da Idade Média, em Roccaporena, um pequeno povoado da Úmbria italiana. Seus pais chamavam-se Antônio e Amada Lotti. Esta Santa tornou-se conhecida por realizar milagres desde a sua infância, recebendo o apelido de “Santa Rita dos casos impossíveis”. As rosas são o seu símbolo e a festa em sua homenagem acontece sempre no dia 22 de maio. A explicação para o símbolo das rosas é que, segundo a literatura, em 1447, período de inverno rigoroso, na Itália, em que toda região estava coberta de neve, Rita recebeu a visita de uma prima no mosteiro,

quando se encontrava doente e de cama. E foi na época da visita que a roseira floriu, na temporada do frio, contestando a lei natural que, segundo a qual, as flores não brotavam nessa estação.

Sua prima ficou surpresa ao constatar que próximo ao portão de sua casa haviam brotado duas rosas e que também tinham figos maduros. Segundo a tradição, o perfume das rosas se espalhou por todo o convento e, por isso, todos os anos no dia da sua festa, milhares de devotos vão às igrejas com as rosas nas mãos para serem abençoadas e trocadas aos pés da Santa. Relembrando esse milagre das rosas, Maestro (2002) assinala que os religiosos da ordem agostiniana levam rosas, todos os anos, na festa de Santa Rita para serem abençoadas. Depois, quando chegam em casa, fazem chá com as mesmas ou as guardam com muita fé em um local apropriado. Assim, o autor acentua que:

Estando enferma, de cama, foi visitada por um parente sua prima, que lhe perguntou-se queria que lhe fosse trazido algo de sua antiga casa. Rita disse: lhe que queria uma rosa de seu jardim de Roccaporena. A parente sorriu para si mesma, porque estavam em janeiro, e julgou que Rita delirava por causa de enfermidade. No entanto, ao chegar à sua casa e visitar o jardim, viu no meio do roseiral uma rosa fresca e colorida, a qual levou para Rita. A parenta, pois, colheu a rosa e o figos e, voltando para Cássia, entregou-os a Rita, que, sozinha em sua cela, exclamou: “Como Deus é bom!”. A rosa exalava uma fragrância que se espalhou por todo o convento (MAESTRO, 2002, p. 94).

São inúmeros os fiéis que vão às igrejas no dia da festa com os botões de rosas nas mãos para serem abençoadas, trocadas ou oferecidas à Santa Rita. Dessa forma, Lima (2006) que também pesquisou a sua devoção e representação, tanto para os devotos de Viçosa quanto no Rio de Janeiro, destaca que:

(...) até hoje as rosas são bastante significativas entre os atributos da Santa. Também o ramo seco que Rita agudara no Mosteiro com tanta obediência, a mando das irmãs, teria inexplicavelmente florescido, dando muitas uvas. Estes relatos, atrelados às histórias dos êxtases, dos flagelos e do estigma sofrido por Rita teriam se espalhado para além dos muros do convento, ajudando na composição da sua fama milagreira. (LIMA, 2006, P. 44)

Segundo conta a história, um dos milagres realizados por Santa Rita, ainda recém-nascida, foi quando recebeu um ataque de um enxame de abelhas. De acordo com Cuomo (2009), um homem que trabalhava na roça, perto ao local onde os seus pais a haviam deixado para cultivar o campo, cortou a mão de forma

profunda com a foice e começou a perder muito sangue. Quando passou próximo ao berço para buscar socorro, percebeu aquela criança com o rosto coberto de abelhas. Não hesitou em parar e estender as mãos para espantá-las e, quando recolheu o braço, sentiu que a sua ferida havia sido curada.

Lima (2003) acentua também que a história de Santa Rita de Cássia é repleta de manifestações divinas, a começar por sua concepção no ventre de sua mãe, uma vez que os seus pais já não se encontravam mais em idade para gerar filhos. Por isso a gravidez só foi possível por meio de muitas orações do casal. O nascimento da menina foi considerado um presente de Deus e por isso a colocaram o nome de Rita² em resposta aos sinais que receberam de Deus por meio de suas preces. Neste sentido Marcchi (1994) também ressalta o carinho com que os seus pais a educaram:

Rita era, pois, para seus pais, um precioso dom concedido à sua fé e às suas orações e, como eles ignoravam totalmente as coisas profanas, esmeravam-se em educar sua filha nos sentimentos religiosos. Faziam com que sua mãozinha traçasse o sinal da cruz e enviasse beijos às imagens de Jesus Crucificado ou da Santa Virgem (...) (MARCCHI. P. 18, 1994).

A respeito da cultura do lugar onde Santa Rita nasceu Cuomo (2009) assinala que era uma região onde o ódio e a vingança tinham estruturas sólidas. Isso era considerado tão natural que a vingança era regulada por lei. O estatuto da cidade de Cássia afirmava que as pessoas que ali viviam podiam vingar um crime mortal também com morte. Por causa disso, a região tinha uma tradição de ser muito violenta, devido as constantes revanches. Sendo assim, fazia-se necessário a utilização de moradores para a missão de pacificação, conhecidos também como juizes de paz. Os pais de Rita, por possuírem boas condições econômicas, faziam parte desse grupo de conciliadores e harmonizadores, utilizando-se da fé para convencer as pessoas a não praticarem a criminalidade.

De acordo com as literaturas, Santa Rita foi uma mulher comum que viveu no final da Idade Média. Namorou, foi pedida em casamento, contraiu o seu matrimônio ainda na adolescência e teve dois filhos. No entanto, desde o início do matrimônio o seu marido, Paulo Ferdinando, começou a apresentar má índole.

² Rita é o diminutivo do nome italiano Margherita, que deu origem à Margarida, a partir do grego Margarítes, do latim Margarita, que quer dizer literalmente “pérola” (SIGNIFICADOS DE NOMES PRÓPRIOS: significados dos nomes. Disponível em: <<https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/rita/>> Acesso em: 27 de fev. de 2018).

Segundo Weschenfelder (2012) aquele homem recém-casado passou a sair em companhias de pessoas com influências negativas, ir para as casas noturnas daquela época e se envolver com jogos e bebidas. Chegou ao ponto de participar de brigas e atrair para si o ódio de muitos colegas. Em consequência da falta de limites, tornou-se um alcoólatra e ao retornar para casa, encontrava a sua mulher em constante oração pela sua mudança de comportamento.

E, como destaca Lima (2006), Santa Rita assumiu um papel de esposa obediente e calada, que suportou todas as humilhações do marido sem pensar em reagir. Ao invés de murmurar com as pessoas a respeito do seu sofrimento, preferia ajoelhar-se diante de Jesus Crucificado, onde, com lágrimas, orava e pedia forças para vencer todas as dificuldades no casamento. Às vezes, quando o marido levantava a mão para lhe bater, colocava-se de joelhos e lhe suplicava o perdão, com sentimento de culpa. Dessa forma, a autora salienta que:

Decorrente dessa ideia, na escalada social dos poderes atribuídos a homens e mulheres, a elas cabia, o papel, o domínio do lugar privado (tão importante no século XIX), a casa, lugar exclusivo no qual poderiam e, sobretudo, deveriam, exercer o poder. Nesse sentido, acreditamos que muito daquilo que os homens da Igreja escreveram para mulheres foi fruto do que queriam ver nelas – um suporte para a religião, que começava a sofrer golpes importantes com a laicização do mundo. Era preciso destinar um lugar especial a elas, que iriam ensinar os novos homens ajudando, portanto, na construção e na manutenção da ordem social (LIMA, 2006, P. 58).

Afirma Maestro (2002) que depois de algum tempo Paulo se converteu e passou a ir às missas com ela e os filhos. Mas infelizmente ela não pôde aproveitar esse lado mais tranquilo do marido após a sua conversão, pois logo foi assassinado. Na concepção de Marchi (1994) o marido de Santa Rita possuía vários inimigos devido ao seu caráter violento. Toda vez que alguém lhe ofendia, procurava vingar-se e, quando não conseguia, despejava a sua raiva e frustração sobre a sua mulher de maneira agressiva, principalmente quando estava alcoolizado. Suas colegas a consideravam uma mulher sem rancor devido a tamanha resignação.

A literatura conta a vida da Santa Rita como uma mulher que aceitou as brutalidades do marido como se fossem determinados por Deus. Através de sua confiança nele e muitas orações, Rita venceu as atribulações no casamento e conseguiu mudar o comportamento de seu marido, tornando-o mais calmo e menos violento. Marchi (1994) assinala que ela era injuriada e espancada sem justificativa

alguma, mas ainda assim, não reclamava. Era rigorosa em obedecer ao seu marido, não ia nem mesmo à missa sem a permissão do mesmo. Acatava ao autoritarismo de forma submissa.

Marchi (1994) ressalta que em um determinado momento Santa Rita começou a ter medo de que seus dois filhos vingassem a morte do pai, coisa que era comum naquele período e naquele lugar. Quando percebeu que os dois garotos já estavam ficando revoltados e com desejos de morte, rogou a Deus que lhes tirassem a vida. Para ela era preferível ver os dois filhos mortos, mas com a chance de ganhar a salvação a vê-los perdidos no mundo do crime. Não demorou muito tempo para que os dois meninos adoecessem e morressem. Sozinha, sem o marido e os dois filhos, entregou sua vida às obras da Igreja Católica, indo viver em um convento agostiniano. Santa Rita sofreu muita resistência para ser aceita no convento, principalmente devido a sua idade, já com mais de 30 anos, pois nessa época as meninas entravam para o convento ainda na infância ou adolescência. Assim fala o autor:

(...) Rita bateu à porta das agostinianas de Santa Maria Madalena e expôs à superiora o seu ardente desejo. Seu aspecto humilde e piedoso certamente causou excelente impressão na boa religiosa; mas o convento, que somente recebia jovens solteiras, jamais havia aberto suas portas a uma viúva, e a pobre mulher, apesar de suas súplicas, se viu rejeitada. (MARCHI, 1994, p. 43)

De acordo com Cuomo (2009) a razão que levou as superiores a rejeitarem Rita no convento por diversas vezes não foi por ela ser viúva ou falta de dotes, pois ela possuía bens suficientes. O motivo foi o fato de ter sido casada com um homem assassinado, de modo que pudesse atrair um processo de vingança. Acolher aquela viúva significava colocar em perigo a segurança de toda a comunidade agostiniana daquele lugar. No entanto, Rita não desistiu do seu sonho de ser freira e intensificou as suas orações pedindo a intercessão dos seus santos de devoção. Fez sacrifícios, entregou-se a orações, cobriu-se do frio com pele de cabra e escalou os montes, às vezes à noite, sozinha e na escuridão, como forma de penitências.

Segundo Celina Weschenfeld (2012) existe uma lenda que, em uma noite de terrível tempestade, Rita estava rezando no monte Scoglio. Subitamente, ela percebeu que alguém a pegou pela mão e a carregou até o convento, atravessando portas e janelas trancadas. No meio de uma luz, ela viu seus três santos protetores

– João Batista, Santo Agostinho e Nicolau de Tolentino – que se revelaram a ela antes de desaparecer. Marchi (1994) assinala que quando as religiosas iam se reuniram em silêncio para rezar, ficaram espantadas ao encontrar Rita que tinha sido inúmeras vezes rejeitada. Imediatamente iniciaram um interrogatório para saber como ela havia conseguido entrar, já que o mosteiro continuava fechado e sem sinal de arrombamento. Rita explicou que conseguiu entrar no convento através da intervenção milagrosa de Deus e dos santos. Sentiu que a sua fé e sacrifícios não fora em vão e por isso, a madre superiora também não pode colocar mais nenhum obstáculo.

Maestro (2002) evidencia que Santa Rita após ficar viúva e sem os dois filhos, entrou no Convento de Santa Maria Madalena de Cássia de forma milagrosa, em 1407. Tinha nessa época 36 anos de idade e passou a pertencer à ordem de Santo Agostinho. Fez três votos de consagração a Deus: obediência, pobreza e castidade. Já havia sido um exemplo de “boa moça” na juventude. Como esposa foi fiel ao seu marido, uma mãe amorosa, e como viúva não recusou a entregar-se aos planos de Deus para ser um modelo de mulher consagrada, seguindo a Regra de Santo Agostinho. Sua alma tinha duas características: uma metade era ativa e a outra metade contemplativa. Tanto ela quanto as outras monjas pensavam que obedecendo à superiora, obedeciam ao próprio Deus. Assim, o autor destaca que:

Toda a sua vida de mulher consagrada a Deus foi um contínuo subir de degraus com sua oração e sacrifícios constantes por amor, exercendo a caridade com as irmãs, especialmente as mais velhas, animando e dando alegria a todas, ajudando os pobres como esmoleira do mosteiro. Em tudo isso, animava-a sua experiência de ter sido excelente esposa e mãe (MAESTRO, 2002, p. 77).

Em conformidade com Lima (2003), o caminho percorrido por Rita após entrar para o convento, com seus flagelos, sacrifícios e jejuns, estava relacionado a um modelo de mística feminina que cresceu na Europa a partir do século XIII. Este tipo de religiosidade acreditava que a mulher estaria mais apta a compreender o mistério da salvação e, dessa forma, poderia se assemelhar fisicamente com Jesus Cristo. E no caso de Santa Rita de Cássia, Marchi (1994) a caracteriza como uma mulher dócil, alegre, disponível em ajudar as pessoas, obediente e de grande amor pelo retiro e oração.

Lima (2003) acentua também que após tornar-se monja da ordem agostiniana, Rita não hesitou em cumprir e aceitar com resignação todas as recomendações impostas socialmente pelas irmãs superiores às mulheres viúvas. No convento, ela orou, jejuou e ajudou com bondade e caridade a muitas pessoas. Alimentava-se pouco, vivendo especialmente de comunhões diárias. Além disso, por escolha própria, Santa Rita não dormia em camas comuns, mas em cela muito desconfortável. Não variava de roupas, usava sempre um mesmo hábito, feito de tecido grosso e aplicava em si algum tipo de tortura, quase todos os dias. A sua vida foi marcada pela obediência e bondade.

A respeito da característica de obediência de Santa Rita, Cuomo (2009) ressalta que logo que ela chegou ao convento foi submetida a uma prova de obediência e humildade. Foi exigido que ela aguasse todos os dias um galho seco de uva.

Era uma videira, destinada a conquistar nos anos subsequentes uma espessura majestosa, não só por seu tronco maciço e as ramas viçosas, mas também pela maravilhosa repercussão que suscitou na legenda rítiana. E graças àquela videira, a prova de humildade a que Rita fora submetida traduzia-se em um engrandecimento dos seus poderes espirituais, testemunhados por um evento que as crônicas registram como o seu primeiro milagre como freira (CUOMO, 2009, p, 208).

Santa Rita é também representada com um espinho na testa com o objetivo de demonstrar o sofrimento que Deus lhe concedeu, em consequência da sua devoção a paixão de Cristo. Assinala Jesús Álvarez Maestro (2002) que Rita se colocava a meditar muitas vezes nas dores e na paixão de Cristo. Ela fazia isso motivada por um padre franciscano, o bem-aventurado Giacomo de Monte Brandone, da Igreja de Cássia. O autor menciona que Rita, por ocasião da Semana Santa:

custava manter-se em pé. As irmãs se ofereceram para acompanhá-la de volta ao convento. Não quis perder o restante das funções, que se prolongaram até a noite. Seguiu a procissão inteira com os vários quadros do martírio, desde a cena da flagelação à do pregar dos cravos e à morte. Percorreu entre as demais irmãs, becos e ruas de Cássia, descendo pelo casario que, de Santa Maria do Povo, em íngreme declive, se estendia até a fortaleza. Estava escuro quando percorreu novamente, agora subindo, o caminho da igreja, onde a procissão terminou, até o mosteiro. Dentro daqueles muros aconteceu, algumas horas depois, o fato mais extraordinário - não mítico, como o vôo do Scoglio, mas real - da sua experiência mística. (CUOMO, 2009, p. 262-263).

De acordo com Maestro (2002) depois que Santa Rita escutou os sermões da Paixão de Cristo sobre os flagelos de Jesus, presididos pelo bem-aventurado Giacomo, passou a rogar a Deus que a concedesse um pouco de suas dores, quando um espinho da coroa de Jesus veio se instalar em sua testa. No mesmo instante, sofreu uma dor intensa e a chaga permaneceu no seu rosto no decorrer dos últimos quinze anos de sua vida, exalando um odor desagradável. Por essa razão, ela ficou aprisionada em sua cela na maior parte do tempo até a sua morte. Além desse estigma, desejou sofrer outras mortificações para identificar-se com o Cristo. Em suas figuras, está sempre retratada com um espinho enterrado na fronte.

Cuomo (2009) evidencia que por inúmeras vezes as suas companheiras do convento a encontraram desmaiada no meio da madrugada, enfraquecida pela dor que o ferimento lhe causava. Tratava-se de um ferimento profundo com sangramento e que necessitava de cuidados medicinais, mas ainda assim, Rita demonstrava-se alegre por ter recebido aquele espinho. E mesmo depois de ter sido colocada em um local separado no convento, a população não demorou muito para saber que ela havia recebido uma chaga de Cristo. Por isso, ainda em vida era considerada uma Santa com poderes de realizar prodígios. Dessa forma, (Maestro, 2002, p. 158) evidencia que Rita:

penitenciava-se três vezes ao dia, uma pelos defuntos, outra pelos benfeitores e outra por todos os pecadores do mundo. Meditava muito sobre a Paixão do Senhor. Em sua cela, havia feito um lugar a que chamava de "santo sepulcro", e ali uma vez esteve em êxtase tantas horas, que acreditaram tivesse morrido, e isso lhe acontecia quase diariamente, pois orava desde a meia noite até o amanhecer. Uma vez lhe pediram que fizesse oração por uma criança enferma e, feita a oração, a mãe voltou para casa e encontrou sua filha curada pela oração de Rita (MAESTRO, 2002, p. 158).

De acordo com Lima (2003) os relatos da espiritualidade elevada de Rita de Cássia, o estigma na testa e os sofrimentos não ficaram apenas dentro do convento, mas se espalharam por toda a região de Cássia, contribuindo para que a mesma ganhasse fama de mulher milagreira. Por esta razão, ainda em vida, uma senhora que morava no campo a procurou, de maneira aflita, para pedir ajuda para sua filha que havia parado de andar depois de sofrer um acidente. A futura Santa ouviu aquela mãe com atenção, lhes disse algumas palavras de ânimo e a menina voltou a andar. O que justifica o título popular de Rita advogada das causas impossíveis é o

fato de ter sido confirmado pelas autoridades que ela realizou curas que na sua época não eram consideradas possíveis pela ciência.

Em conformidade com Lima (2006) o hematoma que permaneceu na face de Santa Rita como estigma que recebera de Cristo, causou dor e sofrimento sem nunca lhe dar descanso ou curar por completo. Ela carregou esse sinal pelo resto dos seus dias aqui neste mundo. No entanto, de acordo com a autora, com exceção de uma ocasião específica, o machucado deu sinais de sumiço. Foi quando Rita desejou seguir uma romaria para visitar o Papa Nicolau V. Era comemoração do ano de Jubileu e muitas pessoas iam à Roma para festejar essa data. No entanto, as irmãs haviam proibido Rita de ir, devido a sua ferida que soltava um pus e exalava mau cheiro. Ela então começou clamar a Deus para que curasse aquela chaga somente por alguns dias, prodígio que possibilitou a sua ida à cidade do Papa. Mas assim que retornou para o convento, a ferida se abriu novamente. Esse fato foi também considerado um milagre.

Conforme Maestro (2002), Santa Rita desenvolveu sua vida nas situações mais difíceis, com generosidade e fidelidade a Deus, apresentando respostas aos problemas do cotidiano. Os homens e mulheres das fraternidades agostinianas deverão fixar-se nela para seguir fielmente a Cristo. Ela foi modelo de esposa, mãe e religiosa agostiniana. Desde pequena tinha o desejo de seguir uma vida celibatária, mas o seu pai a obrigou a se casar ainda muito jovem. Seu marido era homem violento e no início do casamento chegou a bater nela, além disso, também se envolvia em confusões com outras pessoas.

Na visão de Arias (2005) Santa Rita perseguiu todas as trilhas para estar em plena união com Cristo. Entregou-se na gratuidade do amor como esposa, mãe e religiosa. No entanto, o segredo da sua popularidade talvez não esteja na razão de ter passado muitos anos presa no convento, dedicando a vida em oração. Ainda que ela tenha sido um modelo de alma mística e tenha cumprido todas as regras do convento, o que ficou nítido após o seu falecimento e que pode explicar o seu prestígio entre as pessoas é o fato de ter usado boa parte do seu tempo fazendo o bem aos necessitados daquela cidade onde vivia como religiosa de clausura. Ajudava os doentes, especialmente àqueles que padeciam de lepra, um grande número naquele período, que pode estar relacionada ao fato de seus dois filhos terem morrido desse flagelo.

Maestro (2002) ressalta que a Santa Rita de Cássia, tão cultuada atualmente pelos cristãos não era vaidosa e nem orgulhosa de si, mas representou uma mulher humilde e simples. Durante a sua vida, soube suportar, em silêncio, todas as adversidades da vida. Sofreu pelo assassinato de seu marido quando ainda era muito jovem, assistiu a morte de dois filhos e, após ingressar no convento, ficou quinze anos reclusa por causa do estigma em sua testa. Passou pelo mundo ajudando as pessoas e entregando-se a Deus. Seu exemplo de fé e fidelidade a transformou em um modelo de ensinamento para a humanidade nas horas mais amargas. Sendo assim, de acordo com Souza (1995) muitas pessoas, especialmente as mulheres, recorrem a ela nos momentos de provações.

Na pessoa de Rita, a Igreja quer agradecer a todas as mães sofredoras. São elas – e quantas! – que espalham pelo mundo a devoção à Santa e a tornam, talvez, a mais popular das Santas. Que Deus abençoe todas as mães, porque elas, quando ganharam um filho, ganharam uma cruz também. (SOUZA, 1995, p. 93).

Essa mulher do final da Idade Média, em conformidade com Maestro (2002) significa muito mais que histórias religiosas, significa um exemplo feminino, pois em toda a sua história de vida, deixou transparecer as magníficas graças que recebeu de Deus. Teve uma vida marcada pelo sofrimento, mas em contrapartida foi uma pessoa meiga e se tornou querida por devotos de todo o mundo. Experimentou todas as formas de amor: namorou, foi pedida em casamento, tornou-se esposa, mãe e, por último, religiosa de clausura. No convento, não rezava somente com palavras, mas viveu a prática de ajudar ao próximo, acolhendo os pobres e sofredores. Talvez, de acordo com (Maestro, 2002), essas sejam as suas principais diferenças da maioria de mulheres santas que não se casaram e nem tiveram filhos.

1.2. Devoção à Santa Rita no mundo e no Brasil

Apesar de ter pouco mais de um século da canonização de Rita de Cássia, Maestro (2002) ressalta que ela foi beatificada popularmente pelo povo cristão logo após a sua morte, sendo chamada de bem-aventurada já em 1472. Nessa mesma época, foi feito um hino litúrgico em sua homenagem e recebeu uma pintura na

igreja de Santo Agostinho para marcar presença ao lado de Santa Catarina e Santa Luzia.

O culto em sua homenagem, segundo Maestro (2002), é celebrado desde 1564 e a partir dessa ocasião o mosteiro Santa Maria Madalena mudou o nome para Mosteiro de Santa Rita em sua homenagem. As próprias monjas cuidaram de alterar o nome do local nas documentações. Neste mesmo sentido Weschenfelder (2012) salienta que Rita já era muito estimada por gente de toda a região onde vivia devido ao seu exemplo de oração e de caridade. Depois que ela partiu desse mundo a sua devoção se expandiu rapidamente, porque pessoas pediam a sua intercessão e eram curadas. Assim, o autor salienta que:

são inúmeras as instituições, igreja, capelas, fábricas, confrarias e congregações que recorrem a seu patrocínio em todo o mundo. Milhares de fiéis acodem, todos os anos, por ocasião de sua festa, ao belo templo que os padres agostinianos (...) lhe dedicam em Madri, e esses mesmos religiosos publicam, em Granada, uma revista intitulada Santa Rita e o povo cristão, com milhares de assinaturas em toda a Espanha, onde aparecem numerosos agradecimentos pelos favores dela recebidos. O mesmo se pode dizer da Alemanha, França, Argentina etc. Em todas as partes, especialmente na Itália, continuam a ser dedicados a Santa Rita novas igrejas e santuários, instituições de caridade para ajudar os pobres, orfanatos, escolas etc. (MAESTRO, 2002, p. 148-149).

Em conformidade com Lima (2003) a devoção à Santa Rita de Cássia se originou na Itália e se espalhou por vários outros países da Europa, especialmente para Portugal e Espanha, no período de passagem da Idade Média para a Moderna. Já Marchi (1978) enfatiza que a fé na Santa dos casos impossíveis surgiu logo após a sua morte, mas teve o seu auge no período da sua canonização, em 1900. Partindo da Itália, passando por Portugal e Espanha, sua devoção se expandiu principalmente na América Latina e Filipinas, dando nomes a novas cidades criadas pelos imigrantes e também sendo homenageada com seu nome em igrejas no Canadá e Estados Unidos. Em seguida, um ano após a sua canonização, foi criada pelos agostinianos a sociedade das Obras de Caridade de Santa Rita onde reúnem mulheres de diversos perfis, inclusive da elite, para recolher donativos e produzir, por mãos próprias, roupas para doação às pessoas necessitadas. A respeito da época em que foi canonizada, Cuomo (2009) ressalta que:

Rita foi proclamada bem-aventurada em 16 de julho, em Roma, com uma missa solene em Santo Agostinho. Dela participaram 22 cardeais e os expoentes mais representativos da aristocracia pontifícia. Deslustrou a esplêndida cerimônia a sombra do nepotismo, já que foi o cardeal Antonio Barberini, ávido sobrinho do papa, quem cuidou pessoalmente de todos os detalhes. Estava já planejando nessa ocasião, junto com o irmão Francesco, também cardeal, como arrancar de Farnese as senhorias de Castro e Ronciglione, pelas quais haveria de desencadear uma inútil e sangrenta campanha militar (CUOMO, 2009, p. 376).

Já no Brasil, a sua devoção teve começo no Rio de Janeiro antes de 1710, com a chegada de uma família nobre de Portugal que estavam no Brasil a trabalho por ordem do rei D. João V. Como eram devotos de Santa Rita de Cássia, trouxeram um quadro com sua imagem e por vários anos lhes prestavam culto no local onde moravam. De maneira simples, mas com devoção e fervor, todos os anos, no dia 22 de maio, os nobres portugueses reuniam muitos religiosos na residência senhorial, para a veneração da santa de devoção da família. Assim, toda a comunidade próxima era convidada.

Não demorou muito tempo para ampliar o local de veneração construindo na propriedade uma capela (atual Igreja de Santa Rita) e mandaram vir de Portugal uma magnífica imagem da Santa (até hoje no altar), que foi guardada na Igreja da Candelária enquanto se construía o pequeno templo, cuja pedra fundamental foi colocada em 1720. Tudo foi custeado pelo fidalgo Nascentes Pinto. Tal foi o seu reconhecimento dado que em 1721 já estavam prontos: a Capela-mor, a sacristia e o consistório da Igreja. Nessa época também foi criada a Irmandade de Santa Rita de Cássia, que assumiu a administração da Igreja em 13 de maio de 1721, nesse documento o benfeitor reservava para si o padroado da Igreja, até então propriedade particular³.

Lima (2014) também ressalta a respeito da primeira igreja da América Latina dedicada à Santa Rita de Cássia. Construída no centro da cidade do Rio de Janeiro, no local chamado Largo de Santa Rita, onde são realizados eventos devocionais durante todo o ano. Em sua tese buscou analisar os modos de simbolização e as transformações nos ritos de devoção à Santa Rita de Cássia. O seu estudo teve como foco a antropologia da devoção e procurou entender as diferentes maneiras de entrar em contato com a Santa, por meio de objetos ligados ao seu culto, de forma especial as rosas e as imagens, reconhecidas como símbolo de Santa Rita. Durante

³ <<http://www.matrizdesantarita.org.br>> Consulta realizada em 03 de mar. 2018.

o período da sua pesquisa Lima visitou o lugar com frequência e participou das celebrações em honra à Santa e também no cotidiano, fora das datas de comemoração a essa devoção. Acompanhou também, nesse mesmo período, as devoções à Santa Rita em outros municípios.

O trabalho desenvolvido por Lima (2006), na cidade de Viçosa, foi investigar de que forma a devoção era repassada no ambiente familiar e que poder as mulheres exerciam nessa transmissão. O seu interesse era pesquisar o que motivava essas mulheres a se vestirem e a vestirem as suas crianças, imitando a imagem de Santa Rita de Cássia. Qual era a razão de fazer isso? A partir do momento em que ela foi se tornando conhecida pelas pessoas daquela paróquia, o seu movimento foi acontecendo, de fora, da condição de observadora, para dentro, na condição de participante e atuante na paróquia. Através dos diferentes trajetos da pesquisa à Santa e seus devotos é que pôde observar a interatividade entre ambos. Foram as imagens, as rosas, os artigos religiosos, entre outros objetos, a recuperação das dimensões simbólicas, o ritual da devoção no cotidiano e nos eventos relacionados ao culto de Santa Rita que construiu os problemas apresentados na tese.

Andrade e Boechat (2013) também pesquisaram a devoção à Santa Rita. Eles fizeram uma análise a respeito da maneira como os devotos constroem a imagem milagrosa, partindo das súplicas para sua intercessão e depoimentos pelas graças alcançadas. As suas pesquisas sobre a devoção à Santa Rita e as manifestações das devoções em santuários, como também as suas representações, se concentraram no interior do Paraná, em uma cidade chamada Lunardelli, com cerca de seis mil habitantes.

Em 1963, de acordo com Andrade e Boechat (2013), foi celebrada nesse local a primeira missa e cinco anos depois, no dia 22 de maio, a igreja recebeu a imagem de Santa Rita como um marco histórico da devoção a Santa na cidade. Atualmente, a Gruta da Santa em Lunardelli é uma das mais visitadas na região. De acordo com esses autores, a religiosidade católica tem um papel muito significativo porque é onde os vários grupos sociais se reinterpretem, reorganizam e recriam suas percepções para adequar-se às demandas da vida contemporânea.

Lunardelli, cidade abençoada por Deus, e protegida pela sua filha Santa Rita. Cidade que passou por uma verdadeira transformação para acolher milhares de peregrinos que vêm até o Santuário para manifestar a sua fé a

Santa das “causas urgentes”. (...) é uma pequena cidade que está localizada na região central do Paraná e é o destino de milhares de peregrinos que veem até o Santuário de Santa Rita de Cássia, para manifestar a sua devoção⁴. (HISTÓRIA DO SANTUÁRIO DE SANTA RITA DE CÁSSIA – Lunardelli, PR, 2015).

No seu trabalho de dissertação, Lima (2011) buscou compreender a devoção a Santa Rita na cidade de Viçosa, Minas Gerais. Nessa empreitada, procurou respostas para o seguinte questionamento: O que motiva os fiéis, especialmente as mulheres, a se identificarem com a Santa? A autora fundamentou as suas análises a partir das discussões de gênero e da História Cultural, da História Oral, bem como na observação participante e decidiu ouvir os devotos com o objetivo de pensar a devoção através de seus atores, de suas atitudes e representações. A pesquisa de campo acabou lhe surpreendendo e superou as suas expectativas.

No início da pesquisa Lima (2011) destaca que se reuniu com algumas mulheres, em diálogos informais, para que essas pudessem falar a respeito da Santa. Por meio desses contatos, percebeu que o sofrimento era fato assíduo como representações para muitos devotos. A Santa é representada para elas como um enorme modelo de mãe e de esposa, devido a sua humildade e tolerância pelo fato de ter sido para a sua própria família um tipo de força moral e religiosa.

Já a Paróquia de Santa Rita de Cássia em Santa Cruz, Rio Grande do Norte, fundada em 27 de março de 1935, através da aprovação e criação da Freguesia de Santa Rita pelo Conselho do Governo Provincial, sob a presidência de Basílio Quaresma Torreão, também se destaca por celebrar a sua padroeira⁵. Os autores Cabral e Silva (2015) também pesquisaram a devoção à Santa Rita naquele município. Para os autores, o turismo religioso no santuário dedicado à Santa, na cidade de Santa Cruz, tem sido cada vez mais intenso. Essa igreja se localiza em um terreno de elevação ao lado da cidade, onde já recebe visitas com interesses religiosos, desde 1920. No entanto, durante muitos anos as orações eram ali dedicadas a Nossa Senhora do Carmo, mas aos poucos foram sendo transferidas à Santa Rita.

Santa Rita é padroeira da cidade de Santa Cruz, Rio Grande do Norte, inclusive lá está a maior estátua católica do mundo dedicada a ela, com 56 metros

⁴ **História do santuário de Santa Rita De Cássia** – Lunardelli, PR, 2015. Disponível em: <santaritalunardelli.com.br>. Acesso em: 27 de mar. 2018.

de altura. Os devotos daquela região a consideram Marinha dos sertões. Em Minas Gerais também existe uma cidade chamada Cássia em que Santa Rita também é a padroeira, e seu aniversário coincide com o dia da sua festa⁶. Dessa forma, Farias (2013) destaca que:

as homenagens à Santa Rita de Cássia revelam as diversas formas que os fiéis/peregrinos procuram por demonstrar sua devoção, seu amor e sua gratidão diante dos pedidos realizados à Santa. Na cidade de Santa Cruz, estas homenagens possuem grande participação da comunidade e de visitantes dos mais diversos lugares do Brasil (FARIAS, 2013, p. 31).

Segundo Farias (2013) a festa em Santa Cruz apresenta diversos momentos de expressão como subir ao Alto de Santa Rita, seja sozinho ou em grupos para pagar promessas, participar de procissões e romarias ou rezar nas missas tanto na capela do Santuário quanto na Igreja. Essas comemorações acontecem todos os anos sempre no mês de maio. São momentos em que amigos, parentes e conhecidos se reencontram e interagem através das músicas populares, danças, especialmente o forró, em clima de alegria e descontração.

Segundo Cabral e Silva (2015), apesar do Santuário em Santa Cruz, Rio Grande do Norte, ter sido inaugurado em 2010, ele já acolhe devotos de diversas regiões, inclusive de outros municípios distantes. Os fiéis, no intuito de ganhar bênçãos e milagres através da Santa, fazem barganhas, lhes oferecem orações, esmolas, sacrifícios e participações em rituais. A cidade, depois da construção do santuário, vem sofrendo transformações em diversos aspectos como no econômico, na política e na religião. A movimentação em torno da igreja é permanente, especialmente nos finais de semana.

Farias (2013), acentua também que a história de Santa Cruz, desde o seu surgimento, é permeada pelos relatos e meditação a respeito da Santa Rita de Cássia. Deste modo, essa Santa Católica tornou-se referência para todos os moradores do município, sobretudo depois que construíram a enorme estátua em sua homenagem. A cidade de Santa Cruz passou a liderar não só a religiosidade da região, mas também a economia e cultura.

⁵ **Paróquia Santa Rita Cássia**. Disponível Em: <www.Paroquiasantaritarn.Com.Br>. Acesso Em: 27 Mar. 2018.

⁶ **Santos e ícones católicos: História de Santa Rita de Cássia**. Disponível Em: <www.Cruzterrasanta.Com.Br> Consulta Realizada Em: 23 De Mar. 2018.

1.3 – A Paróquia de Santa Rita no bairro Bonfim em Juiz de Fora

O conceito de paróquia, segundo o Catecismo da Igreja Católica (2000), refere-se a uma determinada comunidade de fiéis estabelecida de forma estável na Igreja particular. Essa comunidade é administrada e cuidada pelo seu pastor próprio que é o pároco, com consentimento e autorização do Bispo da diocese. Dessa forma, a paróquia é o lugar onde as pessoas se encontram para a celebração eucarística de domingo e então acontece a iniciação desses homens e mulheres na expressão ordinária da vida litúrgica. Também na paróquia é ensinada a doutrina de salvação de Jesus Cristo e a prática da caridade em Deus, através da fraternidade e de boas obras⁷.

A Igreja de Santa Rita, no Bairro Bonfim, em Juiz de Fora, pertenceu à Paróquia Nossa Senhora da Glória, no período de 1940 a 1944, quando ainda era uma capela. Em 08 de janeiro de 1944, tornou-se a Paróquia de Santa Rita de Cássia, visando contribuir com o desenvolvimento não só daquele bairro, onde está situada, mas também de outros bairros vizinhos. Nos seus primeiros anos, a administração paroquial ficou por conta dos padres da diocese desta cidade. Entretanto, a partir de 1944, os padres Crúzios (Ordem



Figura 01 – Fachada da Igreja. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em: 05 mai. 2018.

Religiosa da Santa Cruz), tomaram a frente, permanecendo até o ano de 2006. A partir de então, a diocese assumiu novamente a direção e, em 2010, o padre Antônio Camilo de Paiva tornou-se o pároco administrador da comunidade, juntamente com o seu irmão o padre Erelis Camilo de Paiva⁸.

A arquitetura da Igreja foi inspirada nas construções holandesas, país de onde vieram os primeiros sacerdotes. As cores são o vermelho e o verde para homenagear Santa Rita que, de acordo com sua história, antes de falecer, pediu a sua prima para buscar uma rosa do seu quintal. A primeira quinzena realizada na paróquia aconteceu em cinco de fevereiro de 1940 e a primeira festa em sua

⁷ **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA**: edição típica vaticana. Edições Loyola, 1998

⁸ **Paróquia Santa Rita**. Disponível em: <<http://www.paroquiasantaritaif>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

homenagem ocorreu em vinte e seis de maio daquele mesmo ano.⁹ De acordo com um funcionário da paróquia as portas, janelas, altar de celebração e o altar de Santa Rita possuem formatos triangulares, apontando para o céu, que é a direção de todo o cristão.



Figura 02 – Igreja e capelinha. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em: 05 mai. 2018.

De acordo com o livro de Tombo da Paróquia, de 1945, a Ordem de Santa Cruz teve seu início no ano de 1210, ou seja, no século XIII, período da Idade Média. Foi quando alguns jovens na Bélgica sentiram o desejo de se unir a fim de seguir uma Ordem estruturada nos preceitos de Santo Agostinho. Os Cruzios chegaram ao Brasil em 1934 e depois de quinze anos já estavam em Juiz de Fora para assumir a administração da Paróquia de Santa Rita de Cássia. O primeiro vigário foi um holandês, o pároco Martinho Arntz. Logo que se estabeleceram nesta cidade, se integraram não só na Igreja, mas a toda a comunidade, dando assistência espiritual também as escolas estaduais, municipais e prestavam serviços de Capelania ao presídio de Linhares.

Dessa forma, os registros narram que:

vencendo os obstáculos, inclusive o da comunicação, pois eram holandeses recém-chegados de Pátria se transformaram numa expressão via de Cristo no seio do povo, levando a Cruz como símbolo da Salvação, de lema e de fidelidade de nossa comunicação (LIVRO DE TOMBO, Paróquia de Santa Rita. p. 160).

O Catecismo da Igreja Católica (2000) esclarece que a palavra pároco significa: aquele que é pastor de uma paróquia que a ele foi confiada. Ele se encarrega de cuidar da pastoral da comunidade que lhe foi entregue, em obediência a autoridade do Bispo diocesano. O pároco não exerce somente a função de rezar missas, mas tem o compromisso de trabalhar em favor dessa comunidade para a qual foi escolhida com a missão de ensinar, santificar e governar em parceria com outros presbíteros, diáconos e fiéis leigos¹⁰.

⁹ **Paróquia Santa Rita.** Disponível em: <<http://www.paroquiasantaritajf>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

¹⁰ **CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA:** edição típica vaticana. Edições Loyola, 1998

O lema da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora é: “Paróquia de Santa Rita: construindo uma comunidade dos sonhos!” Neste sentido, ao serem questionados, Padre Antônio Camilo, atual pároco da Igreja de Santa Rita, juntamente com o seu auxiliar, padre Erelis, justificam que o objetivo desse slogan não é somente colocar em prática os seus sonhos pessoais, mas o sonho dos paroquianos, ou seja, aquilo que eles almejam para a comunidade.

Padre Camilo realça que a Paróquia procura não se fechar em si mesma, mas se preocupa em atender os bairros do entorno, especialmente aqueles de maior índice de pobreza e violência como a Vila de Seu Neném, Matinha e Três Moinhos. São lugares em que a aproximação de qualquer pessoa, ainda que seja para oferecer ajuda, torna-se um desafio devido aos paradigmas dos moradores dessas comunidades.

O propósito da Paróquia de Santa Rita, de acordo com o sacerdote, é fazer com que os moradores dessas comunidades tornem-se mais humanos, através da catequese, e ajudá-los a enxergar, uns nos outros, a presença de Deus. O objetivo é que a convivência entre eles não sejam mais como assassinos, traficantes ou qualquer outro tipo de pessoa que promove a violência. Segundo o padre Camilo, a paróquia trabalha no sentido de ser luz dentro desses três bairros, com objetivo de inclusão e, sobretudo, tentar descobrir o que as pessoas têm de melhor dentro de si¹¹. O jornal da Paróquia de Santa Rita também reforça o objetivo do administrador em procurar ser um instrumento para iluminar e transformar realidades na cidade de Juiz de Fora. Para o sacerdote acolher bem o outro é uma forma de evangelizar¹².

Então eu penso que esse é o objetivo. O outro é acolher os pobres no conjunto da sua pobreza que completa isso que estou falando. Pobreza econômica precisar dar um sapato, uma roupa, uma comida..., mas sobretudo dar espiritualidade, ser uma fábrica de sonhos e de realidade. Sonhos que se tornam realidade. Fazer que seja possível que aquele menino que nasceu ao som de tiroteios se torne um príncipe da paz, um Nobel da paz. É possível. Muitos vieram de lá. E a Igreja é uma ou a melhor via. (PADRE CAMILO, Entrevista, 01 de outubro de 2017).

De acordo com o padre, na Igreja, as pessoas podem conquistar o seu espaço sem precisar agir com violência ou possuir qualquer tipo de ideologia. Basta simplesmente cultivar e garimpar a sua essência que é bondade, sucesso, ou seja, o

¹¹ ENTREVISTA Padre Camilo, Paróquia de Santa Rita, dia 01 de outubro de 2017 às 10h30min.

¹² FOLHA DE SANTA RITA, 2018, p. 01.

que a pessoa traz dentro do seu interior. Por isso, de acordo com o padre Camilo a Paróquia de Santa Rita possui dois significativos projetos que são: a Cidade dos Anjos e o Construir a Esperança. O primeiro pretende desenvolver a consciência ecológica, acadêmica e intelectual por meio da fé e do embasamento religioso. Já o segundo, está voltado para o esporte e tem como objetivo desenvolver atividades para crianças e idosos, oferecendo mesas de jogos e outras atividades. Padre Camilo pontua ainda a inauguração de outras capelas depois que assumiu a paróquia, em 2010:

(...) depois de anos à frente desta Paróquia, faço uma análise muito positiva e fecunda de meu ministério. Naquele dia 05 de março de 2010 assumimos a Paróquia com três comunidades e apresentei a Dom Gil (recentemente), 06 comunidades e 05 áreas missionárias que não existiam. É um crescimento bíblico. (FOLHA DE SANTA RITA, 2017, p. 02).

Dessa forma, Juiz de Fora se destaca no dia 22 de maio por abrigar cerca de trinta mil devotos de diversas comunidades e bairros, tanto da cidade quanto de outros municípios. As celebrações ocorrem o dia inteiro, acompanhadas de procissões, bênçãos, barracas com comidas típicas, atrações musicais, troca de rosas, crianças vestidas de Ritinha, pessoas que pagam promessas, fazem seus pedidos e interação entre família, amigos e conhecidos.¹³ De acordo com a análise bibliográfica, é um evento que tende a crescer a cada ano devido a dedicação, tanto dos administradores paroquiais quanto de outras pessoas envolvidas.

1.3.1 – Atividades na paróquia durante o ano

Padre Camilo assinala que a paróquia possui um calendário próprio com diversas programações durante o ano. O período da quaresma é para reflexão do Tema da Campanha, mutirão de confissão e ainda confissão comunitária em preparação para a Páscoa e para a Semana Santa, momento de muita vivência. Nesta semana da Paixão de Cristo acontece os Sermões do Pretório¹², O Sermão

¹³ **Festa de Santa Rita em Juiz de Fora deve receber 30 mil.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/05/>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

do Encontro¹⁴ e Sermão de Descendimento da Cruz¹⁵. No mês de agosto acontece o evento de Pentecoste chamado Incendeia JF, onde os católicos recebem um ensinamento sobre o Espírito Santo. Além disso, a paróquia promove também a festa do Cristo Rei para casais, sejam eles casados na Igreja, de primeira ou segunda união, ou que apenas vivem juntos como marido e mulher.

A preparação para o carnaval também é celebrada com muito entusiasmo, de acordo com o padre Camilo. Esse acontecimento recebe o nome de Alegrai-vos no Senhor, e para o sacerdote, a sua pretensão é que o evento cresça cada vez mais até alcançar o nível de ser um evento paralelo ao carnaval de Juiz de Fora, com diversidades de atrações. Já a Festa da Colheita, que acontece próximo ao dia de Santa Rita, são dois dias de festividades na paróquia aberto para pessoas de todas as idades e com várias atrações, inclusive apresentações musicais. Esta solenidade tem o objetivo de agradecer a Deus pelos dons, pelos alimentos e por tudo que o ser humano colhe durante o ano. Durante esses dois dias, acontecem palestras sobre diversos assuntos, distribuição de mudas de plantas, comidas e outros eventos.



Figura 03 - Convite para a festa da colheita 2017. Disponível no Facebook da paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em 01 mai. 2018.

Segundo as informações concedidas pelo padre, em 2017, a Paróquia de Santa Rita já estava composta por sete capelas e em cada uma delas havia festividades em honra ao seu santo padroeiro, isso acontece em todos os anos. As festas, na verdade, iniciam-se com a Páscoa, depois vem a celebração de Jesus Misericordioso, Santa Rita em maio, em agosto comemora-se Madre Teresa de Calcutá, em setembro a homenagem aos Santos, em outubro São Lucas, Nossa Senhora e São Judas.

Além disso, padre Camilo salienta que a Igreja promove outros eventos para conseguir recursos, como por exemplo, rifas, show de prêmios, noite sertaneja de

¹⁴ Ao participar da celebração, os fiéis recordam o doloroso encontro de Jesus e Maria a caminho do calvário, através de procissões com as imagens de Nosso Senhor dos Passos e de Nossa Senhora das Dores. No encontro dessas imagens é proclamado o “Sermão do Encontro”. Disponível em: <www.aceesa.com/cidade/arquivo/noticias/2018/03/26>. Acesso em: 03 de abr. 2018.

¹⁵ Quando José de Arimatéia recebeu a autorização de Pilatos, ele mesmo retirou e desceu o corpo de Jesus Cristo da Cruz, chamada esta ocasião de “descimento da cruz”, sendo que é uma tradição da Igreja Católica realizar o *Sermão do Descimento da Cruz*. (...). Disponível em: www.kiaunoticias.com/.../diamantina-o-sermaodo-descimento-da-cruz

Santa Rita, noite dos anos 60, 70, 80 ou 90. A Paróquia dispõe também de um bazar objetivando três finalidades: ajudar as pessoas pobres, facilitar para aqueles que querem ajudar através da oferta de roupas usadas, sapatos, brinquedos, artesanatos, e ainda, conseguir arrecadar dinheiro para a construção de obras de infraestrutura da paróquia.

Desta forma, os eventos realizados na paróquia concedem também a oportunidade de interação e lazer para a comunidade, além de levantar fundos para prosseguimentos de obras, também empresta o seu espaço para encontros e retiros de outros movimentos pertencentes à Arquidiocese de Juiz de Fora. São eles: Pastoral da Criança, Pastoral da Infância e da Juventude Missionária, Província Eclesiástica, Movimentos de Casais e Comunicadores Católicos, dentre outros¹⁶.

1.3.2 – Atividades específicas relacionadas à devoção da Santa

Em se tratando das etapas da festa de Santa Rita, a primeira, de acordo com o vigário paroquial, significa reunir um Conselho para escolher o tema daquele ano. Essa decisão é feita tomando como base a avaliação dos pontos negativos e positivos do ano anterior. Conseqüentemente, inicia-se a quinzena no princípio de fevereiro com três horários de missas: 6h45min, 15h e 19h30min, durante quinze quintas feiras, para lembrar os quinze anos que Santa Rita permaneceu com o estigma de Cristo na testa.

Ainda em preparação para a festa, nove dias antes do dia da comemoração acontece a novena, com celebrações eucarísticas, adoração ao Santíssimo e orações. O dia 22 de maio é festejado com ênfase ao dia da padroeira com nove missas no decorrer da manhã, tarde e noite, encerrando com procissão. É um dia inteiro de demonstração de fé e carinho à “Santa das causas impossíveis”, com a presença do Bispo da arquidiocese de Juiz de Fora, padres e devotos.

O livro da quinzena é feito na paróquia. A novena em geral é mais simples. A novena é apenas a oração de Santa que a gente distribui. As vezes são pessoas que fazem promessas. Trazem um milheiro e a gente distribui. São novenas compradas. Esse ano de 2017 fizemos o Cerco de Jericó. (PADRE CAMILO, entrevista, 2017).

¹⁶ **Entrevista** com Padre Camilo em 01 de out. 2017 na igreja de Santa Rita.

Padre Camilo acentua que a avaliação da festa anterior acontece não somente a respeito das celebrações, mas também sobre o ato social fora da Igreja. Isso significa que nas barracas são observadas com quais cédulas de dinheiro as pessoas pagam. Dessa forma, foi constatado que eram notas de valores altos, ou seja, os mais pobres não estavam consumindo. Com base nesta análise, a partir do ano de 2012, as barracas passaram a oferecer alimentos e bebidas com custo mais barato. Substituíram o



Figura 04 – Prato de macarrão servido na festa. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em 05 mai. 2018.

almoço pela macarronada e o refrigerante em lata pelo de copo, servido na hora. De acordo com as palavras do padre Camilo, “a festa de Santa Rita é muito avaliada (...) do ponto de vista que dá prejuízo. Fazíamos quibe e vimos que o quibe dá prejuízo. Gasta muito óleo (...). O quibe perde. Tiramos o excesso (...)”.

A festa tem uma preparação que envolve inúmeras pessoas não somente da paróquia, mas também outros parceiros, como a equipe de nutrição da Universidade Federal de Juiz de Fora. Os alunos desse curso oferecem aulas de capacitação para os colaboradores das barracas, ensinando noções de higiene, conservação dos alimentos e aproveitamento dos mesmos. Procuram explicar de maneira didática como acontece a transmissão dos agentes contaminadores e o que fazer para preveni-los.

Os futuros nutricionistas orientam a respeito da importância do uso das toucas, manter as unhas e barbas bem aparadas, os cuidados ao manipular as fichas e tantas outras. Entre os barraqueiros há empresários que dedicam o seu dia de serviço e também levam os seus funcionários à festa para trabalhar. Este é o caso do proprietário de uma pastelaria de sucesso na cidade. De acordo com o empresário, essa doação caracteriza formas de gratidão e afeto dele e de sua família para com Santa Rita. No entanto, padre Camilo enfatiza que orienta aos colaboradores a respeito do objetivo principal da festa que não é comercializar, mas evangelizar:

A festa como agora vai acontecer, temos consciência de que não existe o barraqueiro, mas existe o voluntário. O que trabalha na barraca presta o

serviço de espiritualidade de alimentos, como o de Jesus, que multiplicou os pães, como aquele que está na liturgia, no canto, que faz as leituras. Estamos colocando na cabeça das pessoas que elas não estão trabalhando e sim participando de um processo de evangelização. Que o voluntário possa dizer: eu trabalhei na festa, evangelizando na barraca da canjiquinha, eu prestei um serviço espiritual na barraca de pastéis. Ser uma paróquia de mãos dadas, que não caminha fazendo as coisas aleatoriamente, mas uma paróquia que sabe fazer (PADRE CAMILO, entrevista, 2018).

Ao ser questionado a respeito de um novo edifício ainda em processo de construção na parte lateral da matriz, no início do ano de 2018, o padre administrador respondeu que a pretensão era dividir esse prédio de três andares para desenvolver trabalhos na parte social, pastoral e intelectual. De acordo com as suas palavras, naquele local também funcionará a Sala dos Milagres que será aberta à visitação, com inauguração prevista para 2019. Uma sala que terá o objetivo de somar ao processo de evangelização da paróquia.

Segundo o padre explicou, esses locais conhecidos como “Salas dos Milagres” já existem em diversas Igrejas onde tem maior concentração de fé como: Santuário de Aparecida, Bom Jesus e outros. São lugares em que as pessoas expõem nas vitrines provas de algo que testemunhe os milagres alcançados pela intercessão daquele santo ou santa, por Maria e Jesus, como exemplo: coração, braços, pernas, cabeça, materiais produzidos com cera que representam as partes do corpo.

CAPÍTULO 2 - A PREPARAÇÃO PARA A FESTA DE SANTA RITA EM JUIZ DE FORA

2.1 – Quinzena de Santa Rita em 2017 e 2018

A quinzena de Santa Rita faz parte dos ritos de preparação da festa do dia 22 de maio, que tem início geralmente na primeira semana de fevereiro. São quinze quintas feiras representando os quinze anos que a Santa permaneceu com o espinho na testa, o estigma de Cristo. O livro da quinzena, de acordo com as informações da secretaria da paróquia, começou a fazer parte da preparação do jubileu de Santa Rita, a partir do ano de 2010. É elaborado pela própria paróquia e tem o propósito de relacionar a vida das pessoas com a história da Santa em acordo com os assuntos litúrgicos da Igreja Católica. As reflexões para cada dia procuram abordar a vida de Santa Rita em relação a sua participação efetiva na busca da santidade, servindo como um modelo aos fiéis da atualidade. A escolha do tema e as leituras são preparadas pouco tempo depois do encerramento de uma festa. Isto significa que a paróquia se dedica quase o ano todo em criar alternativas de aperfeiçoamento da festa.

Enquanto o ano civil começa em primeiro de janeiro e vai até trinta e um de dezembro, na Igreja Católica o ano litúrgico também tem doze meses, mas inicia-se no primeiro domingo do advento, ou seja, quatro semanas antes do natal, e termina no sábado anterior a ele. As leituras bíblicas de cada ano são programadas para só repetir de três em três anos. Por isso estão classificados em ano A, B e C. Se no primeiro ano leem leituras do evangelista Mateus, no segundo as reflexões são acerca do livro de Marcos e no ano C sobre Lucas. Já o evangelho de João é proferido em ocasiões especiais, principalmente em grandes eventos e solenidades¹⁷.

Para cada ano a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) elege um tema com a finalidade de refletir e comemorar algo importante para a Igreja Católica. Por isso, no ano de 2017, os assuntos foram a respeito de dois jubileus de devoção à Maria. Relembrou-se os trezentos anos da aparição da Nossa Senhora Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul, considerado pela Igreja, um momento

¹⁷ **CNBB:** Igreja Católica Apostólica Romana. Disponível em: <www.cnbb.org.br/a-liturgia-e-o-ano-b/> Acesso em 04 de jun. 2018.

apropriado para ação de graças a Deus, por ter oferecido ao Brasil a sua própria mãe¹⁸.

Nesse mesmo ano, em 13 de maio, foi realizada a comemoração dos cem anos da aparição de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal¹⁹. Nesse país essa devoção que teve início em 1917 só obteve reconhecimento a partir de 1930, é caracterizada por intensas manifestações de fé por devotos de todo o mundo. Assim como em Aparecida, os que cultuam Maria vão à Fátima para pedir ou agradecer os milagres alcançados nas áreas da saúde, negócios, amor e outros. Muitos pagam promessas, percorrendo de joelhos os caminhos que levam até as capelas onde a virgem apareceu²⁰.

Com esta intenção, no ano de 2017, a paróquia do bairro Bomfim aproveitou o momento festivo de devoção mariana para render uma homenagem à Santa Rita que foi também devota da mãe de Jesus. A capa do livro tem uma foto de Nossa Senhora Aparecida e também de Santa Rita, padroeira da paróquia, com um terço e um crucifixo na mão. Em sua cabeça rosas na cor vermelha que caem sobre os seus



Figura 06 – Devota com o livro. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em: 07 de jul. 2018.

ombros e braços. A contracapa traz o hino em homenagem à Santa das causas impossíveis, que é entoado no início de cada celebração durante as quinzenas de todos os anos.

Já o livro de 2018, teve como tema Santa Rita e os leigos para aproveitar a oportunidade em que Igreja Católica do Brasil dedicou a celebrar, no período de 26 de novembro de 2017, no dia da Solenidade de Cristo Rei até final de 2018, o ano dedicado ao

laicato. O Ano dos leigos teve como objetivo geral: “Como Igreja, Povo de Deus,

Quinzena de Santa Rita 2017

O Ano Mariano

Tema: “Santa Rita e a devoção à Virgem Maria”

Início
02 de Fevereiro

Celebrações às 7h, 15h e 19h30.

Em breve você poderá adquirir seu livro.



Figura 05 – Livro da quinzena de 2017. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em: 07 de jul. 2018.

¹⁸ **Ano Nacional Mariano: Mensagem à Igreja Católica no Brasil.** No contexto das Comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <www.cnbbo2.org.br/ano-nacional-marianomensagem-a-igrejacatolica-no-brasil/> Acesso em: 04 de jun. 2018.

¹⁹ **Santuário de Fátima.** Disponível em: <<https://www.fatima.pt/pt/home>> Acesso em: 05 de jun. de 2018.

²⁰ **Aparições de Nossa Senhora de Fátima completa cem anos de devoção popular.** Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/mundo/2017/05/10/>> Acesso em: 05 de jun. de 2018.

celebrar a presença e a organização dos cristãos leigos e leigas no Brasil; aprofundar a sua identidade, vocação, espiritualidade e missão; e testemunhar Jesus Cristo e seu Reino na sociedade²¹. Dessa forma, a paróquia de Santa Rita, do bairro Bonfim, buscou conciliar a história de vida da Santa dos casos impossíveis com a reflexão a respeito do papel dos leigos na dinâmica da Igreja.



Figura 07 – Montante de livros disponíveis à venda em 2018. Disponível no Facebook da Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora. Acesso em: 08 de jul. 2018.

Hino de Santa Rita

Fostes a rosa preferida!

Ó Santa Rita de Jesus!

Ensinas-me lição de vida!

Sofre, amar, levando a cruz (Bis)

1. *Ah não há rosas sem espinhos, não no canteiro de Jesus, lá quem quiser ganhar a vida, tem que levar a sua cruz. Neste jardim foi semeada, Rita de Cássia, a rosa-flor, que deixou tudo nesta vida, porque entendeu o que é o amor! Nem sofrimentos e família, desiludiu sua decisão, seguir somente a Jesus Cristo, jamais trair seu coração.*
2. *Na amarga vida, ó Santa Rita, quem sabe amar, sabe sofrer, e no silêncio que tortura, aprende a arte de viver! O teu semblante refletia da tua vida o esplendor, a luz brilhante da alegria, de expressar Nosso Senhor! O teu perfume tão divino faz nosso povo, então, sonhar. Mesmo sofrendo nesta vida, só é feliz quem sabe amar.*
(ref.)
3. *Santa mulher dos impossíveis abençoai as nossas rosas, para os momentos mais difíceis, que sejam flores milagrosas! Remédio para as nossas dores, bálsamo para o coração, e quando houver desamores, entre os casais haja união! Dá-nos o teu Jesus querido, pra que possamos caminhar, e abraçando a nossa cruz, também possamos nos salvar.*
(ref.)

Com o objetivo de conscientizar, valorizar e incentivar a presença dos leigos, os dois sacerdotes da Igreja de Santa Rita, organizaram uma equipe de pessoas a fim de acolher os fiéis nos dias da quinzena. A primeira intenção era eleger somente casais, pois dessa forma poderia exaltar a importância da família, mas como não foi possível as famílias estarem juntas nos horários das celebrações, optaram por homens e mulheres de diferentes faixas etárias, para formarem duplas em cada porta. Esses acolhedores recebiam as pessoas com sorrisos, aperto de mãos ou um abraço. Com disponibilidade, tiravam dúvidas dos fiéis em relação ao funcionamento

²¹ **Ano do Laicato vai estimular protagonismo dos cristãos leigos.** Disponível em: <<http://www.cnbb.org.br/anodo-laicato>> Consulta realizada em: 02 de ago. 2018.

das missas e apresentavam cadeiras ou bancos para os mesmos se sentirem à vontade.



Figura 08 – Crachá utilizado para acolhida. Foto de arquivo pessoal.

Dessa forma, me coloquei a disposição do padre responsável, dizendo que poderia trabalhar na acolhida. Seria uma maneira de estar em contato com as pessoas. Fui aceita e convocada a ajudar nas portas e acolher os devotos de Santa Rita. De imediato, o padre Erelis me conduziu até à sala do jornalista e deu ordens para o funcionário confeccionar o meu crachá. Neste sentido, Favret-Saada (1990) evidencia que aceitar o convite para estar lá não significa ajudar por identificação ou afinidade,

pois o próprio ato de aceitar ocupar esse espaço e ser afetada por ele abre oportunidades para um modo próprio de conversar com aquelas pessoas ou nativos. Dessa maneira torna-se possível exercer com os mesmos uma comunicação natural, sem formalidades e livre de intenção, podendo ser uma conversa verbal ou outro tipo de linguagem.

Entretanto, o meu sim não foi por falta de identificação. Foi prazeroso estar lá não somente como pesquisadora, mas também pelo fato de exercer a alteridade, a fraternidade, me enxergar no rosto de cada devota e ainda contribuir para que as mesmas se sentissem à vontade naquele lugar. Perguntei ao sacerdote se eu poderia ficar nas portas laterais para observar melhor os rituais das celebrações e também o comportamento das devotas. Ele disse que não poderia, pois, o objetivo era fazer rodízio de portas, ou seja, a cada semana teríamos que trocar de lugares.

Contudo, logo que comecei, percebi que havia disputas entre os acolhedores para não perderem os seus lugares já definidos entre eles. Não dei importância a isso, pois o meu objetivo era outro e, além disso, estava mergulhada na minha pesquisa e afetada por ela. Busquei fazer o melhor não somente em função dos estudos, mas pela experiência de abraçar e cumprimentar as pessoas que estavam em busca de soluções para os seus problemas, por intermédio de Santa Rita. Como salienta Goldman (2006) a antropologia está na relação com o outro. O produto da pesquisa é a experiência pessoal por um bom período de tempo, se possível na língua deles. A pesquisa só é possível se o fruto da experiência for partilhado.

Steil e Carvalho (2012) também falam de uma antropologia imersa na vida, ou seja, habitar o mundo e ser atravessado por ele. O pesquisador tem que levar em

conta tudo o que está à sua volta e ser engajado, construindo uma ciência imersa na vida porque nela tudo está entrelaçado. Olhar a vida tal como acontece no fluxo, na vivência, na experiência, pois no universo tudo está emaranhado, interligado. Educar a atenção significa seguir os fluxos, os movimentos da vida e permitir ser afetado pelas coisas mais simples. Fui afetada sim e por diversas vezes. Primeiro, durante o período que permaneci em campo e, depois da festa, fui tocada toda vez que imergia no meu caderno de anotações e em outros materiais colhidos durante a pesquisa. Na verdade, um estudioso depois que mergulha em um trabalho de campo, os seus olhares e comportamentos mudam e nunca mais será a mesma pessoa.

Um dia, enquanto estava na acolhida, chegou uma mulher de uns cinquenta e cinco anos que trazia um vaso de flor para Santa Rita. Era Fortuna na cor vermelha. Perguntei se sempre fazia isso e por qual razão. Ela falou que toda semana levava rosas, mas naquela quinta não pôde ir à floricultura. Por isso, adquiriu aquele tipo de vaso perto da sua casa. Fazia isso, pois tinha muito a agradecer à Santa pelos milagres realizados na sua vida. “Eu sei que ela gosta de rosas”. “É como se tivesse dando a ela aquilo que recebo”, disse. Então eu falei que estava fazendo uma pesquisa sobre devoção para a Universidade Federal de Juiz de Fora e, se fosse possível, gostaria de entrevistá-la, de acordo com a sua disponibilidade.



Figura 09 – Vaso de fortuna. Foto de arquivo pessoal.

Passados alguns dias, aquela senhora, cujo pseudônimo é Lia, me procurou para conversarmos. Após a celebração das quinze horas, sentamos perto da cantina, uma de frente para outra. Percebi naquele dia que o seu olhar estava meio tristonho e a sua voz meio afônica. Mesmo assim, não hesitou em dizer tudo o que pensava sobre Santa Rita. Ela disse que é devota há muitos anos, mas não se lembra exatamente quando começou. Já se casou três vezes e, apesar de nunca ter sofrido violência doméstica, já sofreu muito nos relacionamentos, principalmente com o primeiro marido.

Perguntei para Lia o que Santa Rita representava para ela e qual foi a sua importância para resolver as dificuldades em seu casamento. Ela disse que a Santa nunca lhe negou um pedido e representa a sua mãe, que é tudo para ela. Santa Rita lhe ajuda a ter força, pois sempre arruma homens difíceis iguais ao dela. Pede

também muita luz, paz, cuidados, principalmente nos momentos de carência e depressão. Em relação as graças alcançadas, Lia disse que já alcançou várias, como exemplo: vender, alugar e adquirir imóvel, etc. No entanto, na quinzena de 2018, estava pedindo um companheiro, um marido bom para viver do seu lado. “Eu tenho fé em Deus, eu não vou desistir disto. Ela vai colocar alguém no meu caminho”. “Vou tirar dez nesta prova”.

Ao ser questionada se era devota de outros santos e se costumava frequentar outras religiões, Lia disse que também era devota de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Menino Jesus de Praga, São Judas Tadeu, mas Santa Rita é a sua preferida. Vez ou outra costumava frequentar a Igreja Universal do Reino de Deus por gostar das orações que, segundo ela, são fortes. Mas apesar disso, não abandona a Igreja Católica e nem a Santa Rita, levando-a como pingente em seu pescoço.

No último dia da quinzena, às 15h, Lia sentou-se ao meu lado em um dos bancos da frente. Estava alegre e, na hora da homilia falou baixinho no meu ouvido: “Não disse que tiraria dez nesta prova?” Estava se referindo a reconciliação com o seu antigo companheiro. No momento da bênção das velas, lamentou não ter se lembrado de comprar, pois ficaria sem acender. Foi neste instante que chegou o seu marido para lhe entregar uma vela já acesa que havia comprado às pressas na secretaria. Desde o dia da entrevista, não somente Lia, mas outras mulheres queriam compartilhar inúmeros acontecimentos comigo. Algumas até ligavam para o meu celular. Por esta razão e também pelo cansaço fiz a opção de me afastar por um período da paróquia até que o meu trabalho estivesse bem adiantado.

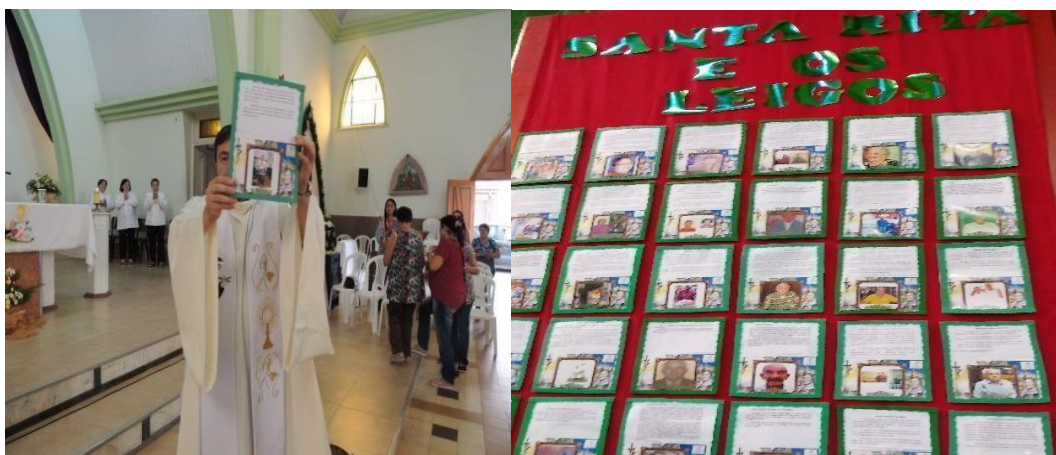
A esse respeito Herviéu-Léger (2015) fala de uma religiosidade peregrina que é a figura típica do religioso que está em movimento. É um tipo de religiosidade individual marcada pela fluidez dos conteúdos de crença que ele próprio elabora. É a experiência de sentir-se livre para experimentar a sua crença a seu modo e a sua maneira, demonstrando o não controle da Igreja Católica. Nesse trânsito religioso, a pessoa pode ir a várias instituições religiosas, de acordo com as suas necessidades do momento, sem nunca abandonar a sua religião de origem.

Apesar de o crente ser mais autônomo na vivência da sua fé e ser mais espontâneo no diálogo com o Sagrado, Mariz (2006) enfatiza que as festas populares, devoções aos santos e romarias continuam fortes, porém em graus diferentes. Exemplos disso são as constantes peregrinações aos santuários e locais

de devoção, como a cidade de Aparecida, Divino Pai Eterno, missas do padre Marcelo Rossi e outros. Hervieu-Léger (2015) aponta que essa religiosidade de maior fluidez gera nos indivíduos incertezas de suas pertencças comunitárias, dando lugar a insegurança. Mas por outro lado, a autora levanta a hipótese de que essa religiosidade móvel e individualizada leva as tradições religiosas a criarem formas de sociabilidade que se ajustem melhor às necessidades contemporâneas.

Em todas as quinze celebrações da quinzena de Santa Rita, tanto no horário das 6h45min, quanto às 15h e também às 19h30min, fizeram homenagem aos leigos da paróquia já falecidos que contribuíram para o crescimento daquela comunidade católica. No dia da homenagem, pessoas da sua família entravam em procissão, na frente da equipe de celebração, levando a imagem de Santa Rita até o altar e também, na mão, uma folha impressa com o nome e o resumo do trabalho exercido na Igreja pelo leigo que já partiu deste mundo.

Depois que o sacerdote apresentava o papel à comunidade de fiéis, este era fixado em um mural próximo ao altar onde permaneceria durante todo o período da quinzena. Os familiares também tinham cadeiras reservadas na frente ou proclamava leituras durante a missa. O padre, em seu discurso, buscou enfatizar o legado deixado na história da paróquia por aquele leigo homenageado.



Figuras 10 e 11 – A folha de homenagem ao leigo e o painel. Foto de arquivo pessoal.

Enquanto a família do homenageado desfilava pelo corredor da Igreja com a imagem de Santa Rita as devotas, em pé, expressavam o seu sentimento de fé. Faziam o sinal da cruz, colocavam as mãos sobre a imagem, faziam os seus pedidos baixinho, outras abaixavam a cabeça em sinal de humildade e respeito, algumas levantavam os objetos pessoais em direção à Santa, como carteiras de trabalho e fotos. Tinham aquelas que choravam e outras sorriam para a Santa Rita,

pois de acordo com os seus relatos, foi quem realizou ou poderia realizar os seus impossíveis. Outras saíam dos seus lugares para tocar com as mãos e fazer-lhe um carinho. Quando o celebrante a recebia nos braços, dava-lhe um beijo e a levantava bem alto, fazendo com a mesma um sinal da cruz para benzer as pessoas.



Figura 12 – Entrada com Santa Rita. Foto disponível no Facebook da Paróquia. Consulta realizada em 06 de ago. 2018.

Em todos os horários das quintas-feiras, a Igreja ficava repleta de fieis tanto da paróquia quanto de outros lugares da cidade, como Benfica, Grama e de outras cidades e municípios vizinhos. Chegavam pessoas andando a pé, de carros próprios, de ônibus, de táxi, motos ou caronas. Até mesmo em dias de chuva o povo comparecia. Após a missa da manhã, o Santíssimo ficava exposto o dia inteiro até às 19h30 min para adoração e meditação. Dessa forma, não foi difícil conversar com as devotas que permaneciam mais um pouco após cada celebração. A maior parte delas fazia questão de relatar os seus prodígios ali mesmo, ao invés de adiar a entrevista.



Figura 13 – O padre recebe a imagem. Foto disponível no Facebook da Paróquia. Consulta realizada em 06 de ago. 2018.

Antes de cada celebração da quinzena, já ficava disponível na frente da mesa do altar o balde de alumínio para depositarem os pedidos de oração. Algumas devotas já traziam as súplicas prontas de casa, chamadas carinhosamente de “cartinhas” para Santa Rita.

Ao final da missa, o padre, levantava o Santíssimo e abençoava os pedidos, enquanto o seu auxiliar despejava o álcool para colocar fogo sobre eles. A

bênção se estendia para os objetos religiosos trazidos pelas pessoas como também fotos, água, carteiras de trabalhos, exames médicos e os vários cestos de lembrancinhas que seriam distribuídas as pessoas pelos acolhedores após a missa.

Tanto as lembrancinhas quanto a ornamentação foram relacionadas ao tema do dia, como por exemplo, o sal para mostrar que assim como Santa Rita o leigo é

convocado a ser sal da terra e luz do mundo. No dia em que o assunto foi o batismo, foram abençoados e distribuídos copos de água e também velas, crucifixos para colocar no pescoço, sementes de mostarda, mel de abelha, significando trazer docilidade aos cristãos. Quando o assunto foi matrimônio, distribuíram sucos de uvas para as pessoas tomarem ou guardarem, simbolizando vinho no casamento de Santa Rita.



Figura 14 – Balde de alumínio. Foto de arquivo pessoal.

Também foram distribuídos vidros com óleos perfumados, pães, saquinhos com diversidades de plantas medicinais para fazer chás, como erva cidreira, camomila, rosa branca, etc. Cada sachê de chás trazia impresso para quais males deveriam ser tomados. Perguntei ao padre desde quando decidiram pelas lembrancinhas e por qual razão. Ele disse que foi a partir deste ano, pois em 2017 distribuíam somente mensagens escritas, mas as pessoas as jogavam fora sem ao menos ler.

Uma explicação para a veracidade desses símbolos de fé, de acordo com Tillich (1985), é a sua habilidade de expressar em toda a sua totalidade a possibilidade daquilo que é tido como incondicional e sem limites.



Figuras 15 e 16 - Balde de alumínio durante a missa e a queima de pedidos. Fotos de arquivo pessoal.

Dessa forma, se esvazia de tudo que é menos importante para se preencher do incondicional. Mas existe o perigo do símbolo da fé se tornar um ídolo. Segundo o autor, isso não pode acontecer, pois esses símbolos carregam em si o poder da fé de origem e da importância de uma fé tradicional que não se deveria subestimar.



Figura 17 – Lembrancinhas. Foto de arquivo pessoal.

Ao serem questionadas a respeito do que achavam de ganharem esses objetos simbólicos, as devotas foram unânimes em dizer que apreciavam bastante, pois são instrumentos para reforçarem a fé e sentirem-se abençoadas. Perguntei também sobre o que fazem com eles e as respostas foram: guardam na Bíblia, na carteira, usam, distribuem para a família que também precisa receber graças, levam para doentes nos hospitais, passam em lugares do corpo onde necessita de curas, ou colocam em lugares especiais dentro de casa. Uma das entrevistadas, de pseudônimo Sarah, foi enfática ao dizer que as lembrancinhas restauram as forças quando a sua família mais precisa. Os chás, a água e o suco ela pede para os filhos tomarem e o crucifixo, coloca na bolsa da filha para lhe dar proteção.

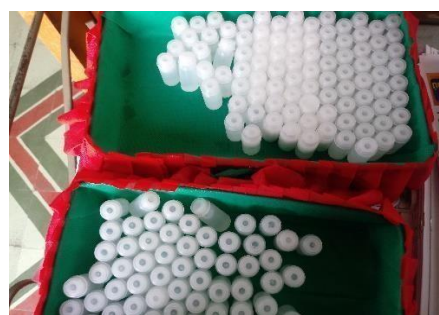


Figura 18 – Óleos perfumados. Foto de arquivo pessoal.

A respeito desses símbolos, Pimentel (2008) elenca que:

Assim, a cada símbolo, dentro de uma cultura ou de culturas diferentes, é atribuído um significado comum. Ao atribuírem o mesmo significado a um símbolo, os homens partilham informações, estabelecem relações e transmitem seus elementos culturais. (PIMENTEL, 2008, p. 58)

No entanto, a recomendação do sacerdote durante as celebrações era para os acolhedores não permitirem que o devoto levasse mais de uma lembrancinha para casa. Se tivesse alguém em casa que desejasse receber, teriam que ir aos outros horários de missa para pegar. A exceção é somente para os casos de extrema necessidade de pessoas hospitalizadas, etc.

Na visão de Pimentel (2008) existem vários modos de começar ou mesmo manter uma devoção. Além disso, o relacionamento do devoto com o santo pode se originar a partir de tradições herdadas, ou por si mesmo através de alguma resposta ou milagre concedido pelo seu intercessor ou intercessora junto de Deus.

Este é fundamental na relação de uma devoção, pois é, a partir do provável milagre, que a santidade tende a se construir e se difundir. O ser humano,

com sua propensão para criar símbolos, transforma inconscientemente objetos ou formas em símbolos e tenta explicar seus significados. (PIMENTEL, 2008, p. 68)

Quanto à ornamentação do altar de Santa Rita nos dias da quinzena, tinha uma pessoa responsável somente para cuidar desse detalhe, usando a criatividade para expressar o assunto do dia também através dos símbolos e da arte. No dia em que o livrinho trouxe como tema “Santa Rita e os leigos”, os enfeites colocados foram: um terço de tamanho grande, a Bíblia, Catecismo da Igreja, livros que são utilizados nas aulas de catequese e um vaso com mudas de árvores de mostarda para mostrar que uma pequena semente bem cuidada pode crescer e se tornar uma árvore frondosa.

Durante as homilias, o padre fez questão de ressaltar que o leigo está na linha de frente para encarar todos os tipos de dificuldades e impregnar as coisas com a luz do evangelho. De acordo com o celebrante, a Santa Rita fez a diferença no espaço dela e cada cristão também é convidado a fazer mudanças em seu meio. É o leigo que vai transformar o mundo como cidadão, de forma a não permitir que as pessoas fiquem mal com Deus, ele diz.



Figura 19 – Maquete do lar de Santa Rita. Foto de arquivo pessoal.

Na quinta-feira, dia 15 de março, a quinzena relacionou a vida da Santa com a família. Por essa razão, construiu-se uma maquete de mais ou menos um metro e meio de altura, representando uma casa. Dentro, havia uma imagem de Santa Rita, com cerca de cem centímetros de estatura e ainda uma estante em miniatura com uma Bíblia. Isso era para representar que a santa também foi casada, teve filhos e educou-os na fé católica e por isso deve ser tomada como modelo.

No entanto, com essa mesma finalidade de ensinar por meio da simbologia a ornamentação do penúltimo dia da quinzena foi uma mesa com diversas imagens de santos da Igreja Católica, ao redor de Santa Rita, para destacar que existem vários modelos de santos para o cristão seguir. Cada um com a sua história de vida e sua especialidade de intercessão. Há santo para tudo ou quase tudo, destacou o celebrante. Por este motivo, de acordo com as palavras do sacerdote, todos os

cristãos, a exemplo deles, são chamados a santidade. Os santos são aquelas pessoas que abalam e movem o mundo, segundo enfatizou.

No período da quaresma, pela tradição da Igreja Católica, todas as imagens são encobertas com panos da cor roxa para simbolizar a paixão de Cristo. Mas a exceção é para a Santa dos casos impossíveis somente no dia da quinzena, pois assim, os seus devotos poderiam homenageá-la.

Entretanto, na primeira quinta-feira de maio de 2018, quando o tema buscou identificar a vida de Santa Rita com sua devoção a Maria, os enfeites foram a imagem de Nossa Senhora de Fátima com Santa Rita ao seu lado. Entretanto, a Mãe de Jesus estava em uma posição mais elevada e de acordo com as explicações do celebrante era para expressar que ela é mestre e a Santa é a discípula. Nesse dia, pelo fato da Santa das causas impossíveis ter sido colocada em uma acomodação mais baixa, as devotas puderam tocar em todo o seu corpo com mais facilidade.

Neste dia, as devotas encostaram as mãos não só nos pés como de costume, mas também nos cabelos, deslizando-as sobre eles em forma de carinho. Tocavam também no rosto, no coração e com as duas mãos, seguravam a cintura da Santa. Algumas mulheres, após as missas, aproximavam-se do altar da Santa e ficavam vários minutos olhando para cima, na direção dos seus olhos, sem dizer uma só palavra. Parece que Santa Rita já conhece os seus pensamentos. Após receberem a comunhão, diversas mulheres não retornavam para o lugar onde estavam sentadas, mas dirigiam-se para os pés da imagem e ali permaneciam de joelhos até o término da celebração.

De acordo com Menezes (2004) a intensificação dos pedidos tem o objetivo de relacionar a necessidade do momento com os acontecimentos passados, ou seja, alguma graça já alcançada. Além disso, o devoto também se preocupa em manter esse bom relacionamento no futuro. Por essa razão, de acordo com a autora, fazem os agradecimentos e suplicam para que a Santa ou Santo não os esqueça e nem os abandone. Dessa maneira, as pessoas demonstram o desejo em dar continuidade à cadeia de pedidos e agradecimentos que os liga àquele intercessor junto a Deus. Para a autora:

outra estratégia de eufemizar o pedido parece ser a de pedir primeiro pelos outros

(“pedir por”), para só então pedir para si mesmo, demonstrando uma espécie de “altruísmo”, atitude valorizada positivamente no universo católico. Há formulações que inserem o pedido numa relação intensa com o santo, em que pedir se torna parte de um conjunto mais amplo de trocas, numa relação personalizada, de intimidade com o santo: trata-lo por suas invocações distintivas, utilizar carinho e diminutivo na fala, tentar sensibilizar o santo para atendê-lo. Deve acontecer, portanto, em cada pedido, uma certa sedução do santo, no sentido de torná-lo propenso a conceder a graça demandada”. (MENEZES, 2004, p. 215).

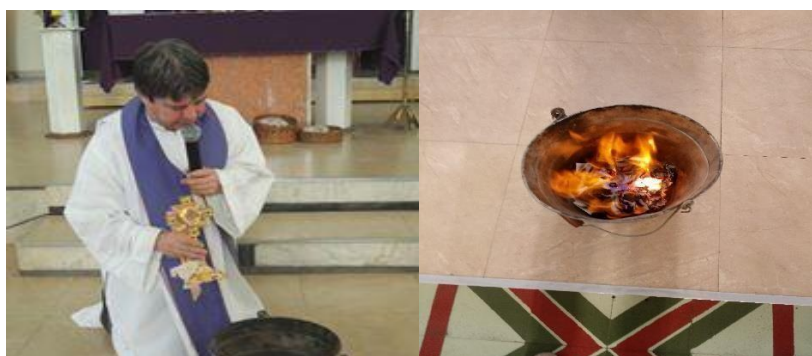
Após a missa e depois de fazerem as suas orações pessoais, durante o período da quinquena, as pessoas também se confraternizavam, pois as cantinas mantem o funcionamento nos três horários de celebrações. Em pé, sentadas ou acomodadas em mesas disponíveis, faziam os seus lanches, tomavam cafezinhos ou compravam os pães e roscas de Santa Rita para comerem em casa. Isso também, de acordo com o padre administrador, era um modo de colaborar com a Igreja. Algumas devotas frequentavam os três horários da quinquena. Eu também frequentei aquele templo cristão três vezes, em todas as quintas feiras da quinquena e participei de todos os dias da novena no período da tarde e da noite.

Fui além do permitido pela Igreja Católica ao entrar na fila da comunhão e receber o Corpo de Cristo mais de duas vezes ao dia. A orientação é que as pessoas comunguem no máximo duas vezes por dia dentro dos horários das missas. A exceção é para os padres, pois são eles que celebram várias missas no dia e uma terceira vez para os doentes que correm o risco de morrer²². Como as devotas, ajoelhei, rezei, coloquei os meus pedidos ou “cartinhas” para Santa Rita no balde, levantei objetos para benzer e guardei as lembrancinhas de cada dia. A esse respeito, Favret-Saada (1990) sugere que o pesquisador de campo precisa ter um despojamento para viver uma experiência pessoal por um período de tempo. Significa mergulhar no mundo e no fluxo da vida, construir um conhecimento mergulhado na existência e ter um olhar educado a tudo o que acontece ao redor. Um trabalho que leve o pesquisador e o pesquisado a experimentarem os mesmos afetos e as mesmas intensidades que ocorrem naquele lugar. Seja qual for o campo de pesquisa, o investigador precisa estar seduzido no sentido de se envolver e mergulhar, ainda que corra o risco de ter todo o seu projeto transformado ou desfeito.

²²Podemos comungar mais de uma vez ao dia? Disponível em: <<https://catholicus.org.br/podemoscomungar-maisde-uma-vez-no-mesmo-dia/>> Consulta realizada em: 29 de set. 2018.

Ao contrário de Menezes (2004) que se sentiu uma “ladra de sonhos” ao ler cerca de dois mil pedidos durante o seu trabalho de campo para o doutorado no Rio de Janeiro, eu me senti frustrada por não conseguir ler nenhum. Isso porque as “cartinhas” ou os pedidos escritos à Santa Rita são queimados antes da bênção final. Perguntei o motivo desse ato ao funcionário da Igreja, que auxilia os padres nas missas, ele disse que esses pedidos são realizados para aquela determinada celebração e sobem aos céus, através da intercessão da padroeira, na forma de fumaça e cinza.

Um pouco antes da bênção final o celebrante, de posse da relíquia de Santa Rita, faz a oração sobre os papéis depositados no balde e, em seguida, traçava o sinal da cruz sobre os mesmos. Enquanto isso o auxiliar de sacristia lançava o álcool para atear o fogo. Nesse momento, as labaredas e a fumaça subiam aos céus em forma de sacrifício. Os pedidos de proteção que o celebrante suplicava era também estendidos aos objetos religiosos e outros símbolos que as pessoas traziam levantavam em suas mãos, como: água, chaves, carteiras de trabalho, fotos, documentos.



Figuras 20 e 21 – O Pe. Erelis de joelhos com a relíquia de Santa Rita e a queima de pedidos. Fotos de arquivo pessoal.

A esse respeito Menezes (2004) acentua que a bênção é um conjunto de símbolos que se realiza em um evento religioso, como locomover-se dentro da igreja, a fala do dirigente, água, gestos com as mãos e corpo, balde, vassourinha, traçar o sinal da cruz, impor as mãos, em uma atitude conjunta entre o padre e os fiéis. Mas não se pode esquecer que em meio a esse ritual para suplicar a bênção está presente a figura da Santa Rita para proteger, interceder a Deus como uma advogada e também abençoar. Após as celebrações da quinzena pela manhã e à tarde, o Santíssimo Sacramento era exposto e o celebrante iniciava um momento de louvor e adoração, que seria continuado no restante do dia pelos fieis da paróquia.



Figuras 22 e 23 – Água benta, bênção das velas e a bênção com o Santíssimo. Fotos disponíveis da paróquia. Acesso em: 10 de ago. 2018.

Ladainha de Santa Rita de Cássia

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, tende piedade de nós.

Senhor, tende piedade de nós.

Cristo, ouvi-nos.

Cristo, atendei-nos.

Deus Pai dos céus, tende piedade de nós.

Deus Filho Redentor do mundo,

Deus Espírito Santo,

SSma, Trindade que sois um só Deus, Santa Maria,

rogai por nós. Santa Mãe de Deus,

Santa Virgem das Virgens,

Santa Rita, sol luminoso para guiar ao porto da salvação,

Santa Rita, valioso auxílio em todas as necessidades,

Santa Rita, espelho de resignação,

Santa Rita, sol brilhante da Igreja Católica.

Pelo inexplicável gozo que tivestes no dia de vossa profissão, escutai nossa prece

Pelas particulares consolações que gozou a vossa alma,

Pelas graças que recebestes do SSmo.

Sacramento da Eucaristia.

Pela cruz de um marido intratável,

Pelas dores crudelíssimas que sofrestes em vossa frente,

Por todas as vossas tribulações,

Pela vossa vida paciente, penitente e solitária,

Vós, cujo coração foi um trono da majestade divina,

Vós, que, sendo uma criatura, parecíeis um querubim celeste,

Vós, que recebestes o poder e triunfar dos impossíveis,

Vós, que sois a consoladora dos necessitados,

Vós, que fostes assinalada com o selo de Jesus Cristo,

Vós, que tudo podeis junto a Jesus e Maria,

próprio Moisés já havia imposto as mãos sobre Josué, clamando o poder de Deus sobre ele, a fim de capacitá-lo para liderar a jornada dessas pessoas ao lugar prometido. O sacerdote leu pausadamente, fez ponderações e colocou as suas opiniões pessoais.

O autor do livro é enfático ao dizer que Deus não quer pessoas medíocres e que para alcançar a vida desejada pelo Espírito Santo é necessário seguir os planos de Dele, mas sem exagero, pois cada um tem o seu limite, sua capacidade. De acordo com Gambarini, para ganhar a salvação tem que tomar uma decisão radical, pois junto de Deus não tem lugar para pessoas mais ou menos, desanimadas e fracas. É necessário ser corajoso, ser obediente à Palavra de Deus e guardá-la para o Espírito Santo agir. Por isso, ele enfatiza que o Cerco de Jericó é uma oportunidade que se apresenta para vencer os empecilhos e alcançar a vitória. Cada geração enfrenta as suas próprias batalhas espirituais para chegar às suas vitórias. A experiência da conquista de Canaã pode ser comparada à luta diária do cristão.

Gambarini também ressalta em sua obra sobre a importância das pessoas buscarem o conhecimento para evitar o sofrimento. É questão de decisão para começar uma vida nova, mudar o relacionamento na família e com as demais pessoas através do amor. Para ele, existe um futuro a ser conquistado e só é possível através da invocação do Espírito Santo. A conversão não significa começar a praticar ou simplesmente mudar de religião, mas deixar o antigo modo de pensar e agir, afastando-se do mal para buscar uma vida de progressão espiritual de acordo com a vontade do criador. A cidade de Jericó era tida como algo impossível de ser alcançada e só conseguiram através de intensas batalhas.

O autor reforça ainda que a vida cristã é uma caminhada de fé e também uma experiência diária de viver em Cristo. Para quebrar as muralhas, padre Gambarini lança alguns desafios a partir de dois questionamentos: Qual é a Jericó de cada pessoa e de que forma permite Deus trabalhar em sua vida? Para ser um vitorioso nas bênçãos é necessário seguir o plano da batalha, pois existem muitas muralhas a serem derrubadas para entrar na posse da Jericó de cada pessoa. O autor insiste que o cristão não pode se permitir ao pecado, à fraqueza, à tentação, ao vício, aos pensamentos ou à opinião de outros indivíduos que continuem a lhes tirar a certeza da vitória. Neste sentido, o celebrante padre Camilo acentua ao dizer que ninguém precisa mentir, roubar, transgredir as leis. E ainda acrescenta que o cristão precisa ser verdadeiro e honesto consigo e com os outros. Basta ser ele

mesmo e criar as suas próprias vitórias, pois Deus concede as mesmas graças que dá aos santos.

Nas celebrações do Cerco de Jericó a procissão de entrada não teve a imagem de Santa Rita e nem o seu hino como acontece nas quinzenas. Iniciava--se com uma música para invocar o poder de Deus e após o ato penitencial, rezava-se a consagração ao Espírito Santo do livro. O Santíssimo Sacramento era colocado sobre o altar somente depois da comunhão, com música própria para o momento. Enquanto isso, as pessoas se colocavam de joelhos para clamar a armadura de Deus.

O ritual da celebração seguia com uma procissão dentro da Igreja mesmo: o padre na frente levando o ostensório e a hóstia consagrada, representado Jesus, os coroinhas e a multidão atrás. Neste instante, os fiéis levantavam as mãos para tocar, faziam reverência, rezavam baixinho, encostavam as carteiras de trabalho, fotografias e outros objetos. Quando o padre retornava para o altar e as pessoas se acomodavam novamente nos seus lugares, com os joelhos no chão, rezavam-se a oração de cura e libertação proposta pelo livro.

Para encerrar a celebração, o sacerdote levantava o Ostensório bem alto e fazia o sinal da cruz três vezes para abençoar os pedidos de orações no balde, também o povo e os objetos. Instantaneamente o auxiliar litúrgico derramava uma quantidade de álcool sobre os pedidos e acendia o fósforo para queimá-los. Os músicos continuavam a cantar enquanto o padre guardava o Santíssimo na capela ao lado do altar e, por último é rezada a novena de Santa Rita. A música de preferência para os rituais de bênçãos ao final da missa era “As muralhas vão cair” de autoria de Ricardo Mota:

*As muralhas vão cair
O mar vai se abrir pelo nome
A igreja atravessar pelo nome
De pés enxutos vão estar pelo nome
Pelo nome de Jesus
As muralhas vão cair pelo nome (pelo nome)
O inferno estremecer pelo nome (pelo nome)
Todo mal vai sucumbir pelo nome
Pelo nome de Jesus, pelo nome de Jesus
Canta igreja, uma nova canção
E recebe do Espírito uma nova unção
Canta igreja, uma nova canção
E recebe do Espírito uma nova unção
Os milagres vão surgir pelo nome (pelo nome)
O cego enxergar pelo nome (pelo nome)
O paralítico vai andar pelo nome
Pelo nome de Jesus
O leproso vai sarar pelo nome*

*Todo sangue estancar pelo nome
Toda igreja vai louvar pelo nome
Pelo nome de Jesus, pelo nome de Jesus
Canta igreja, uma nova canção
E recebe do Espírito uma nova unção
Canta igreja, uma nova canção
E recebe do Espírito uma nova unção
Canta igreja, uma nova canção
E recebe do Espírito uma nova unção
Canta igreja (canta igreja) uma nova canção (uma nova canção)
E recebe do Espírito uma nova unção*

Composição: Ricardo Mota²³

Ao som dessa canção, acompanhada de violão e vozes ensaiadas, as emoções das devotas de Santa Rita iam à flor da pele e superavam a razão. Isso parecia favorecer e intensificar as orações, os pedidos e as súplicas. Algumas, de joelhos, levantavam as mãos ou simplesmente olhavam com devoção e gesto de entrega para Aquele que, de acordo com o celebrante, transformava todos os tipos de muralhas (dificuldades da vida) em vitórias. Com o espírito de gratidão, algumas mulheres, após a missa, se dirigiam até ao altar de Santa Rita para completar a demonstração de piedade e fervor de fé.



Figuras 26 e 27 – Devotas rezam no altar de Santa Rita após a comunhão. Fotos de arquivo pessoal.

As devotas, quando questionadas sobre o que pensavam a respeito de adotar os dois livros *Cerco de Jericó* e *Mãos Ensanguentadas* na novena de Santa Rita, disseram terem gostado e que nada disso representou um exagero ou tirou-lhes o foco da Santa Rita. Pelo contrário, falaram que as orações e leituras do livro reforçaram a espiritualidade, a devoção e a fé. Também questionei se tiveram alguma dificuldade em compreender a linguagem dos livros, especialmente o do padre Alberto Gambarini, até porque a maior parte não adquiriu o material. Também

²³ Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?q=musica+as+muralhas+vão+cair>> Consulta realizada em 09 de jul. 2018.

falaram que não tiveram empecilhos, pois acompanharam as leituras através do sacerdote.

Para encerrar o Cerco de Jericó, o celebrante, juntamente com os fiéis, deu sete voltas ao redor da Igreja, enquanto os músicos lá dentro continuaram a entoar músicas de libertação. Os materiais do Cerco de Jericó e novena foram disponibilizados na secretaria, que em 2018 foram vendidos nos valores de R\$22,00 o primeiro e R\$6,00 o segundo. Havia também a opção de um folheto sobre as mãos ensanguentadas no valor de R\$2,00.

2.3 – Novena de Santa Rita

À noite, durante os nove dias que antecederam o dia 22 de maio, aconteceram à novena das Mãos Ensanguentadas de Jesus de autoria do padre Nilso Aparecido Motta. Este sacerdote nasceu no ano de 1976, no estado do Paraná, e recebeu a batina sacerdotal em 2003. Atualmente, não está mais vinculado a nenhuma paróquia, mas se dedica a missões, com pregações de retiros, congressos, shows e seminários pelo Brasil e Estados Unidos. É diretor espiritual e membro da Comunidade de Aliança Kénosis. Faz parte da Rede Século 21-ASJ, onde apresenta o programa “Você pode ser Feliz” que vai ao ar toda terça-feira das 09h15min às 11h e também o programa “Renovação em Ação”, transmitido toda quarta-feira às 21h30min, além de ter participado de outros programas veiculados pela mídia, lançou seis CDs e escreveu diversos livros.²⁴

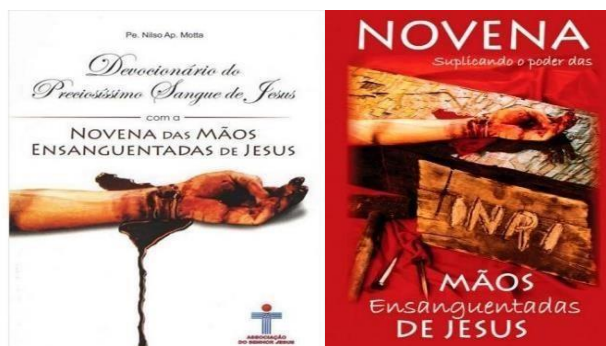


Figura 28 e 29 – Livro e folheto da novena Mãos Ensanguentadas de Jesus. Fotos de arquivo pessoal.

²⁴ **BIOGRAFIA.** Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/site/padrenilsomotta/bibliografia/>> Consulta realizada em: 10 de jul. 2018.

Em seu exemplar de *Devoção das Mãos Ensanguentadas às Chagas de Jesus* propõe um tema e leitura da Bíblia para cada dia com reflexões e orações de súplicas. Os assuntos do livro são fé, perdão, pureza, cura, alimento, cruz, mãe, perseverança, humildade.

Durante as noites de acontecimentos da novena, se repetiram a procissão de entrada com a imagem de Santa Rita, da mesma forma da quinzena. A cada noite a Santa foi levada por representantes leigos, de pelo menos duas pastorais escolhidas, para receberem homenagens por causa do ano do laicato. Foram as equipes do dízimo, coroinhas, catequese, batismo, os vicentinos, pastoral da família, os músicos, grupos de oração e outras tantas. Não só tiveram o privilégio de entrar com a Santa, como também podiam se sentar na frente, em local de destaque.

No horário da noite, às 19h30min, o público era em maior número, com perfis variados de idade e sexo, mas especialmente trabalhadores que não podiam frequentar durante o dia. Assim que acabava a celebração, as pessoas iam embora ou faziam um lanche na cantina, mas não demoravam muito. No estacionamento quase não cabia a quantidade de carros e, por isso, os condutores eram obrigados a colocar os seus carros enfileirados, um atrás do outro.

Na quarta-feira a novena foi rezada com mais fervor, pois nesse dia já acontecia a tradicional missa de São Judas Tadeu, presidida pelo padre Erelis. A Igreja ficou com um número bem maior de fiéis, não só por causa de Santa Rita, mas também por São Judas Tadeu. Durante a celebração, os dois santos ocuparam a mesma mesa no altar, um ao do lado do outro. A cerimônia eucarística durou em torno de duas horas ou mais, com orações e rezas de terços clamando os milagres da cura de todas as doenças. Já na quinta-feira, a novena das Mãos Ensanguentadas de Jesus, coincidiu com o último dia da quinzena de Santa Rita. A Igreja já se preparava para receber um número maior de fiéis, então foram colocadas cadeiras do lado de fora e telão para que ninguém perdesse o ritual da celebração. Além disso, a rádio Catedral de Juiz de Fora fez toda a transmissão ao vivo para os devotos que não puderam comparecer.

Nesse dia, o padre ressaltou que existem modelos de santos para tudo na vida e cada um deles tem uma história de vida para o cristão imitar. Isso significa que é até recomendável ter mais de um santo de devoção. De acordo com Menezes (2004) combinar devoções significa aumentar a chance de o devoto ficar mais protegido pelos santos diante das dificuldades da vida. Um santo não diminui o

poder do outro, pelo contrário, somam-se as forças, aumentam as capacidades para oferecer mais garantias, mais amparo e proteção aos que neles acreditam. De acordo com a autora, isso é de grande valor, especialmente quando necessitam receber graças consideradas difíceis ou de desespero.

Ser devoto de vários santos de especialidades diferentes – sejam estas a proteção de determinadas profissões, a cura de doenças específicas, a defesa de partes do corpo – pode tornar a pessoa resguardada nas diversas áreas em que seus santos protetores atuem. Portanto, seja somando a força dos santos, seja unindo suas capacidades diferentes, combinar devoções é uma estratégia para garantir maior segurança diante dos reveses da vida. (MENEZES, 2004, p. 20).

Oliveira e Araújo (2009) também reforçam que nesse modo de crença tem os devotos que interagem com os seus santos de devoção pessoal, mas também invocam os cuidados de outros. Ainda que esses outros santos não sejam de sua prioridade ou tão íntimos, nada impede que os pedidos sejam direcionados aos dois ou mais concomitantemente. Segundo Menezes (2004) a prática de combinar várias devoções teoricamente não tem problema algum. Ao contrário, a lista de santos poderia se estender até o infinito, deixando o fiel protegido mediante a qualquer tipo de perigo que possa lhes ocorrer. Mas por outro lado, esse processo implica em outra situação que é a obrigação com os santos, ou seja, não é tão simples assim como se parece.

O bom devoto, como salienta Renata Menezes (2004), precisa cumprir os deveres para com os santos para manter uma boa convivência com eles. Sendo assim, não pode abrir mão de comparecer às suas festas para lhes oferecer homenagens, prestígios, oferendas e demonstrar afetos. Dessa forma, quanto maior o número de santos que o devoto estiver ligado, maior será a quantidade de compromissos para com eles. Isso porque ninguém gosta de receber uma desfeita, ou ser tratado com pouco caso. Dessa forma, a autora é enfática ao dizer que:

Combinar devoções é, portanto, uma prática que só adquire sentido se o devoto que a realizar se mantiver dentro dos limites de sua capacidade de cultivar suas relações com os santos, de cuidar delas. Caso contrário, ele não poderá se sentir seguro em contar com sua ajuda nos momentos de necessidade. Mas, à medida que for capaz de cumprir corretamente as obrigações que a entrada nos circuitos das devoções envolve, a pessoa pode desenvolver quantos vínculos quiser ou for capaz de gerir. Mesmo que a obrigação funcione como uma espécie de limite à combinação de devoções, esse procedimento permanece aberto ao devoto na medida de

suas capacidades de manter as relações acertadas. (MENEZES, 2004, p. 204)

Experimentar um santo, de acordo com a concepção de Menezes (2004), significa estabelecer um novo relacionamento ou um novo apelo com um intercessor diferente que está junto de Deus. É fazer uma invocação com quem ainda mantém somente um convívio superficial, mediante a uma situação nova e diferente. E quando um devoto se entrega de forma concreta a um santo, ou seja, torna-se um fervoroso fiel, é porque já não tem mais nenhuma dúvida de suas verdadeiras capacidades. Depois que chega a esta condição jamais dirá que o está apenas experimentando.

Assim, a experimentação permite perceber que tanto a curiosidade em testar um santo como a dúvida em sua competência são elementos constitutivos da relação com os santos, ainda que em determinados momentos ou condições do relacionamento, quando ela ainda não é consolidada. (MENEZES, 2004, p. 220)

Então surge a seguinte pergunta: o que leva as pessoas a experimentarem um novo santo? Não seria mais adequado firmar o relacionamento com o seu santo de confiança? Sobre isso Menezes (2004) elenca que são diversas as razões que levam um indivíduo a testar a habilidade de um novo santo. Pode ser por causa de sua fama em que um enorme número de devotos consegue lhes agregar. Mas, além disso, pode ser também devido a sua especialidade, um sinal recebido do mesmo, testemunhos de pessoas conhecidas, ou ainda, conselhos recebidos de quem já conseguiu graças diante de uma situação difícil. Experimentar um santo é fazer-lhes pedidos, clamar, solicitar ajuda, ou ainda praticar algum tipo de exercício de fé a ele relacionada. Isso pode acontecer somente com o propósito de testar os resultados de suas interferências, sem ter a obrigação de tornar-se seu devoto. Neste sentido:

A prática de experimentar um santo parece tornar-se mais fácil à medida que se pode fazê-lo sem ter de se tornar automaticamente seu devoto, e sem ter de abrir mão das devoções já consolidadas para testar um novo personagem. Portanto, ela é facilitada pela possibilidade de combinar devoções (...). Se a experimentação não der certo, isto é, se o poder do santo experimentado não convencer, pode-se deixá-lo de lado. Mas se ela “funcionar” isto é, se for um caso de descoberta de um santo poderoso, é sempre possível “combinar” o personagem recente aos que já compunham o panteão de um devoto, unindo sua especialidade ou somando sua força às proteções com as quais já se podia contar. (MENEZES, 2004, p. 222)

Um hino bastante entoado na celebração da quarta-feira, na novena de Santa Rita, com a presença de São Judas Tadeu foi Filho de Davi.

Filho de Davi

Ministério Exult

*Me contaram que o senhor ia passar
E que havia uma chance de eu poder enxergar
Me disseram que tinhas poder
Pra ressuscitar e fazer o paralítico andar
Renasceu dentro de mim a fé
Que há muito eu já não tinha
Eu senti meu coração arder
E eu gritei para o senhor me responder
Jesus, filho de Davi, me cura
És o santo de Israel
Diante de ti a tempestade se cala
Meu Deus honra a minha fé
Jesus, filho de Davi, me cura
És o santo de Israel
Diante de ti a tempestade se cala
Meu Deus honra a minha fé
Eu sei o que o senhor tem pra mim
Tuas promessas não vão deixar de se cumprir
Eu sei, teu espírito santo está agindo em mim
Jesus
Jesus, filho de Davi, me cura
És o santo de Israel
Diante de ti a tempestade se cala
Meu Deus honra a minha fé
Jesus, filho de Davi, me cura
És o santo de Israel
Diante de ti a tempestade se cala
Meu Deus honra a minha fé²⁵*

Na sexta-feira à noite, faltavam apenas quatro dias para a festa, por volta das 18h, realizou-se a reunião das mulheres que iriam vestir-se de Santa Rita para uma homenagem na missa das 15h do dia 22 de maio. Cheguei primeiro e fiquei esperando, pois afinal queria acompanhar tudo. Não demorou muito entrou uma senhora de oitenta e seis anos, a audição meio enfraquecida, mas com disposição e alegria. Trazia consigo uma bolsa pequena de papel e dentro continha algumas folhas impressas com a música que fizera, usando a melodia do hino da cidade de Juiz de Fora. Segundo ela, já tinha uns dois anos que era responsável por preparar a canção, instruir e ensaiar as devotas para homenagear a padroeira.

²⁵ Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/ministerio-exult/filho-de-davi/>> Consulta realizada em: 03 de ago.de 2018.

Hino em homenagem à Santa Rita de Cássia em

(Refrão)

*Salve, salve padroeira
Dos devotos do Bonfim
Juiz de Fora toda inteira
Também vos cultua assim.
Santa Rita gloriosa
Com alegria aqui estamos
Viemos agradecer-te
Com tão grande devoção
Que saibamos carrega-la
Para nossa salvação.*

(Refrão)

*Salve, salve padroeira
Dos devotos do Bonfim
Juiz de Fora toda inteira
Também vos cultua assim.
Em teu terço tu rezavas
Com fervor a oração
E a Jesus te entregaste
Em perfeita comunhão.
Fizeste brotar a rosa
Santa Rita querida
Hoje nós te ofertamos
Tuas rosas preferidas.*

De pronto, àquela senhora não gostou da presença do pequeno número de mulheres na reunião. Recomendou que cada uma convidasse uma amiga e se apressarem para confeccionar as vestimentas, os acessórios e ensaiarem a música em casa, para não fazer feio no dia. Orientou também que no momento da homenagem, quando subissem no altar a fim de oferecerem as rosas à Santa, não se esquecessem de levantar os vestidos para não caírem da escada. Estavam todas ansiosas e com muitas expectativas, pois tudo isso era uma maneira de agradecer pelos milagres recebidos da Santa Rita.



Figuras 30 e 31 – Mãe e avós com as crianças vestidas de Ritinha para homenagear a padroeira. Fotos de arquivo pessoal.

No dia 22 de maio, exatamente na celebração das quinze horas, estavam todas como havia combinado. Com hábitos de convento do final da Idade Média e a cicatriz na testa simbolizando o espinho da coroa de Cristo, estavam alegres e com muita fé. Às que tem filhas e netas pequenas as levaram também vestidas de Ritinha.

2.4 – Formas de expressões religiosas de devoção à Santa Rita durante a preparação da festa: sacrifícios, orações, homilias, vigílias, arrecadação de alimentos, montagem das barracas, etc.

O interior da Igreja possui três imagens de Santa Rita. Uma de estatura maior que fica no altar construído em consonância com a arquitetura do templo, em forma de uma porta triangular. Esse local, durante o ano todo, é enfeitado em seu entorno com ramos verdes e flores, rosas naturais desidratadas, pois não necessitam serem trocadas periodicamente. No período da quaresma, essa ornamentação é branca e verde para cumprir a recomendação da Igreja Católica de usar somente cores discretas. A posição desta imagem permite que os devotos consigam tocar apenas em seus pés.

Além desta imagem maior que é colocada no altar de Santa Rita e fica em uma altura mais elevada, uma segunda imagem, menor, fica sobre uma mesa de mármore, perto do local de celebração, onde todos podem tocar com facilidade.

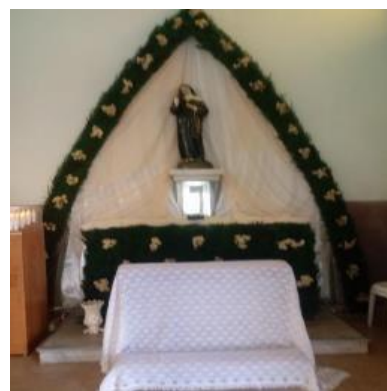


Figura 32 – Altar de Santa Rita. Foto de arquivo pessoal.

A terceira imagem é exposta na parede do altar central, posicionada de joelhos, logo abaixo de uma imagem de Jesus crucificado, e tem olhar fixo para o alto em forma de adoração. O fato das pessoas conseguirem tocar somente nos pés na imagem maior, por ela se encontrar em um local alto e de difícil acesso para a maioria, faz com que as pessoas tenham preferência por tocar na imagem menor, pois podem tocar com as mãos em todo o seu corpo.

A organização das imagens facilita a prática da devoção e quando as trocam de lugar, as devotas se sentem perdidas e se desorganizaram por não saberem em qual imagem tocar. Isso aconteceu nos dias de preparação para a Semana Santa

em que a Santa Rita precisou ceder o seu lugar, ou seja, a coluna de mármore, para a Nossa Senhora das Dores. Nesta ocasião, a Santa das causas impossíveis foi transportada para outra coluna, que fica ao lado esquerdo do altar, e por isso, naquela semana não recebeu o afeto de costume.

Da mesma maneira como aconteceu nas quinzenas, na novena das Mãos Ensanguentadas, todos cantavam a música de Santa Rita enquanto era levada e acompanhada por toda a equipe de celebração e os festeiros do dia. Quando ela passava pelo corredor, as pessoas se aproximavam e tocavam em várias partes do seu corpo, lhes beijavam, levantavam as mãos em sua direção, mandavam beijinhos de longe, rezavam entre murmúrios, colocavam-se de joelhos, faziam o sinal da cruz ou abraçam as suas pernas com a maior intimidade. Neste instante, o sacerdote, de pé em frente ao altar, contemplava tudo e quando a recebia em suas mãos lhe dava um beijo e a levantava o mais alto que podia para traçar o sinal da cruz diante dos fiéis. Todos a veneravam com aplausos, orações, sorrisos ou lágrimas.

Enquanto a imagem era colocada em seu lugar de destaque a música de início da celebração era entoada. O padre invocava o perdão através do rito penitencial e, em seguida, todos se concentravam na direção do altar de Santa Rita para cantar a sua ladainha. Nesse instante, inúmeras pessoas dobravam os seus joelhos para demonstrar a fé e o carinho pela senhora dos casos impossíveis. Ao final da missa, o sacerdote abençoava os pedidos, os remédios, água, carteiras de trabalho e outros objetos com o Santíssimo.

No que se refere a intimidade das devotas com a Santa Rita Menezes (2004), salienta:

Potencialmente, toda e qualquer pessoa tem a possibilidade de pedir a um santo, e muitos o fazem. Mas nem todas as pessoas têm a capacidade de dominar a etiqueta do pedido. Mas a descoberta de uma “etiqueta” do pedido remete ainda à ideia de uma hierarquização entre os devotos e suas formas de pedir, o que significa dizer que algumas delas são consideradas mais legítimas do que outras. (p. 218).

Ao final de cada celebração, nos dias da quinzena e novena, as mulheres se deslocavam para o altar da Santa Rita e ficavam por vários minutos com olhares fixos, rezando só com murmúrios, tocando nos seus pés ou simplesmente em silêncio. Outras preferiam render homenagem à imagem menor por poder tocar em várias partes. Perguntei a uma senhora o motivo dela tocar em seu coração e ela

respondeu que é porque a Santa Rita segura um crucifixo grudado ao seu coração e significa a cruz que cada cristão carrega. Já outra mulher de cinquenta e seis anos, que trabalha como auxiliar administrativo assegurou que coloca as mãos no peito da Santa como uma forma de carinho, pois ela tem um coração de rosas, sensível e pronto para interceder.

Do lado direito do altar de celebração e próximo às imagens da padroeira, fica um pedestal de madeira com velas ecológicas automáticas. Basta colocar no cofre a quantidade de moedas para o número de velas que quer acender. Se depositar cinco moedas, acenderá cinco velas de uma vez. Não importa o valor, mas sim o número de moedas. Entretanto, do lado de fora da Igreja há um crematório para velas comuns que ainda é a preferência de muitos devotos.



Figura 33 – crematório de velas ecológico. Foto de arquivo pessoal.

Três dias anteriores à festa, já havia muitas mulheres trabalhando na organização do evento. Nesse momento os perfis sociais, econômicos, culturais e de idade se misturavam. Esse é caso de uma comerciante, proprietária de uma distribuidora do ramo da construção, uma das entrevistadas, a qual denominei Ana. Essa mulher, de quarenta e oito anos de idade, mãe de uma menina de dez, é quem deu origem aos pães e roscas de Santa Rita. Ela, com algumas auxiliares, garante mais de dois mil pãezinhos durante a festa. Tudo fabricado de forma artesanal, como nos tempos antigos.



Figuras 34 e 35 – Produção dos pães e roscas de Santa Rita. Fotos de arquivo pessoal.

Ana é devota de Santa Rita desde que descobriu que estava grávida. Ficou algum tempo pensando em uma maneira de agradar à Santa para agradecer as bênçãos recebidas. Por isso, nos dias que antecedem a festa passa noites e dias

em pé, trabalhando na fabricação do alimento. No dia do evento, levanta antes das quatro da manhã e só vai embora depois das vinte e três horas. Ela aprendeu a receita com as suas avós, quando era criança e morava no campo. Aos vinte e poucos anos se mudou para Juiz de Fora, junto com os irmãos também novos, para tentar melhorar de vida. Durante anos possuiu uma padaria a qual lhe garantiu muito sucesso. Por isso, em 2014, pensou em uma forma de demonstrar gratidão à Santa Rita, que tantos milagres realizou na sua vida. Decidiu criar o pão de Santa Rita, que em pouco tempo se tornou em uma tradição na paróquia.

Antes de conhecer a história do pão de Santa Rita, imaginei que Ana era somente uma auxiliar da cantina. Quando me aproximei daquela cozinha, ainda do lado de fora, perguntei se ela teria algum momento para conversar comigo. Queria saber o porquê de se dedicar àquele trabalho e se era grata à Santa Rita. De imediato ela me convidou para entrar, pois estava fazendo a massa dos pães e não podia parar. Recomendou que eu pusesse a touca na cabeça. Quando me aproximei, antes mesmo de ligar o gravador, ela se pôs a chorar. Pediu um tempo para se recompor, mas mesmo assim, a nossa entrevista, que durou aproximadamente uma hora, foi interrompida várias vezes devido a sua emoção. Eu também chorei. Chorei porque sou mulher, humana e mãe. Chorei porque sei o quanto a vida é difícil. Aliás, me emocionei em quase todas as entrevistas que realizei... E me senti útil em dar voz a essas mulheres.

Depois da festa, Ana ainda comovida com os acontecimentos do jubileu e também pela nossa conversa, convidou-me para fazer um lanche em sua casa, pois ainda tinha muito a dizer sobre a sua vida e sobre as graças alcançadas através da Santa dos impossíveis. Aceitei o convite, mas desta vez não era mais para o meu trabalho de pesquisa e sim na condição de mulher, amiga e acolhedora. Não pude gravar a sua fala, pois em todas as tentativas a sua voz ficava embargada pelo choro. Optamos por ter uma conversa informal que durou cerca de três horas. Durante esse diálogo, Ana relatou a sua trajetória e a de seus irmãos desde a infância. São histórias de lutas, sofrimentos e vitórias, que segundo ela sempre foi sob a intercessão da Santa Rita de Cássia.

Às vésperas do Jubileu, os sacerdotes da paróquia encaravam os serviços de carpintaria, auxiliares de pedreiros e outros serviços pesados, para montar as barracas e a lojinha de artigos religiosos. Durante os oito dias que antecederam a festa, o silêncio do altar se misturava com os barulhos dos martelos, furadeiras e

serras elétricas. Além disso, os profissionais da construção aceleravam os trabalhos a fim de entregar as novas salas em tempo. Tudo era correria e agitação.

Naquele ambiente de preparação para a festa, professoras, comerciantes, universitárias, aposentadas, psicólogas não escolhiam os serviços que queriam realizar. Seja na cozinha, na faxina, no atendimento ao público, na liturgia ou na troca de rosas, para elas o importante era estar a serviço. Quando questionadas sobre o cansaço e dores nas pernas, pois ficavam várias horas em pé, diziam que nada daquilo era sacrifício, mas apenas um pequeno gesto para agradecer os milagres, especialmente a vida e a saúde dos seus filhos, sejam eles gerados no ventre ou não.

Uma das ajudantes da festa, Clarissa, uma paroquiana de cinquenta e dois anos, trabalhou também na acolhida durante toda a quinzena. Em entrevista ela relatou a sua história de mais de dez anos de devoção à Santa Rita de Cássia. Quando perguntei de que cor ela se considera, respondeu que hoje se considera branca, mas que antes era morena, referindo-se à doença de Vitiligo que durante muitos anos trouxe transtornos para a sua vida. De acordo com Clarissa, a cada festa de Santa Rita que frequentou, passou o óleo e água benta em todas as manchas do seu corpo e o resultado foi positivo. Um dia, sua médica lhe perguntou se estava tomando algum remédio diferente, pois a sua melhora era significativa. Além desse fato, a devota também contou que tem vários outros motivos para tamanha gratidão com a Santa, como a cura dos seus problemas renais, a saúde, felicidade do seu filho e a paz no seu casamento.

Na corrida contra o tempo, essas devotas trabalhavam, pediam opinião umas das outras: o que vocês acham de colocarmos umas flores aqui, ali? E as cortinas? Ficam melhor mais acima ou mais abaixo? Eu estava lá em vários momentos. Juntei-me a elas nos dias anteriores à festa para realizar os trabalhos de passar as toalhas do altar, da ornamentação e também limpar cadeiras para a sala onde o Santíssimo ficaria exposto no dia 22 de maio. Neste sentido, Steil e Carvalho (2012) falam de uma pesquisa imersa na vida, ou seja, habitar o mundo e ser atravessado por ele. O investigador tem que levar em conta tudo o que está à sua volta e ser engajado, construir uma ciência imersa na vida porque nela tudo está entrelaçado. É preciso olhar a vida tal como acontece no fluxo, na vivência, na experiência, pois no universo tudo está emaranhado, interligado. Educar a atenção significa seguir os fluxos, os movimentos.

As pessoas trabalham para agradecer as bênçãos conquistadas através da intercessão da padroeira. Esse é o caso da Olga, doméstica, de cinquenta e dois anos, que contou que quando jovem, ainda solteira, ficou grávida de uma menina e não teve ninguém para ajudá-la. O pai da criança insistiu para ela realizar o aborto, mas ao invés disso clamou a ajuda de Santa Rita e de Maria. Conseguiu ter sua filha saudável e, logo depois, apareceu outro homem que a pediu em casamento, registrou a criança como sua e ainda tiveram mais dois filhos. Por causa disso, se dedica a ajudar na festa em agradecimento pela família que conseguiu formar.

Já no domingo e na segunda, inúmeras pessoas preparavam, tanto durante o dia quanto à noite, os alimentos que seriam servidos aos visitantes da festa. Trabalhavam dias, fazendo as massas de pães, rosquinhas, cozinhavam as canjicas, as carnes, enfim, não paravam nem para fazer um lanche. Ao serem perguntadas se estavam cansadas, diziam que não, pois a gratidão à Santa Rita e o amor por servir eram maiores que qualquer coisa. No entanto, não há dúvida de que com tantas mulheres juntas também aconteçam desarmonias, mágoas e disputas de poder. Mas após a festa, tudo se resolve com a sensação de que valeu a pena.

Assim relata Deborah, uma paroquiana, de cinquenta anos, costureira, que além de catequista exerce várias outras funções como cozinhar, limpar o chão e o banheiro no dia da festa. Toda essa disponibilidade para o serviço e as orações nas quinzenas e novenas é por gratidão. Questionada sobre o cansaço no dia da festa, ela conta que é “um cansaço gostoso”, pois se prepara para aquele dia. Para ela, Santa Rita é um modelo de mulher guerreira que nunca desistiu dos seus sonhos. Contou que já recebeu milagres através da sua intercessão como o no dia em que quase perdeu a vida por afogamento na praia. Naquele momento não havia ninguém para socorrê-la e clamou a proteção de Santa Rita de Cássia.

Na sexta-feira, 11 de maio, às 21h, realizou-se à noite de oração com a sarça ardente. Estava tudo programado e preparado com antecedência. O padre fez questão de ressaltar durante vários dias, no momento dos avisos paroquiais, a importância de todas as pastorais e voluntários comparecerem a esse evento. Foram momentos intensos de orações para clamar a proteção de Deus durante a festa de Santa Rita. Na frente do altar estava um recipiente de metal, imitando uma churrasqueira comprida e ali as brasas ardiavam em chamas. Tudo isso para lembrar a passagem do capítulo três do livro de Êxodo, na Bíblia Sagrada, em que um anjo mandado por Deus aparece a Moisés no meio do fogo, em uma sarça ardente.

Nesta visão, esse líder religioso recebeu a missão de libertar os israelitas da opressão no Egito.

Enquanto os dois sacerdotes e os músicos da Renovação Carismática, conduziam a noite de oração, as pessoas saíam de seus lugares para depositar os papéis com os pedidos de orações no meio do braseiro. Nesse momento, o fogo reacendia e as labaredas subiam, transformando-se em fumaça que se elevava em direção aos céus. As músicas cantadas foram de invocação ao Espírito Santo, com súplicas de cura e libertação.

Os celebrantes convocaram os fiéis para uma experiência pessoal com Deus e também pediu a cura pelos enfermos da família. Orientou ainda que os colaboradores deveriam acolher bem os devotos na festa, especialmente no caso de alguém desmaiar ou chorar em demasia (de fato, no jubileu de 2018 inúmeras pessoas passaram mal, caíram e até se machucaram). A noite de oração se estendeu até depois das 23h e teve rezas do terço a Nossa Senhora, terço da Misericórdia, orações pessoais, ladainha, louvor, adoração ao Santíssimo Sacramento e oração em línguas.

No sábado, 12 de maio, depois da missa das 18h, ainda em preparação ao jubileu de Santa Rita, teve um show de lançamento de um EP (Um CD com cinco músicas) do ministério de música do grupo jovem Arte e Louvor da paróquia. Eram músicas católicas, já bastante conhecidas, mas em ritmo de pagode. Enquanto os jovens apresentavam, a cantina funcionava com venda de salgados, caldos, pizzas e bebidas sem álcool, com mesas e cadeiras, lembrando os barzinhos de Jesus do início da Renovação Carismática Católica no Brasil (RCC).

Na véspera do dia da festa tanto os homens quanto as mulheres faziam trabalhos de formiguinha para tentar deixar tudo pronto para o dia seguinte. Permaneceram até às vinte e três horas nas instalações elétricas, na montagem de som, preparação das barracas, nos enfeites e na organização do altar. No entanto, apesar do esforço, não conseguiram acabar de véspera. Foram para as suas casas dormir e retornar às quatro da manhã, pois a primeira missa seria às cinco horas.

Mediante a toda essa variedade de elementos de constituição da festa de Santa Rita, questionei ao padre administrador a respeito dos seus objetivos. Ele destacou o documento de Aparecida em que o Papa convoca à Igreja a ser criativa no que se refere a evangelização. De acordo com o documento, na medida em que a realidade do mundo se transforma, os métodos para evangelização também

precisam ser inovados. Isso significa que os instrumentos utilizados em outros períodos históricos para evangelizar, já não produzem efeitos na época atual. Por conta disso, a missão precisa assumir o seu próprio rosto, com características de urgência, amplitude e inclusão²⁶.



Figuras 36 e 37 – Preparação do altar à noite poucas horas antes da festa. Fotos de arquivo pessoal.

Assumir as próprias feições evangelizadoras significa usar criatividade e inovações, mas também buscar reassumir o controle da devoção popular na tentativa de ajustá-la nos moldes propostos pela Igreja Católica desde a época do Concílio de Trento²⁷. Este tipo de devoção, de herança portuguesa, faz parte da cultura brasileira desde o início da colonização. Em uma época em que não havia quase nenhum recurso da medicina e onde não havia a presença constante de sacerdotes, como no campo e em vilas distantes dos centros urbanos, a devoção popular tornou-se a principal responsável por criar especialistas em rezas, benzedeiros, curandeiros e festeiros para organizar as festas nos dias dedicados aos santos.

Nas palavras do Papa Bento XVI, em 2008, a piedade popular constitui uma forma válida e aceita de vivenciar a fé e também um jeito de ser missionário. No entanto, alguns líderes católicos criticam, pois consideram que outras formas mais autênticas desenvolvidas nas últimas décadas precisam ocupar o lugar dessa religiosidade considerada antiga²⁸. Neste sentido, na Paróquia de Santa Rita em Juiz de Fora, durante a preparação para o jubileu em homenagem à padroeira, tanto nos livros das quinzenas e novenas quanto nas orações, músicas e rituais de

²⁶ Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015. Brasília: CNBB 2011. Disponível em: <www.a12.com/source/files/originals/documentodeaparecida.pdf> Consulta realizada em: 01 de ago. 2018.

²⁷ O Concílio de Trento, realizado na Itália em 1545, propunha mudanças no seio da Igreja Católica como: reforma do clero, inovações na liturgia, obediência aos sacramentos católicos e desenvolvimento de congregações religiosas. No entanto, esse movimento chamado de romanização chegou ao Brasil, através de congregações religiosas, somente no final do século XIX e uma das suas intervenções foi fazer adaptação das devoções presentes no Brasil, desde o início da colonização às normas da Igreja Católica. (GOUVÊA, 2008).

²⁸ VALENTE, P. Flaviano Amatulli. **Documento de Aparecida**: síntese. Brasil: Apóstolo da Palavra, 2008.

celebração, era possível perceber a influência da Renovação Carismática Católica (RCC)²⁹. Compõe-se uma mistura do tradicional ao moderno em um esforço de adequar-se às novas solicitações da atualidade.

A este respeito, Mariz (2006) chama a atenção para a diversidade do catolicismo dentro da mesma Igreja e debaixo de uma mesma liderança, despertando a curiosidade de estudiosos para tal fenômeno. Essa diversidade católica contemporânea brasileira reflete os trabalhos desenvolvidos pela Igreja Católica no sentido de se adaptar às novas demandas da atualidade. Neste sentido, foram desenvolvidas três principais campanhas ao longo da História do Brasil: a Romanização, a Teologia da Libertação, seguida das CEBs e a Renovação Carismática com a súplica ao Espírito Santo, dando origem a grupos de orações e comunidades de vida. São vários modos de ser católico ao mesmo tempo, sem abandonar os princípios da tradição. As três ações são diferentes entre si, mas comungam dos mesmos objetivos: modernizar, reinventar, criar e se adaptar.

Na concepção de Hervieu-Léger (2015) a identidade religiosa não é mais herdada, mas inserida em uma dinâmica na qual o sujeito é o principal agente da construção de crenças. São valorizadas as experiências individuais e a espontaneidade do crente com o seu sagrado. Sendo assim, Igrejas cheias de fiéis estão relacionadas aos carismas e criatividade de seus representantes no sentido de se adaptarem às novas realidades. De acordo com o autor, nas sociedades atuais, as religiosidades estão em movimento e essas mudanças precisam ser levadas em conta.

Portanto, segundo o Documento de Aparecida, a Igreja Católica pode ser comparada a uma empresa que conquistou enorme êxito no passado, mas atualmente enfrenta a sua decadência por não saber adaptar-se às novas demandas da sociedade. Continua a oferecer um serviço de escassa qualidade e, por isso, perdem clientes ou fiéis para outras denominações que apresentam tecnologia e propagandas mais desenvolvidas. Por esta razão, a instituição católica convoca os seus representantes e leigos a proporem mudanças por meio de atitudes inovadoras para recuperar-se do fracasso. Neste sentido, o trabalho que antes era realizado por congregações religiosas de origem europeia, é colocado, nos tempos atuais, como

²⁹ A Renovação Carismática Católica corresponde a uma expressão religiosa da Igreja Católica que surgiu nos Estados Unidos em 1967 e trazida para o Brasil poucos anos, por meio de dois padres jesuítas. Esse movimento baseia-se na invocação do Espírito Santo, com orações em línguas entranhas, grupos de orações, etc. (CARRANZA, 2009).

responsabilidade dos membros ativos de cada paróquia para atuar nos diferentes serviços em defesa da fé católica ³⁰.

³⁰ VALENTE, P. Flaviano Amatulli. **Documento de Aparecida**: síntese. Brasil: Apóstolo da Palavra, 2008.

CAPÍTULO 3 – APROPRIAÇÕES DE SANTA RITA PELOS SEUS DEVOTOS

3.1 – Ser mulher

“O artista coloca seu dom na obra que faz, e a vitalidade ali contida torna-se acessível a outras pessoas. Ademais, as obras que se tornam realmente importantes para nós são aquelas que transmitem essa vitalidade e que fazem reviver a alma”
Lewis Hyde

Este subcapítulo não tem a pretensão de aprofundar na questão do gênero feminino, tendo em vista que o assunto não é tão simples, mas bastante instigante e, por isso, demandaria mais tempo para pesquisar o tema com maior propriedade. No entanto, como o foco do trabalho é a devoção de mulheres à Santa Rita de Cássia, não poderia iniciar o terceiro capítulo sem uma breve abordagem a respeito da atuação da mulher na religião, na família e na sociedade. A mulher sempre teve um papel fundamental na formação dos filhos e nos cuidados com a família, mas na maior parte da História foi tratada como inferior ao homem, devendo ser-lhe submissa e obediente. Em um universo machista e patriarcal, a tutela era passada do seu pai para o marido logo após o casamento.

Entretanto, na medida em que o capitalismo avançou, as mulheres passaram a lutar por igualdade de direitos e tentar ocupar espaço no mercado de trabalho que antes não lhes era permitido. Dessa forma, começaram a se destacar e serem a maioria em vários setores da sociedade como em universidades, empresas, segurança e outros. Isso resultou em autonomia financeira e liberdade para definirem os próprios rumos, tendo como consequências a terceirização das tarefas domésticas, dos cuidados com os filhos, diminuição dos números de casamentos, diminuição da natalidade e divórcios. Neste sentido, é necessário citar Swain (2014) a respeito da liberdade e igualdade feminina:

(...) nenhuma reivindicação de igualdade subsiste se não é acompanhada de liberdade. Liberdade não apenas material, que hoje nos países ocidentais é assegurada pelas leis, mas a liberdade que supõe uma modificação estrutural da produção do sujeito “mulheres”, de seu próprio devir, transformador de seu meio social. Sujeitos de linguagem, de ação, de invenção de si mesmas, eixo de criação de novas imagens e representações sociais do humano, estes são os caminhos da liberdade, pois não há liberdade fora de práticas de liberdade (SWAIN, 2014, p. 35).

Dessa forma Leite e Noronha (2015) também ressaltam que a mulher já sofreu muito com o preconceito por não ser considerada um ser tão competente

quanto ao homem, devido a sua capacidade física e até mesmo pela maternidade que a deixava por um período mais sensível. A mulher moderna superou barreiras, passando a trabalhar fora de casa, se tornou livre para escolher se deseja ou não filhos e fazem opção por casar ou ficar solteira. Ela conquistou a liberdade tão sonhada, mas que nunca lhe foi concedida anteriormente e, com isso, sentem-se capazes de formar uma família, administrar e educar os filhos sem a presença do marido ou trabalhar fora enquanto o homem cuida da casa e das crianças.

Apesar de todos os avanços no sentido de igualdade de direitos é preciso destacar que ainda é enorme o preconceito e a discriminação da sociedade em relação a mulher. Algumas são tratadas, inclusive, com violência por parte dos seus companheiros, ou no ambiente de trabalho ou ainda por alguns setores da sociedade. A resistência masculina para manter o patriarcalismo e o machismo, por medo de perder o espaço que sempre ocuparam, por vezes resulta em agressividade. Por conta disso, foi necessário criar no Brasil, no ano de 2006 uma lei específica de proteção à mulher: Lei Maria da Penha³¹. Neste sentido, Swain (2014) salienta que nem os diversos movimentos feministas que já existiram conseguiram apagar a origem de todo o tratamento de desigualdade em relação à mulher.

A diferença sexual criou os homens e as mulheres em significações sociais tão diversas, em hierarquia tão arraigada que anos e anos de militância feminista não conseguiram ainda destruir. Isto porque a reivindicação pela igualdade, cuja importância é inegável, não elimina a raiz da posição inferior das mulheres no social, ou seja, a diferença sexual, nem sua dimensão naturalizada. (p. 38).

Dessa forma, Vieira (2005) acentua que a característica da mulher no período da pós-modernidade é de independência financeira, não se conformando somente em ser a escolhida para assumir papéis, inclusive no casamento, mas reivindicando o seu direito de fazer escolhas, pois também é detentora de poder. No entanto, a nova mulher precisa se confrontar com um mundo cheio de instabilidade, dividido, com crises de valores e que causa insegurança. Está em suas mãos o saber pensar, decidir e viver uma vida que lhe proporcione realização e plenitude em meio a multiplicidades de escolhas e oportunidades.

³¹ Esta Lei cria mecanismos para coibir e prevenir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11340.htm> Consulta em 06 de dez. 2018.

Portanto, é possível perceber que as transformações ocorridas no meio feminino trouxeram mudanças não somente nas relações entre mulheres e homens, ou no trabalho, mas também na religião. Na igreja, por exemplo, percebem que funções antes delegadas somente aos homens, passaram a ser atribuídas também as mulheres. Pode ser observado em várias Igrejas Protestantes, especialmente nas de seguimento neopentecostal, a presença dessas damas na função de pastoras e administradoras. Na Igreja Católica, apesar delas ainda não poderem celebrar missas ou ocuparem a função de bispas, muitas se destacam como líderes em várias funções como coordenadoras de comunidades, ministras da palavra, catequese, tesoureiras, presidente de grupos de orações e outros.

3.2 – Grupo de oração Santa Rita de Cássia

“(...) a dádiva deve mover-se na direção de quem dela precisa. Ela procura o infértil, o árido, o que não tem saída, o pobre”.
Lewis Hayde

O Grupo de Oração Santa Rita de Cássia é um grupo composto só por mulheres de diversos perfis sociais, econômicos, culturais e etários. No entanto, a maior parte tem entre quarenta e cinquenta e cinco anos. De acordo com a fundadora, de pseudônimo Beatriz, psicóloga, servidora pública e uma das coordenadoras da Igreja de Santa Rita, o objetivo do grupo é ajudar as famílias que passam por momentos de aflição e desespero. Apesar de elas rezarem pelos homens quando vão às suas casas, somente mulheres podem fazer parte da equipe.

Foi uma iniciativa minha que, depois de uma caminhada, deu outro desenho, tomou outro formato e durante esse processo eu pude ir identificando com outros grupos que já existiam e fui percebendo que quando estamos no espírito. Deus vai moldando, dando uma dimensão que a gente não imagina. (BEATRIZ, entrevista, dia 08 de março de 2018).

De acordo com Beatriz, são sete mulheres fixas e nem todas têm maridos. Algumas são viúvas ou divorciadas. No entanto, o que as unem e as encorajam para a irem ao encontro de outras famílias, principalmente de mães que sofrem com filhos envolvidos com drogas, ou que choram a perda de um ente querido ou dificuldades no casamento é somente uma coisa: a maternidade. Todas são mães e agradecem

a Deus e à Santa Rita, através do serviço voluntário, esse dom. Neste sentido é importante citar Hyde, 2010, p. 73 que acentua:

Os povos que possuem o sentido da doação não apenas se referem a ela como algo que os alimenta, mas também como algo que precisa ser alimentado (...). Quando alimentamos a doação com nosso trabalho e nossa generosidade, ela cresce e, por seu turno, nos alimenta. A doação e o doador compartilham um espírito que é mantido vivo pelo movimento entre eles e que, por sua vez, os mantêm vivos.

Dessa forma, de acordo com a fundadora, as devotas de Santa Rita, empoderadas pelo espírito materno, reconheceram as aflições de outras mães e juntaram-se em solidariedade para tentar dividir o peso do sofrimento. O lema do grupo é: “Mulheres aflitas que rezam pela salvação de suas famílias”. Buscam seguir o exemplo de Santa Rita Cássia para fortalecer e dar esperança as outras, formando a resiliência. A esse respeito Almeida (2017) afirma que a pessoa que tem resiliência demonstra esperança de após o sofrimento as coisas terminarão bem. Depois a dor, terão forças para dar volta por cima, recuperar-se e recomeçar.

Como surge a resiliência de acordo com a ciência? Para Almeida (2017), não é o sofrimento que desencadeia a resiliência, mas ela se forma através do ambiente e da interação com outras pessoas nos momentos em que precisam vencer qualquer tipo de dificuldades. Por isso, o Grupo de Santa Rita se reúne às quintas-feiras na Igreja, às 17h30min para oração diante do santíssimo. Assim que terminam de rezar, saem em direção às casas das pessoas que necessitam de auxílio espiritual. Além das quintas-feiras, ainda se encontram uma vez por mês para intensificar as orações umas pelas outras, promover a ajuda mútua e planejar as visitas do mês. Neste sentido, Beatriz acentua que:

O ideal para nós é dar acesso às mulheres que estão em casa abatidas pelo sofrimento, através da oração. Alguém pede, indica uma família perto de sua casa que tem, por exemplo, uma mãe desesperada com um filho. Nosso foco é sempre a salvação da família, a exemplo de Santa Rita, mulher que, pela fé, salvou toda a família dela, garantiu a salvação de sua família. (BEATRIZ, entrevista, dia 08 de março de 2018).

Do ponto de vista da psicologia, a resiliência não é para os sujeitos ficarem passivos diante das tribulações, mas a partir do apoio de outras pessoas, poderão agir e tomar atitudes de cabeça erguida. Por isso, de acordo com Bartolomei (2008),

a prática de uma religião tem se apresentado como um fator importante para proteger as pessoas de situações negativas e desempenhar o papel de fortalecimento. Neste sentido, ao invés das pessoas focarem em suas fraquezas, carências e dificuldades, a partir da vivência religiosa, descobrem uma capacidade de superar quaisquer adversidades da vida.

Nessa mesma linha de pensamento Rocca (2008) enfatiza que em vários setores da sociedade, principalmente religiosos, comprova-se por meio de depoimentos, que pessoas que enfrentaram situações difíceis conseguiram reestabelecer as forças. Isso foi possível por causa da aceitação da escuta, da acolhida, do carinho e compreensão. Assim a autora afirma:

Várias delas relatam que a experiência de sentirem-se reconhecidas, amadas e cuidadas por Deus, pelas pessoas, pelo grupo ou comunidade religiosa, foi fonte de fortalecimento humano e espiritual, de superação da adversidade e uma ajuda que potencializou o processo de cura interior (ROCCA, 2008, p. 257).

Por isso, de acordo com Beatriz, o grupo do qual fazem parte essas mulheres, mães devotas de Santa Rita, quando percebem que precisam se fortalecer, cancelam os atendimentos nas casas e se recolhem em oração umas pelas outras por um determinado período, com o objetivo de buscar forças em Deus.

Em relação à metodologia das reuniões, Beatriz salientou que seguem a orientação e as leituras do ano litúrgico proposto pela Igreja Católica. No ano de 2017, dedicado a Maria, buscaram meditar o terço e o rosário, enfatizando sobre os benefícios da oração no cotidiano. Já em 2018, deram mais importância a questão dos leigos e da campanha da fraternidade com suas orientações a respeito da não violência. Segundo Beatriz, além das leituras e reflexões direcionadas, as orações também, tanto na Igreja quanto nas casas, iniciam com agradecimentos a Deus que proporciona cada oportunidade.

Portanto, as mulheres do Grupo de Santa entendem que ser devota não significa aceitar todas as coisas com resignação, mas saber superar os problemas com a ajuda de outras pessoas e se permitir ser transformado através das tribulações inevitáveis da vida. Como afirma Rocca (2008) a resiliência está interligada a uma boa autoestima. Aqueles que são mais sociais e possuem diferentes grupos de relacionamentos, seja informal ou não, tem mais chances para

encontrar apoio. Neste sentido, a religião tem sido considerada um dos pontos principais para promover e mediar a resiliência.

3.3 – As devotas da Santa, as promessas, as esperanças, as razões da devoção e como interagem.

“Uma dádiva, ou presente, ao atravessar a fronteira, ou deixa de ser dádiva ou abole a fronteira.”
Lewis Hyde

As mulheres são criativas para demonstrar o afeto à Santa Rita no dia da festa, que segundo elas, realizou inúmeros milagres em suas vidas durante o ano inteiro. Cada uma a sua maneira expressa os sentimentos com intensidade. O fato é que nesse tipo de devoção, principalmente em se tratando de uma relação entre mulheres e uma santa também mulher e mãe, não tem muito filtro ou formalidade.



Figura 38 – Imagem de Santa Rita.
Foto de arquivo pessoal.

São inúmeras as razões que as levam a se despojarem e extravasarem as emoções, mas uma delas, talvez, seja porque muitas não têm, em nenhum outro lugar, a oportunidade de serem elas mesmas. No cotidiano da existência, principalmente nos locais de trabalho, são obrigadas a demonstrar uma firmeza que de fato não existe.

Dessa forma, algumas quando chegavam perto da Santa Rita, permaneciam mudas e ficavam vários minutos paradas, frente a imagem, com olhares fixos, sem tocar com as mãos ou dizer algo. Às vezes contemplavam e murmuravam baixinho, de forma que só as duas (devota e Santa Rita) pudessem se entender. Já outras, sem cerimônia alguma, antes mesmo de rezarem, tocavam em várias partes da Santa Rita como nos pés, nas mãos, no peito, na cabeça ou no rosto. Algumas pessoas colocavam as duas mãos na cintura da imagem e outras faziam conchinhas com as mãos em um gesto de mendicância. Sobre isso Hyde (2010) escreve sobre uma das instituições Kula no norte da Nova Guiné:

Como portador de um recipiente vazio, o mendicante religioso cumpre um papel que extrapola o ato de suplicar. Ele é o veículo da fluidez que se chama abundância. A riqueza do grupo toca sua tigela por todos os lados, como se essa fosse o centro de uma roda onde os raios se encontram. É ali

que a doação vai se juntar, e o mendicante a doa a outro que encontre e que dela necessite. (HYDE, 2010, p. 56).

Então, aquele grupo de mulheres ao redor do altar, com os corações gratos ou desesperados, pareciam exigir somente uma coisa: que Santa Rita nunca as esquecesse. Havia aquelas que ficavam com as mãos trêmulas e geladas só de chegar perto da Santa e, ao serem questionadas a respeito dessa enorme emoção, diziam que era por causa dos impossíveis realizados em suas vidas. Em vários momentos o desespero em querer pegar e tocar a imagem foi tão intenso, que o crucifixo soltou das mãos de Santa Rita e caiu no chão. Por conta disso, foi necessário que uma colaboradora segurasse a imagem por trás para não ser também derrubada.

Dessa maneira, Vale (2015) acentua que dentro de cada ser humano existe algo que o influencia e o toca de maneira incondicional. Isso, segundo o autor é o que Paul Tillich chama de fé e se explica como uma atitude de totalidade do ser humano. É uma prática que acontece de forma autônoma e está ligado ao cotidiano dos sujeitos e ultrapassa todos os princípios da razão. A fé consiste no elemento mais importante do homem e um indivíduo que se reveste da sua integralidade, tem todas as suas atitudes ligadas a ela. Ela é observada em cada um dos espaços da vida e assim sendo, não é possível desvincular o cotidiano da fé. É uma dimensão enorme capaz de determinar a identidade e a integralidade da pessoa.

Neste sentido, Lopes (2011) destaca que é através da figura da imagem que os sujeitos demonstram a sua fé, as suas crenças e também tentam atingir os poderes sobrenaturais, buscando se preencher com algo que vai além da sobrevivência. A religião e a imagem estão entrelaçadas e fazem parte das mais diversas culturas há muito tempo. A imagem foi criada para



Figura 39 – Imagem de Santa Rita.
Foto de arquivo pessoal.

substituir o corpo e cumprir o papel de representar o sagrado ou manifestações do sobrenatural de maneira direta. Dessa forma, na Igreja Católica, de acordo com Lopes (2011), o sagrado que se atribui a um santo, que é uma referência religiosa, manifesta-se no corpo. São os seus corpos que concedem a base para o mapa que leva ao sagrado. No início da expansão religiosa, os pedaços dos corpos eram

destinados aos lugares onde se construiria novas Igrejas. Entretanto, na medida em que expandia, criaram as imagens como algo equivalente as relíquias.

A respeito da manifestação de fé das devotas durante os rituais da festa de Santa Rita, Menezes (2004) ressalta que as expressões do corpo e da fala direcionados aos santos podem ser entendidas como dádivas oferecidas a eles tanto nas formas de orações e homenagens quanto nos gestos de submissão e de carinho. Isso tudo tem o objetivo de conservar um bom relacionamento com eles e também de incentivá-los a conceder as graças que forem suplicadas. É na festa que o momento se torna propício para ser abençoado, consumir os alimentos também bentos, visitar as barracas e acompanhar as orações como tríduos, novenas e outros. A festa tem a capacidade de juntar pessoas devido a sua característica de “feira”, pois são oferecidas diversidades de produtos, principalmente as comidas e bebidas.

Nesse mesmo contexto, Lima (2014) evidencia que são os próprios devotos que estabelecem os limites e etiquetas no relacionamento com a Santa Rita. Alguns, com maior grau de intimidade beijam e tocam os pés, as mãos, o rosto e a cabeça. Já outros, demonstram maior sinal de respeito e não colocam as mãos em qualquer parte da imagem. Contudo, os devotos de Santa Rita consideram a sua imagem como sendo também o seu corpo. Dessa forma, a autora acentua que:

Embora Santa Rita seja considerada pessoa e seu corpo corresponda, na designação nativa, ao corpo humano, é no seu tratamento que percebemos a especificidade do corpo da santa, quer dizer, onde ele é consagrado, não devendo ou podendo ser tocado, bem como atentamos para as variações desse sagrado, já que o pé pode ser menos sagrado para uns, e para outros não. A construção desse corpo é feita pelo uso de palavras referentes ao ser humano, mas ocorre a partir de um processo de continuidade e diferenciação em relação àquele (LIMA, 2014, p. 157).

Então, Menezes (2004) considera que aquelas pessoas que são devotas de padroeiros da terra natal, do santo de quem herdou o nome, ou do santo homenageado na data do casamento, ou do dia em nasceu, ou da Igreja em que casou, estão utilizando dos laços de união antigos em função de outros. Dessa forma, na medida em que realizam a junção de referências, conseguem fazer recortes e reconstruções, concedendo-lhes novos significados.

O que essas mulheres prometeram para Santa Rita? A maioria disse que não prometeu nada, apenas fizeram os pedidos e são gratas por tudo o que já



Figura 39 – Interação das devotas com a Santa. Foto de arquivo pessoal.

alcançaram. Esse não é o caso de Sarah, uma das entrevistadas que prometeu presentear algumas crianças na noite de natal se tivesse a chance de engravidar novamente e se o bebê nascesse saudável. Como teve os pedidos atendidos, disse que iria cumprir a promessa no natal de 2018.

Além da Sarah, outras famílias vestem as crianças de Ritinha no dia da festa para cumprir o combinado com Santa Rita. Como o exemplo de uma mulher, gari, que estava na festa de 2018 acompanhada por seu esposo, sua filha de sete anos vestida de Ritinha e a madrinha da menina. Perguntei o motivo de vestirem a criança assim e a mãe disse que era para agradecer o sucesso no casamento e a filha saudável e “carinhosa”. A criança, além de usar o hábito de Santa Rita, trazia nas mãos vários botões de rosas artificiais e os distribuía às pessoas dentro da Igreja (eu também ganhei um). Quando a mãe terminou de dar entrevista, disse: “Filha, leva uma rosa para a sua dindinha.” Perguntei o que ela havia dito à menina e ela falou: “Santa Rita é madrinha dela. Aliás, outra madrinha porque aquela moça que está de mãos dadas com ela é a madrinha, mas Santa Rita também é”.

Menezes (2004) enfatiza que os devotos podem se expressar para os santos, mas também falar sobre os santos com outras pessoas. Isso acontece principalmente em lugares onde a manifestação de fé se torna mais intensa ou através de uma sugestão durante um aconselhamento para que o sujeito experimente um santo milagreiro para atender as suas demandas. O que pode ser comparado como uma espécie de propaganda.

Com o mesmo objetivo de agradecer e pagar promessas, uma jovem de uns vinte e oito anos levou a sua filha vestida de Ritinha. Ela contou que quando engravidou, ficou insegura e pediu a intercessão de Santa Rita de Cássia para passar os nove meses bem e que a criança nascesse com saúde. Já outra mãe, com idade de vinte anos mais ou menos, trouxe a sua filha pequena vestida igual a Santa pelo segundo ano consecutivo. De acordo os seus relatos, quando estava grávida, contraiu o vírus da Zica³², surgindo a probabilidade de a criança nascer com problemas de saúde. Com confiança, invocou a intercessão de Santa Rita e

alcançou o impossível da filha nascer saudável. Outra mulher, de trinta e nove anos, levou também sua menina, de apenas um ano, vestida com o hábito de Ritinha para retribuir as graças que a família recebeu de Santa Rita.

Para Menezes (2004), um dos motivos mais comum para que alguém se torne devoto de um santo é ter alcançado algum benefício dele, seja para si mesmo ou para outra pessoa. Mas pode acontecer também de se tornar devoto por ter constatado graças alcançadas através da intercessão de determinado santo em meio ao grupo de convívio. Mas a devoção também pode ser uma herança de alguém da família, que o indivíduo decide manter a tradição, dando sequência àquelas formas de culto, repassando para as gerações futuras no sentido de perpetuar ao longo da história. Dessa forma, a autora acentua que:

Ser devoto implica, portanto, ligar elementos da vida do santo e elementos de sua própria vida. A classificação opera mais claramente no caso dos vínculos inaugurados com santos “novos”, isto é, com santos cuja possibilidade de proteção não estava dada desde sempre, pois neles os recortes e analogias, mesmos ou mais singulares, são apresentados de maneira consciente pelos devotos. Mas ela também está presente nos vínculos pré-estabelecidos, porque eles permanecem como uma virtualidade até que a pessoa os considere significativos, e decida-se a ativá-los em seu favor. (MENEZES, 2004, p. 238)

No que se refere à representação de Santa Rita para mulheres as respostas são as mais diversas, como por exemplo, Beatriz a tem como um modelo de mulher, mãe e esposa. Já Mariana a vê como uma pessoa que está antes de Jesus, serve de canal para dialogar com Ele e ainda ensina sobre o perdão. Ou “Santa Rita representa uma ponte que a liga a Jesus”. Algumas mulheres não tiveram palavras para expressar o que Santa Rita representa em suas vidas e, por isso, apenas disseram: “Ela é tudo em minha vida”. Entretanto, grande parte das devotas têm como exemplo a experiência de maternidade da Santa, o seu carinho e a fé em Jesus.

Quando questionada de que forma interage com a imagem, Sarah conta que gosta de tocar em suas mãos, beijar a sua cabeça e conversar com ela como se estivesse batendo um papo com uma amiga. Esses gestos de intimidade e de carinho são atitudes de quem acredita em algo além das suas forças naturais.

³² Doença transmitida pelo mosquito *Aedes aegypti*.



Figura 40 - Família com criança vestida de Ritinha. Foto de arquivo pessoal.

A esse respeito Lima (2014) assinala que o corpo de Santa Rita apresenta ambiguidade, pois uma parte é vista como sagrada e a outra é considerada mais humana, e isso não tem problema algum para os devotos. Na medida em que o devoto se aproxima fisicamente da imagem, ele também cria aconchego e afeto para facilitar que tanto ele quanto a Santa se percebam. Santa Rita é considerada pelos seus devotos como uma santa, mulher que tem o corpo atribuído de semelhanças humanas. Assim a autora

acentua:

Com as que estão mais distantes, pode-se principalmente olhar, rezar, conversar, mandar beijos, já com aquelas que ficam fisicamente mais próximas dos devotos é possível também tocar, beijar e até abraçar. Em geral, esses gestos são precedidos ou finalizados com o sinal da cruz, e os atos de rezar, olhar, beijar, podem tantos ser feitos separadamente, um antes do outro, quanto ao mesmo tempo (LIMA, 2014, p. 144).

Com exceção da cantina de café, todas as outras barracas começaram a funcionar a partir das 8h. Além do café tradicional, do pão com manteiga e o café com leite, a cantina também oferece pão de queijo, rosca e pães de Santa Rita, leite com chocolate e salgados. Os colaboradores foram unânimes em dizer que nem conseguem dormir na noite anterior por receio de perder a hora de ir para a Igreja. Há pessoas que dizem estar ajudando há mais de vinte anos. Durante todo o período da quinzena a cantina funciona, principalmente para a venda dos pães e rosca de Santa Rita.

As expressões de devoção e gratidão à Santa Rita pelos benefícios alcançados são demonstradas também nas barracas de comidas. Como forma de agradecer e também de pagar promessas algumas pessoas doam os seus serviços nos dias anteriores e durante a festa. Esse é caso do João (nome fictício), de pouco mais de cinquenta anos, dono de uma pastelaria conhecida na cidade. De acordo com os seus relatos é devoto da Santa Rita e assíduo na paróquia há mais de vinte anos e a convite do pároco começou a fazer pasteis na festa para servir a Deus.

Para João, gratidão é pouco para definir tudo o que já recebeu através da intercessão de Santa Rita. Entre as inúmeras graças, a principal é que quando

possuía um estabelecimento comercial no centro de Juiz de Fora, passou por vários problemas de saúde, resultando em crise financeira. Desesperado, clamou pela ajuda da Santa. Não demorou muito tempo para conseguir vender o seu estabelecimento antigo e abrir uma pastelaria no bairro, hoje considerado um lugar de referência. Por isso, além de fechar a pastelaria no dia 22 de maio, independente do dia da semana, doando toda a renda dos pastéis à Igreja, leva também consigo os seus funcionários. O trabalho tem início de madrugada e vai até ao final da festa, sem intervalos para descanso. A massa é feita na hora pelo João que também doa todo o recheio.

Para Souza (2008) as festas católicas são fundamentais para interpretar a religiosidade do período do Brasil Colônia. Era na Igreja e nas festas religiosas que a vida social dos colonizadores portugueses acontecia. Estudar as festas religiosas desse período é tornar possível fazer uma ligação de forma ampla entre o passado e o presente. As festas, ainda que tivesse a expressão de fé como núcleo central, desempenhavam também um papel social, cultural, político e econômico. As mulheres, ditas de família, por exemplo, faziam dessas festas um espaço excelente para estabelecer vínculos sociais, pois no cotidiano ficavam reservadas somente ao ambiente da casa. Eram nessas ocasiões que elas poderiam sair de casa e conviver com outras pessoas na rua. Por isso, mais do que festas religiosas, eram momentos de lazer e de socialização.

3.4 - A maternidade sob a intercessão de Santa Rita

“A gratidão resulta da transformação por que passa a alma quando uma doação é verdadeiramente recebida. Desde o instante em que uma doação chega a nós até aquele em que a passamos adiante, sentimos plenamente a gratidão”.
Lewis Hyde

Durante o trabalho de campo, tanto nas entrevistas quanto nas observações e conversas informais, constatou-se que os agradecimentos e pedidos à Santa Rita, realizados pelas devotas concentravam-se no que se refere à maternidade. Para elas esta Santa do final da Idade Média, conhecida como uma mulher que sofreu no casamento com o marido alcólatra e violento, e depois foi assassinado, também se tornou mãe, viveu a maternidade e educou os filhos nos preceitos cristãos. São os dois pontos que diferem Santa Rita da maioria das santas católicas: ser casada e ser mãe.

Neste sentido, muitas mulheres se espelham na história de Santa Rita e atribuem a ela inúmeras graças recebidas em suas vidas, especialmente no que se refere à maternidade e a formação dos filhos. De acordo com Tavares (2013) os milagres realizados por um santo ou santa significam uma demonstração de troca e de intimidade entre o devoto e seu intercessor. Isso acontece através do intermédio da Igreja, na figura do clero, de outras pessoas ligadas à religião, mas também pode acontecer de forma autônoma, por meio de uma busca pessoal. Seja na forma pública ou privada, o elemento central sempre será o relacionamento entre o devoto e o santo.

Essa forma de expressão religiosa, bastante significativa no período atual e conhecida como devoção popular, faz parte da cultura brasileira desde o início da colonização. Em conformidade com Negrão (2008) o seu surgimento foi devido a ausência de sacerdotes, principalmente em locais mais distantes dos centros urbanos como vilarejos e comunidades rurais, com o objetivo de preservar as suas crenças religiosas particulares. Diante das dificuldades do cotidiano, esses devotos se agarravam na fé aos santos, de modo especial aos padroeiros locais. Faziam promessas, novenas, orações católicas tradicionais e festejavam nos dias dedicados a eles por meio de danças, músicas, comidas e alegria.

Sendo assim, como não podiam contar com as orientações dos clérigos, de acordo com Negrão (2008), as pessoas inventavam seus próprios papéis religiosos e foi então que surgiram especialistas em rezas, os festeiros para organizar os jubileus, os curadores, benzedores, etc. Mas a partir da atuação da presença dos clérigos em meio a essa cultura, os conflitos foram inevitáveis, pois estes consideravam as manifestações da devoção popular como profanas. Procuraram então fazer uma adaptação de acordo com as normas estabelecidas pela Igreja Católica. Dessa forma, apesar das transformações políticas que o Brasil enfrentou a partir de 1808, com a chegada da corte portuguesa até os dias atuais, a herança do catolicismo colonial e imperial foi preservada e continua a ser uma das características da devoção popular.

Por isso, mulheres com perfis e idades diversas oferecem os seus serviços na preparação da festa ou no dia do jubileu apenas como agradecimento. Além de agradecerem pela vida, pedem à Santa Rita orientação na educação dos filhos e que eles tenham saúde e sejam felizes. Outras levam rosas para trocar como forma de retribuir a vida e a saúde dos seus filhos. Por diversas vezes, durante os relatos,

essas mulheres se emocionaram ao mencionarem os filhos. Diziam que os seus casamentos também são importantes, mas que as suas maiores preocupações e orações são na condição de mãe. As entrevistadas foram unânimes em demonstrar interesse e alegria ao falar de suas histórias com Santa Rita. Infelizmente não consegui ouvir todas as devotas por uma questão de tempo.

O envolvimento dessas mulheres como voluntárias nos trabalhos religiosos, seja para agradecer, pedir ou manter uma graça já conquistada, significa também encontrar oportunidades de espaço social e de expressar a identidade feminina que não é oferecido em outro lugar e de outra forma, especialmente no trabalho. Sendo assim, Woodhead (2002) aponta que a partir do momento em que a religião se tornou uma questão privada e não um problema público coube a mulher abarcar esse universo com propriedade. Na vida doméstica ela passou a ser uma defensora dos valores da família e repassar as virtudes do amor e da compaixão. Assim, de acordo com a autora:

Mulheres podem procurar mudar ou reinventar a religião de maneira que encontrar espaços mais adequados do que os fornecidos pela religião tradicional com seus valores “tradicionais” e, geralmente, com liderança masculina. (...) elas podem tentar mudar a religião tradicional. (...) elas podem completamente abandonar a religião tradicional em favor das alternativas mais radicais. Desta forma, nós encontramos novas formas de religião e espiritualidade que são criadas por mulheres com a intenção explícita de criar espaços para a articulação e realização de seus desejos. (WOODHEAD, 2002, p. 06)

Mesmo com a convicção de que a opção pela maternidade irá exigir uma série de novos arranjos e novos modos de vida de todos os membros da família, a mulher ainda é destacada como a principal responsável pela formação da criança. Ter um filho continua a ser um dos desejos fundamentais e uma realização pessoal de muitas, ou talvez da maioria. Atualmente, a mulher é destinada a cumprir vários papéis ao mesmo tempo, como trabalhar, estudar, educar os filhos, administrar o lar e outros. Quando não conseguem conciliar as tarefas e cuidar dos filhos como gostariam, ficam frustradas ou se culpam. De acordo com Woodhead (2002) após o período da Segunda Guerra em que a mulher caminha na direção de concorrer em igualdade com o homem e a maternidade perde sua condição normativa, algumas escolhem a família como prioridade. Dessa forma, encontram na religião o acolhimento, o amparo e a sustentação de que precisam.

Neste sentido, Coutinho (2008) salienta que apesar de todas as transformações ocorridas na história da humanidade, tanto a nível social quanto cultural, especialmente no final do século XX, ainda permanece com bastante rigidez o mito do amor materno na definição do feminino. Mesmo que outras características ou outros fundamentos continuem cravados no pensamento social contemporâneo de que ser mãe é algo instintivo e natural. Para a autora, existem atualmente vários modos de constituir família e esta continua a ter um lugar de destaque para a formação da identidade dos seres humanos:

(...) pode-se perceber que mesmo com todas as transformações que estão sendo processadas na atualidade e com os diferentes formatos que a família tem assumido, esta ainda continua sendo contexto importante na definição da identidade dos indivíduos, cumprindo seu papel de referência, de modo que a ideia de que a família está em decadência e perdendo lugar não é pertinente e não encontra eco na literatura especializada. (COUTINHO, 2008, p. 50)

Por isso, quando algumas mulheres esbarram em dificuldades para engravidar e não mais encontram respostas da medicina recorrem, através de orações, aos seus santos de devoção, como à Santa Rita de Cássia que, de acordo com os depoimentos, intercede pelas causas impossíveis. Esse é o exemplo de uma mulher que chegou à festa em 2018, junto com os seus dois filhos e o seu marido, vindos de um bairro distante da cidade. Cada criança trazia rosas nas mãos para trocar. Ao serem questionados sobre o motivo de tanta gratidão, os pais com emoção disseram: “Foi a gravidez”. Relataram que estavam casados há nove anos e não conseguiam conceber filhos, mesmo com tratamentos médicos. Só depois que invocaram a intercessão da Santa Rita, a mulher engravidou de um menino e, aproximadamente, um ano e meio depois nasceu também uma menina.

Em diversos momentos durante a troca de rosas, eram os próprios filhos que levavam as flores para Santa Rita, por recomendação dos pais. A constatação foi a de que eles mesmos são os presentes, as dádivas oferecidas à Santa dos Impossíveis como gratidão. A esse respeito Hyde (2010), em seu livro sobre dádiva, assinala que a fertilidade é um presente de Deus e para que ela se perpetue na história, os seus primeiros frutos são oferecidos como agradecimento. Assim como no amor, quando a pessoa doa o que tem é invadido por uma satisfação e sensação de plenitude, a consequência da gratidão. De acordo com o autor:

Ainda que tais milagres sejam raros, a verdade é que quando recebemos uma dádiva, nós nos sentimos mais plenos de vida, pois uma das propriedades de uma dádiva ou de um presente é elevar o nosso ânimo, é fazer com que nos sintamos envolvidos pela benevolência (...), como parte de uma alma coletiva. (...), as obras que se tornam realmente importantes para nós são aquelas que transmitem essa vitalidade e que fazem reviver a alma. (RYDE, 2010, p. 22 -24)

Sarah, uma das entrevistadas que trabalha como autônoma em serviços gerais e que foi educada no protestantismo, em meio aos prantos, contou que no ano de 2016 sofreu um aborto espontâneo. Fato que lhe trouxe enorme sofrimento. Ao invés de ficar em casa chorando, foi à Igreja pedir forças à Santa Rita para superar a dor, mas também clamou uma oportunidade de conceber novamente.

De acordo com os seus relatos, passados sete meses da perda do filho, no período de natal, ela ficou grávida e nasceu uma menina saudável. Como gratidão, a mãe a levou ainda recém-nascida à Igreja, e em um gesto de entrega a levantou bem alto na direção da Santa Rita e disse “obrigada”. Esse gesto se repetiu em 2018, por ocasião da festa, quando mãe e filha se vestiram com os trajes de Rita. Sarah também comentou que no dia 22 de maio não trabalha, pois dedica essa data em agradecimento a tudo o que já conquistou.



Figuras 41 e 42 - Mãe e filha vestidas de Ritinha e uma criança querendo pegar o terço da Santa. Fotos de arquivo pessoal.

Os grandes santos do Brasil, segundo Gilberto Freire (2003), foram transformados de acordo com as atribuições que recebiam das pessoas conforme seus milagres de concederem casamentos e fecundidade às mulheres e darem proteção à maternidade. De acordo com o autor, só é possível admitir um cristianismo português ou luso-brasileiro levando em consideração essa intimidade entre o devoto e o santo.

Para Freire (2003) no período colonial brasileiro, tanto em Portugal quanto aqui no Brasil, os santos eram enfeitados com joias como, braceletes, brincos, coroas de ouro, diamantes e outros mimos. Eram tratados como se fossem pessoas da família e recebiam características humanas como de rei, de rainha, de pai, de mãe, de filho e de namorado. As festas de São Gonçalo do Amarante realizavam festivais de amor e também de fecundidade, com muitas barracas, comidas típicas e violas tocando.

Essa devoção popular no sentido de invocar os santos para a realização dos seus desejos já vem de longa data. No caso da maternidade, apesar de fazer parte dos sonhos de muitas pessoas, atualmente, ela não vem em primeiro plano, pois a mulher também quer se realizar em diversos outros aspectos. Por isso, quando decidem ser mãe, encontram dificuldades também pela questão da idade. Neste sentido, Coutinho (2008) acentua que, no Brasil o discurso que existe há mais de quarenta anos é o de que boa parte das mulheres já não se realiza mais cuidando somente das funções do lar e dos filhos. A sociedade vem passando por constantes mudanças, com isso, o desempenho feminino no seio familiar, de acordo com o autor, já não é o mesmo de alguns anos atrás. O acúmulo de tarefas, atrelado à participação da mulher no mercado de trabalho trouxe reflexos para a vida doméstica.

Mas, de acordo com Batinter (1985) foi a partir do século XVIII que surgiu a nova figura da mãe, cujos traços foram intensificados nos dois séculos seguintes. Começou então, nesse período, as provas de amor materno. O bebê e a criança transformaram-se em centro de atenção da mãe que aceita se sacrificar para que seu filho viva feliz junto dela. A presença desse novo membro na família recebe importância cada vez mais no século XIX, onde a mãe se sente cada vez mais responsável por sua saúde e felicidade. Por isso não esconde a sua ansiedade e pede conselhos e ajuda dos profissionais da medicina.

Em conformidade, Tavares (2013) diz que uma das formas de homenagear os santos pelos seus feitos é vestir-se de modo a imitar seus trajes e acompanhar a procissão, divulgar a devoção aos santos, colocar nome dos mesmos no filho, participar das festas, fazer novenas e tríduos na Igreja ou em casa ou doar algum dinheiro. Neste mesmo sentido, mulheres e casais jovens trazem as suas crianças vestidas de Ritinha para homenagear àquela que realizou o impossível de constituírem as suas famílias. Nos dois anos de pesquisas, não havia nenhum

menino vestido assim. Somente as meninas. Pareciam se sentir bem à vontade com as roupas de Rita. Todas alegres e, quando levantadas para colocarem a mão na Santa, sorriam e queriam abraçar a imagem. Outras, até se acalmavam e dormiam nos braços da mãe.



Figuras 43 e 44 - A criança dormindo no colo da mãe e pessoas que agradecem à Santa Rita. Fotos de arquivo pessoal.

De acordo com Lima e Teixeira (2008), no século XIX, a Igreja Católica pregava a maternidade como algo característico e essencial da mulher. A sua função social era legitimada pela sua condição física para reproduzir e a maternidade estava cada vez mais incorporada à ideia de sentimentos de amor incondicional que as mães teriam pelos seus filhos. Foram reconhecidos como características importantes a fragilidade e sensibilidade, incumbidas à natureza feminina. Espalhou-se a ideia de que ninguém melhor do que a mulher teria condições de transmitir os valores morais da religião aos seus filhos.

A entrevistada Raquel contou que durante dois anos tentou engravidar por meios naturais e não conseguia. Depois de realizar vários exames médicos, descobriu que sofria de um cisto no ovário e que somente uma trompa funcionava. Havia apenas cinquenta por cento de chance para conceber uma criança e precisou se submeter a acompanhamentos médicos. Raquel contou que no início do processo entrou em desespero e até ficou revoltada, mas logo depois passou a entregar esse impossível para Santa Rita, dizendo que queria ser mãe e que não iria abrir mão desse sonho. Pedia isso a Santa Rita em oração, com os joelhos dobrados. Qual foi sua surpresa? No mês em que iria ovular do lado em que a trompa não funcionava, ficou grávida de uma menina.

Raquel disse que é uma mulher de fé e que Santa Rita teve esse carinho com ela na condição de mãe e mulher, pois também foi casada e teve os seus filhos.

Por isso intercedeu junto a Deus para realizar o seu sonho. Quando pegou o resultado do exame de gravidez, foi correndo ao plantão só para ouvir da médica “Você está grávida!” Embora tenha rezado também para São Miguel Arcanjo, Raquel atribui a gravidez à Santa Rita de Cássia, a quem é muito grata.

Mas será que esse amor incondicional materno e a necessidade de se realizar enquanto mãe é algo natural e sempre existiu entre as mulheres? Segundo Batinter (1985), de fato o amor materno, durante muitos anos foi considerado um comportamento próprio da natureza feminina. Aos olhos da sociedade, toda mulher quando se torna mãe já possui dentro de si todas as respostas para a sua nova condição, como se o dom estivesse adormecido, esperando só o momento para entrar em prática. As pessoas imaginam que a atitude dos cuidados maternos está interligada ao fenômeno fisiológico e biológico da gravidez.

No entanto, Batinter (2008) acentua que foi a partir do final do século XVIII, e não de forma rápida, que a imagem da mãe, da sua importância e do seu papel, começou a mudar. Foi também nesse período que a criança, que antes não recebia tanta importância, passou a ocupar lugar de destaque e ser o centro das atenções da família. Desde então a mulher aceitou executar o papel da boa mãe. Deveria estar vigilante a todas as situações do filho, estando ele doente ou saudável.

Essa nova mulher, de acordo com Batinter (2008), já não pode mais dormir sossegada, pois se adormece e a criança não está bem, se sente culpada. Parece ter cometido o pior dos crimes maternos: a negligência. Tornou-se um crime sem perdão não amar os filhos. O marido ficou em segundo plano, pois a prioridade agora é a sua cria. E graças a essa responsabilidade cada vez mais crescente, a mulher começou a impor-se ao marido, com voz ativa, na condição de mãe, dando, muitas vezes a sua palavra definitiva. A maternidade que até o século XIX era tida como sacrifício e exercida como obrigação, passou a ser uma tarefa gratificante e prazerosa por fazer parte de um ideal de vida.

Segundo Diniz (2016) o movimento de mulheres busca demonstrar que a maternidade, assim como qualquer exercício humano escolhido livremente, está sujeita a ter seus limites e possibilidades. No entanto, boa parte desse sofrimento associado à maternidade é construído socialmente e não uma consequência natural desta escolha. A outra entrevistada, de trinta e um anos de idade, de pseudônimo Esther, graduada em administração, também narrou com muitas lágrimas a sua gratidão à Santa Rita por se realizar como mãe. Falou que antes de tentar

engravidar passou por períodos difíceis em sua vida como perseguição no trabalho, depressão e doença de Crohn³³. Por causa da saúde debilitada, precisou tomar doses elevadas de medicamentos, ficar um tempo isolada devido a baixa imunidade e ainda correu o risco de perder a vida. Nesse período começou também a clamar a intercessão de Santa Rita para os seus casos de difícil solução.

Apesar de todo o sofrimento, Esther desejava ser mãe e não encontrou dificuldades para engravidar. No entanto, sua gestação foi de alto risco podendo perder o seu bebê nas primeiras doze semanas, devido a quantidade de medicação que ingeria. Quando venceu os primeiros meses, teve receio de que a criança nascesse com alguma deficiência. Por isso fez a quinzena de Santa Rita em 2017 para pedir proteção e saúde para o seu bebê. Atualmente, só tem razões para comemorar, que segundo ela, é uma gratidão de mãe, pois o seu menino veio perfeito ao mundo e com muita saúde. Para Esther, Santa Rita olha para as mulheres com um olhar materno porque mães entendem o sofrimento uma das outras.

São inúmeras as mulheres que agradecem à Santa dos casos impossíveis por terem se tornado mães. A maternidade conquistada através de oração e devoção lhes concede empoderamento e, dessa forma, deixam de pensar em si mesmas e se doam em serviço para ajudar outras pessoas. Querem um mundo melhor para os seus filhos, mas também se esforçam para ajudar outras pessoas, seja através de oração ou doação de serviços. Esse é o caso da Ana, comerciante e autora do pão de Santa Rita, que já havia aceitado a condição de mulher estéril depois de sofrer dois abortos espontâneos. Disse para si mesma que nem todas as pessoas nasceram para serem mães. A sua ginecologista lhe convenceu de que não poderia ter filhos.

Quando já estava com trinta e oito anos, Ana foi a outro especialista para fazer exames preventivos de rotina. Para a surpresa do médico, ela falou que não tinha nenhum filho e que não poderia engravidar. Imediatamente ele lhe apresentou um documento trazido da França a respeito de uma técnica moderna para segurar os bebês no útero. Depois de muito conversar, o ginecologista lhe convenceu a

³³ A Doença de Crohn é uma doença inflamatória séria do trato gastrointestinal. Ela afeta predominantemente a parte inferior do intestino delgado (íleo) e intestino grosso (cólon), mas pode afetar qualquer parte do trato gastrointestinal SOBRE A DOENÇA DE CROHN. Disponível em: <<https://abcd.org.br/sobre-a-doenca-de-crohn/>> Consulta realizada em: 02 de out. de 2018.

engravidar novamente. Quando estava no quarto mês de gestação, precisou ser internada às pressas, pois sangrava muito e a criança já era considerada sem vida.

Naquele momento de dor e desespero, dentro do hospital, Ana se lembrou de uma história que ouviu de Santa Rita de Cássia. Ela ainda não era católica praticante, mas cresceu em uma família muito religiosa. Sem forças para rezar, ficou com um terço na mão, pensando naquela Santa de quem ouvira falar. Depois de passar pelos procedimentos médicos, retornou para sua casa com a criança no ventre, mas sem expectativas de que tudo ficaria bem. Voltou às atividades normais e o resto da gravidez aconteceu de forma saudável, mas estava com muito medo e ansiedade.

Quando chegou o momento de se internar para dar à luz, Ana disse que foi à Igreja novamente para pedir a proteção de Santa Rita e se benzer com água benta. A filha nasceu saudável e sempre se alimentou e dormiu bem. A partir daí, além de se dedicar a fabricar pães e roscas na paróquia, também ensina as pessoas a desenvolverem as receitas, que de acordo com os seus relatos, tudo é feito pela gratidão, fé e maternidade.

Para Hyde (2010) o ato de doação é uma declaração de disponibilidade, despojamento, e quando uma dádiva é transmitida de uma pessoa para outra com o sentimento de retribuição, ela traz junto de si inúmeros outros sentimentos valiosos. As partes separadas são transformadas em um só coração, um só grupo onde os laços de afeto são perpassados pelo espírito de doação. O homem pode se conectar a Deus através da atitude da dádiva, pois uma oferenda ou sacrifício faz com que retorne o seu olhar para o ser humano. Em alguns casos, a dádiva pode corrigir um desligamento anterior.

De acordo com Stasevskas (1999) existe uma ligação concisa entre o ser mulher e o ser mãe e isso está embutido no senso comum da sociedade. As expectativas em relação à mulher é de que se tornem mães e, por outro lado, a própria mulher, para se sentir mais feminina, parece ter a necessidade de ter filhos. Abrir mão da maternidade pode significar o descumprimento de parte importante da própria identidade feminina. Na maternidade está a chance de se realizar enquanto sujeito. Por isso, quando dizem “mãe é sempre mãe” significa que é um ato que não teve começo e nem terá fim, ou seja, remete a uma noção de tempo, de não ter limites, mas de entrega total e para a vida toda.

Outra entrevistada, Ruth, de cinquenta e três anos, professora, contou que doa o seu serviço durante o ano todo na paróquia por pura gratidão. É coordenadora da pastoral da criança, e no período das quinzenas e da festa, auxilia na cantina e em qualquer outro serviço que precisar. Além de outras graças como a conquista de emprego e cura de doenças, Ruth salienta que a maior de todas foi ter se tornado mãe aos trinta e sete anos, depois de sofrer um aborto. Ela disse que assim que a criança nasceu a consagrou à Santa Rita, pois foi quem intercedeu a Deus pela sua maternidade.

Marina, de quarenta anos de idade, técnica de serviços especiais e devota de Santa Rita há mais de vinte e dois anos, contou que recebeu o impossível de se tornar mãe, em uma gravidez de alto risco. Por causa disso, não vai à Igreja para pedir mais nada, apenas agradece. Disse que seu útero abriu na vigésima sétima semana de gestação e o bebê veio ao mundo com menos de um quilo e trinta e três centímetros, mas saudável e sem nenhuma má-formação. Por isso, também o consagrou à Santa Rita como forma de agradecer.

As devotas de Santa Rita de Cássia se emocionam todas as vezes que são questionadas a respeito da sua fé e devoção, especialmente no que se refere ao dom da maternidade. Para Chiarini (2003) a fé é uma característica do ser humano, pois requer a confiança e a submissão à verdade divina. É aderir e confiar de maneira absoluta em ideia ou crença. Neste sentido, cada religião expressa a sua fé de maneira diferente. Enquanto para o catolicismo ela deve ser acompanhada de obras piedosas a fim de ganhar a salvação, para outras religiões não são necessários grandes esforços, mas somente a fé já é garantia para entrar no reino dos céus.

Tem as mães que agradecem pela recuperação da saúde de seus filhos que já chegaram ao mundo com problemas ou com alguma deficiência. Este é o caso da Áurea, de trinta e sete anos, professora, mãe de dois filhos com necessidades especiais, que também relatou a sua história de devoção à Santa Rita de Cássia. Disse que já tinha um filho com Síndrome de Down e desejava ter uma menina. Conseguiu engravidar, mas logo que a criança nasceu, passou a ter crises convulsivas e outras complicações. Então, Áurea prometeu que se a menina melhorasse, iria vesti-la de Ritinha em sinal de gratidão. Atitude realizada em 2017.

Em relação a crianças com necessidades especiais Schimidt (2013) assinala que independente do momento ou a forma em que as mães receberam o

diagnóstico da doença dos seus filhos, os sentimentos vivenciados por elas é o mesmo: tristeza, culpa, medo, susto, choque e muito sofrimento. Os pais ficam inseguros e receosos quanto aos cuidados devido a fragilidade da criança. Ficam constantemente com medo de errar. As mães de crianças com necessidades especiais têm o dia a dia concentrado em torno do tratamento de seus filhos, na busca de melhorar ao máximo o desenvolvimento e a qualidade de vida dos mesmos. Por conta disso, muitas invocam a proteção espiritual no sentido de ter resiliência e encontrarem o tratamento adequado. Esta é a situação de algumas devotas de Santa Rita de Cássia.

A outra mãe, Ruth, terceiro grau completo, aposentada e uma das líderes da Pastoral da Criança da paróquia, disse que doa o seu serviço para agradecer a Santa Rita a saúde do seu filho mais velho. Contou que quando o menino completou três anos, começou a ter problemas dermatológicos graves devido a uma bactéria que contraiu no sangue e não encontrava uma solução para o problema. Por isso, pediu a intercessão de Santa Rita de Cássia e conseguiram encontrar médicos especialistas para a cura do garoto. A partir de então, de acordo com as palavras de Ruth, trabalha como voluntária no período da quinzena e, no dia da festa, acorda às três da madrugada para ajudar nas barracas ficando até a última missa.

A realização da maternidade não acontece somente quando o filho é gerado no ventre, mas nas várias formas de construção de vínculos, podendo ser através da adoção ou outros. Maux e Dutra (2009) acentuam que inúmeras mulheres buscam realizar o sonho de ser mãe, e que isso pode acontecer de forma maravilhosa, pela via da adoção de uma criança. É uma maneira de levar adiante o projeto de construir uma família, quando esbarram na impossibilidade de não poder gerar. Esta é a história da Beatriz, psicóloga, devota de Santa Rita desde 2008, mãe de dois filhos que gerou no coração. Beatriz disse que desejava ser mãe pela segunda vez e já estava rezando neste sentido. A adoção, assim como a gravidez nem sempre acontece de maneira simples, especialmente quando se refere aos trâmites da lei.

De acordo com seu depoimento, estava em um dia um pouco chateada em casa e resolveu ir à missa com o seu menino mais velho que já estava com quatro anos. Era a festa da padroeira e nesse dia o padre convocou as pessoas para pedirem algo impossível à Santa Rita. Ela então pediu o segundo filho. Após nove meses recebeu a ligação da Vara da Infância de que o seu bebê havia acabado de nascer e estava lhe aguardando na maternidade. A partir daí, tornou-se devota e

atualmente exerce a função de coordenadora paroquial, faz atendimentos gratuitos na área da psicologia e realiza vários outros trabalhos na Igreja, juntamente com os seus filhos.

De acordo com Maux e Dutra (2009) as pesquisas indicam que para a grande parte das mulheres ser mãe é importante, especialmente porque lhes concedem a sensação de plenitude enquanto ser humano. Independente de terem gestado no útero, sentem-se alegres, tem uma sensação plena e passam a ter um novo sentido de vida quando se tornam mãe. A maternidade, mais que qualquer outra coisa, lhes concede maior reconhecimento e respeito por parte da sociedade. Ser mãe não é algo inato, mas uma construção que acontece a partir da relação de afetos que vai se moldando com aquele filho ou filha. Mães adotivas e biológicas são iguais no sentido de dúvidas, medos, incertezas, preocupações e cuidados. A única diferença é a maneira como aquele ser chegou a sua vida e não na construção de vínculos.

De acordo com a psicóloga Marise Ubaldo Barreto, especialista em terapia corporal, terapia de família e trabalho de autoestima, em entrevista para este trabalho, ser mãe é a capacidade de um amor incondicional. Isso significa amar sem expectativas e não querer enquadrar os filhos dentro dos seus próprios desejos, pois apesar de vivermos na pluralidade, cada ser é único e singular. É necessário colocar limites e ensinar os valores, mas não pode impedir que o outro seja livre para descobrir o seu próprio caminho. Uma criança sem limites cresce insegura e com sentimento de desamparo.

De acordo com as palavras da psicóloga Marise Barreto, com a sua experiência de trinta e cinco anos de profissão e também mãe de três filhos já adultos, sempre terá mulheres que não querem ter filhos. Atualmente, estão mais livres para realizar essa escolha e serem respeitadas. No entanto, é possível conviver diariamente com aquelas inúmeras que fazem de tudo para se realizar através da maternidade porque, de acordo com a psicóloga, é uma experiência “única e maravilhosa” para quem deseja. No seu entendimento, ser mãe significa uma entrega para a vida toda e a consequência, apesar de alguns momentos difíceis, é de muita alegria e prazer. Além disso, todo respeito e amor dedicados aos filhos na infância retornam para os pais quando ficam adultos.

3.5 - A troca de rosas

“Quando uma pessoa tenta represar uma corrente, uma de duas coisas acontece: ou ela ficará represada ou acabará rompendo a barreira violentamente”.
Lewis Hyde

Oferecer, trocar rosas, ou somente levar uma flor para casa é uma tradição na festa de Santa Rita de Cássia. As devotas entregam desde rosas simples até buquês mais caros, do tipo arranjos de noivas. São flores de todas as cores, mas a preferência ainda é pela cor vermelha. Quando questionadas a respeito da opção pelo vermelho, as pessoas não souberam explicar. Apenas disseram que é por tradição. Os presentes começam a ser entregues à Santa a partir das cinco horas da manhã, pois muitas pessoas vão à Igreja antes de irem para o trabalho. O altar da Santa é preparado de véspera como também, são feitas com bastante antecedência, a encomenda das rosas vendidas próximas a porta central do templo.

A responsável pela decoração da festa e também pela movimentação das rosas, como o controle de qualidade e quantidade, compra e venda, trabalha como voluntária há vinte anos nesta função. Teresa, sessenta e oito anos, do lar, começou a ajudar não porque era devota, pois ainda não conhecia a Santa Rita, mas por ser católica e gostar de ser útil. Ela disse que quando iniciou as atividades, a paróquia não tinha condições financeiras para pagar um funcionário. Então, ela se responsabilizou por limpar a Igreja, lavar e passar as toalhas do altar e cuidar da ornamentação. Com o tempo, diante das expressões de fé das pessoas, passou também a ser devota da padroeira. Atualmente, trabalha somente por gratidão, pois durante todos esses anos alcançou inúmeras graças.

Neste sentido, Hyde (2010,) explica que a satisfação em servir ao outro é porque quando os sujeitos estão preenchidos com o espírito de doação, sentem-se felizes por se abrirem às demandas do mundo. A dádiva tem a obrigação de movimentar-se na direção de quem dela necessita para gerar vida aos corações inférteis, áridos, aos que não encontram saída e ao indigente. O autor acentua que:

Uma dádiva move-se para preencher o espaço vazio. Ao mover-se em círculo, ela se dirige àquele que tem as mãos vazias há mais tempo, e se surgir alguém em outro lugar cujas necessidades sejam ainda maiores, as dádivas deslocam-se de seu antigo canal e a ele se dirige. Nossa generosidade pode nos deixar de mãos vazias, mas o vácuo que se dá mantém a doação em movimento e logo não estaremos mais de mãos vazias (HYDE, 2010, p. 55).

Com essa mesma concepção Mauss (2003) explica a respeito dos costumes dos povos Pigmeus, os mais primitivos da Ilha do Norte da polinésia. Naquela sociedade ninguém pode recusar um presente oferecido. Além disso, há entre eles uma disputa para se superarem em termos de bondade e generosidade. E nesse contrato de troca, pessoas e coisas saem de seu mundo e misturam-se formando um entrelaçamento de vidas, objetos e almas. Para o autor, o que é doado não é perdido, mas multiplica-se como recompensa tanto nesta vida quanto na outra.

Para Teresa, colaboradora de Santa Rita, a troca de rosas representa uma demonstração de fé dos devotos, mas também a necessidade de levarem algo objetivo e material para casa como se fosse um pedaço da Santa. Ela também percebe que a cada ano aumenta o número de pessoas devotas na festa, junto às crescentes formas de expressão de fé, principalmente por parte das mulheres de diferentes perfis etários, sociais, econômico e culturais.

Sendo assim, Hyde (2010) destaca que se é por meio da dádiva que as pessoas se aproximam, também é através dela que o seu valor se multiplica imediatamente após o seu primeiro movimento. E depois, como um companheiro fiel, continua a acrescentar valor através do seu prosseguimento. Dessa forma, quando se desperta um talento dentro do ser humano, cabe a ele passá-lo adiante. É nesse exercício de reciprocidade que o dom amadurece e continuará a liberar sua força a partir do instante que se propõe a protegê-lo.

Da mesma maneira que Teresa, a outra entrevistada, Ágata, de cinquenta e oitos anos, professora, voluntária há vários anos na distribuição e troca de rosas, enfatiza que faz tudo por gratidão. No dia 22 de maio chega à Igreja às quatro horas da manhã e só vai embora depois que a festa acaba por volta da meia noite. Disse não se sentir cansada, pois colabora com amor e alegria para agradecer as inúmeras graças e também para ajudar outras pessoas. Assim como outras mães, de acordo com Ágata, mesmo estando casada há quase quarenta anos e vivendo feliz com o seu marido, a prioridade das orações são pelos seus dois filhos.

Contudo, a fé e a devoção demonstradas através do símbolo das flores, não é uma tradição somente de Santa Rita, mas de Santa Teresinha, de Nossa Senhora e atualmente outros santos estão aderindo também a esse gesto, como São Judas Tadeu. Os tons de flores oferecidas à Santa Teresinha no dia de sua festa, primeiro de outubro, variam entre o vermelho, rosa, branco, amarelo ou simplesmente as

flores delicadas do campo. Segundo a literatura, desde pequena, Teresinha expressava seu amor ao Cristo através de flores que, como narra em suas obras, iniciou-se em um dia enquanto fazia as suas orações. No momento em que repetia as rezas de ofício e meditava os salmos, a sua imaginação só percebia flores³⁴. Dessa forma, ela destaca:

Afinal o jardim em que fazia minha colheita ficou despojado, restavam somente as árvores frutíferas. Hesitei um instante, depois colhi flores de pessegueiros, cerejeiras, damasqueiros... No fim do ofício não havia mais nenhuma flor. (...) é próprio do amor sacrificar tudo, dar a torto e a direito, desperdiçar, aniquilar mesmo a esperança dos frutos, agir com loucura, ser pródigo ao excesso, jamais calcular (LISIEUX, 1984).

De acordo com Lisieux (1984) o seu prazer era colher flores em árvores frutíferas, pois isso significava entregar-se totalmente às orações e embriagar-se de tamanho amor sem preocupar-se com qualquer outra coisa. Quando a madre superiora lhe instituiu como cuidadora da imagem do Menino Jesus, Teresinha conta que fez isso com alegria e delicadeza. Pintou a imagem da cor rosa, enfeitou-a com flores alegres e esculpiu passarinhos com plumagens luminosas para colocar junto a Jesus. Divertia-se também ao jogar flores no crucifixo enorme que havia no pátio do mosteiro. Tinha o cuidado de não deixar nenhuma rosa murcha ou velha perto da imagem de Jesus, dedicando-se por renovar as pétalas diariamente.

Em relação à devoção e culto à Maria, existe a Coroação de Nossa Senhora, uma tradição portuguesa bastante difundida no século XIX, mas ainda praticada no período atual, principalmente em cidades do interior e no campo. Conhecido como “mês de Maria”, esses rituais são praticados durante o mês de maio, acompanhados de leilões, procissão, ladainhas e rezas próprias para a ocasião. Como acentua Moraes (2014) dentre as inúmeras identidades concedidas à Maria, como títulos e o mês de maio dedicado em sua homenagem, é nesse período que se comemora a aparição de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, e é a época do florescimento das roseiras no Brasil.

A coroação de Nossa Senhora possui as características culturais das diferentes regiões brasileiras. No entanto, em alguns lugares no interior de Minas Gerais, são somente as meninas, com idade até doze anos que podem coroar. Já em outros locais, os meninos e os adultos também prestam homenagem. As

³⁴ LISIEUX, Teresa de. **Conselhos e Lembranças**. São Paulo: Paulus, 1984.

crianças têm o costume de vestirem-se com batas brancas, de tecidos leves, colocam asas para imitar os anjos e as meninas ainda usam coroa de flores na cabeça. O cortejo inicia-se após a celebração no corredor central da Igreja, desde a porta de entrada principal até o altar onde fica a imagem. Enquanto cantam a música de coroação, as crianças oferecem à Maria diversos objetos como véu, coroa, terço, palma e flores. É costume também a família festeira daquela noite, preparar uma criança para a coroação e as outras apenas lançam flores no final. Além disso, alguns pais oferecem saquinhos de doces depois da cerimônia³⁵.

Além da coroação de Maria, com flores como tradição, há uma Nossa Senhora com o título de Rosa Mística, conhecida pelo símbolo das rosas. A sua história de aparecimento data de 1947, na Itália, logo após a Segunda Guerra Mundial. Em uma das aparições, vestia-se de branco e trazia em seu peito três rosas: uma branca, uma vermelha e uma amarela. Dentre as várias instruções pediu que todo o dia treze de cada mês fosse dedicado em honra da “Rosa Mística”. E nesse dia, concederia aos que a reverenciassem uma profusão de graças e santidade. Explicou também que a rosa branca significava o espírito de oração, a vermelha o espírito de sacrífico e reparação dos pecados e a amarela o espírito de penitência³⁶.

Em todos os anos, os organizadores da festa são criativos em inventar e ornamentar o ambiente para receber os devotos de Santa Rita. No ano de 2017, a imagem foi colocada em um lugar mais ao centro da Igreja, próximo à porta lateral, e perto de Nossa Senhora da Piedade. O local foi cercado por bancos e ali puseram uma imagem menor sobre uma mesinha. Três senhoras auxiliaram nas trocas de rosas, mas em determinados momentos o fluxo de pessoas tornou-se bem mais intenso e parecia que não iam dar conta de atender a todos.

Naquele mesmo ano, as trocas de rosas não foram realizadas no altar principal, mas na que estava cercada por bancos. Havia uma senhora de pouco mais de setenta anos, que chegou às 4h e ficou até às 23h para cuidar da Santa e auxiliar na troca de rosas. O motivo era porque os devotos, muito aflitos em suas orações, quase derrubavam a imagem. A senhora não desgrudou da Santa em momento algum a não ser à tarde, quando precisou sair para se alimentar e precisou

³⁵ Experiência pessoal vivida durante a infância e adolescência em cidades da região leste de Minas Gerais e troca de ideias com pessoas de pequenas cidades próximas à Juiz de Fora.

³⁶ **Nossa Senhora da Rosa Mística:** Montichiari, Itália, 1947. Disponível em: <<https://www.mariamaedaigreja.net/...>>. Consulta realizada em: 23 de nov. 2018.

ir ao banheiro. Mas quando retornou, ficou brava, pois tinha outra pessoa em seu lugar. Ele disse em tom meio bravo: “Já tem outra pessoa segurando a minha Santa. Não gosto disso”.

A respeito da intimidade e do sentimento de posse que algumas devotas têm com Santa Rita de Cássia, Lopes (2010) aponta duas características das imagens que explica a formação da sensibilidade nesse pensamento. A primeira é a capacidade de imaginar coisas diferentes daquilo que o objeto é no âmbito da razão. A outra conclusão é que na devoção aos santos, as imagens têm características românticas e piedosas, carregadas de significados semelhantes ao cotidiano das pessoas. São essas representações que criam uma familiaridade entre o fiel e o santo, tornando-se diferente do catolicismo erudito. Esse tipo de relacionamento com os santos e prática de devoção motivados por pessoas de vários perfis econômico e social é conhecido como devoção popular.

As imagens são figurações religiosas quando induzem condicionamentos sociais no âmbito de uma religião determinada, com respeito aos seus cultos. As suas propriedades figuradas centrais dão-lhe caráter de rito, e esse sentido é o mais profundo que uma imagem pode alcançar no contexto de uma religião: são representações diretas do sagrado, ou manifestações do sobrenatural – trata-se então, de imagens sacras (LOPES, 2010, p. 46).

Nesta mesma perspectiva, a movimentação das rosas em honra de Santa Rita, no dia 22 de maio, é justificada no que acentua Rubem Alves (1988) que os símbolos religiosos são manifestações das experiências de vida e estão situados no campo das relações do indivíduo com o mundo. Por conta disso, essas experiências só podem ser expressas de forma indireta, por ser algo da subjetividade. O autor também considera que a fé significa que tudo que o homem deseja realmente acontece porque o poder do milagre é a capacidade da imaginação.

Essas trocas simbólicas, de acordo com Oliveira e Araújo (2011), tem como foco o agradecer e o pedir por parte do devoto e a proteção e a bênção da parte do santo. Mas o bom devoto não é somente aquele que sabe pedir, mas quem tem um coração grato, ou seja, sabe agradecer o que já foi lhe concedido em outras ocasiões. No entanto, apesar de todos os santos e santas possuírem os poderes de intercessão e serem os intermediários entre o céu e a terra, alguns adquiriram mais prestígio que os outros. Enquanto alguns conseguem aumentar o número de devotos, outros ficam no esquecimento.

Os presentes começam a chegar para Santa Rita ainda de madrugada, antes de iniciar a primeira celebração do dia. Nas ruas próximas à Igreja, homens, mulheres e crianças se revezavam, para exercerem a função de manobristas de vagas, ou seja, indicar e orientar os devotos visitantes sobre a existência de vagas disponíveis para carros e, com isso, também faturarem. Além disso, nos passeios da rua em frente ao templo, instalam-se diversos vendedores ambulantes de rosas. Esses não possuem nenhum vínculo com a paróquia. Ao serem questionados a respeito do que o padre pensa sobre isso, falam que ele não se importa, pois não vendem em grandes quantidades e, por isso, não representam uma concorrência para Igreja. Eles colocam baldes com água em três pontos de chegada para a festa e ali passam o dia comercializando as flores.



Figuras 45 e 46 - Rosas amarelas e vermelhas perto das chegadas principais da Igreja de Santa Rita. Fotos de arquivo pessoal.

Os ambulantes não vendiam somente rosas, mas também produtos alimentícios como doces, balas, biscoitos, imagens, orações, terços, imãs de geladeira, chaveiros e outros. Ao serem perguntados a respeito do faturamento no dia da festa, esses vendedores itinerantes, disseram que durante os anos que trabalham ali não podem reclamar, pois a soma das coisas vendidas superam as expectativas.

O total de nove missas, que tem início às cinco horas da manhã, são celebradas no rincão e, por conta disso, os devotos expressam a fé e o carinho à Santa Rita dentro da Igreja quando chegam, durante as celebrações ou na saída. Em conversa com o padre administrador, ficou nítido que ele ainda não tinha o conhecimento de que a parte mais mística da festa é onde acontece a troca de rosas. A relação entre os devotos e a Santa são momentos de emoção, de extravasar o sentimento por meio de orações, troca de rosas e gratidão. Nos

intervalos das celebrações, a aglomeração de pessoas perto da imagem de Santa Rita é intensa. Depois de rezarem, as pessoas sentavam-se nos bancos da Igreja para descansarem ou continuarem as suas rezas. No rincão havia outra imagem de Santa Rita sobre um altar preparado com flores em uma altura de fácil acesso, mas as pessoas apresentaram a preferência pela que fica dentro da Igreja.

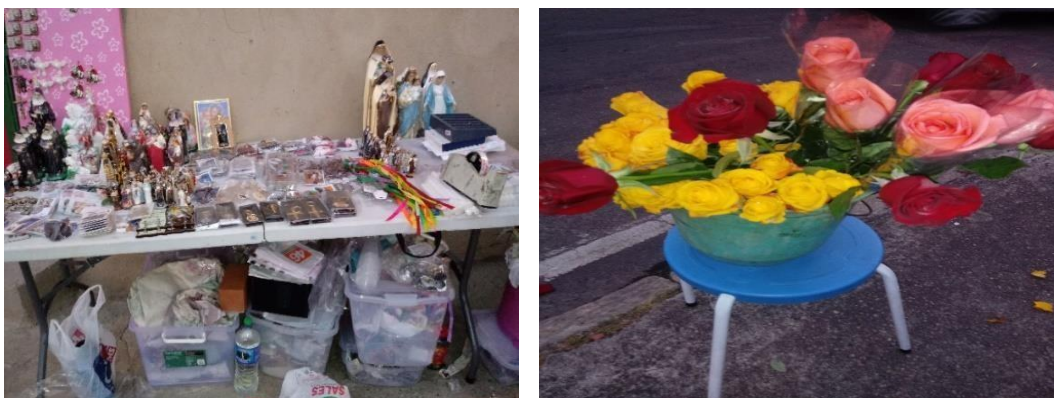


Figura 47 e 48: banca improvisada para artigos e rosas em outro ponto de chegada. Fotos de arquivo pessoal.

A respeito de prestar homenagem aos santos, Pimentel (2008) salienta que essa atitude faz parte de um dos elementos principais da fé católica desde o século XVI. Mesmo com todas as transformações ocorridas no seio da Igreja católica, a devoção popular resistiu e continua a atuar de forma bastante significativa por meio de romarias aos santuários e pagamento de promessas. Entretanto, nesse tipo de religiosidade, os devotos desejam uma presença mais acentuada dos sacerdotes, mas não a sentem como na prática católica oficial. Por isso, muitos a consideram como prática católica periférica.

Ainda no que toca ao relacionamento entre o devoto e o santo, Araújo (2009) enfatiza que cada pessoa se expressa de um jeito, de modo que a instituição não consegue controlar. Na intimidade entre o devoto e o santo de devoção não existe quase formalidade alguma, pois os fiéis o veem como um amigo fiel e advogado junto de Deus. O devoto exemplar não é o que sabe apenas pedir, mas o que agradece e, nessa dinâmica de intimidade está o dever de agradar os santos para poder contar com eles em qualquer momento ou situação. Dessa forma, quando se realiza uma promessa com o santo, cria-se uma aliança de compromisso em um gesto de trocar algo pela graça alcançada, ou seja, por gratidão.

Na festa de 2018, momento auge da pesquisa, não tinha a intenção de ajudar, queria ficar disponível e observar cada detalhe e também ter tempo para

conversar com as devotas. No entanto, a partir das nove horas da manhã, a multidão se acumulou ao redor da imagem para a troca de rosas e como não havia voluntárias suficientes, não hesitei em tornar-me uma intermediária entre a Santa Rita e os seus devotos. Segui o que salienta Favret-Saada (1990) quando as pessoas são afetadas de forma semelhante por ocuparem determinados lugares, acontecem coisas as quais passam despercebidas a um etnógrafo. E acontece das pessoas se calarem ou se comunicarem de maneira diferente do antropólogo. Ao decidir experimentar as intensidades ligadas àquele lugar, percebe-se que cada participante tem um objetivo particular e ali cada acontecimento possui uma ordem e só se pode ser afetado de um modo próprio.



Figura 49 – Buquê de rosas vermelha.
Foto de arquivos pessoais.

A verdade é que tudo ao redor de Santa Rita acontece de maneira intensa e os que ajudam precisam seguir o fluxo dos acontecimentos. Algumas mulheres chegavam com arranjos de rosas vermelhas, com chuveirinhos brancos amarrados com laços de fitas. Pareciam buquês de noivas. Esse foi o presente oferecido por Manuela, uma vendedora de quarenta e seis anos, mãe de um adolescente.

De acordo com Manuela, sua devoção à Santa Rita começou no ventre da sua mãe, quando estava para nascer. No entanto, ainda na adolescência, começou a fumar e, aos trinta e quatro anos quando pensou em ficar grávida não conseguia deixar o vício. Fez diversas tentativas de parar, mas parecia algo impossível. Em uma festa do dia 22 de maio, passou a manhã e a tarde na Igreja rezando e pedindo ajuda para a Santa. A partir daquela data, mesmo com sacrifícios, não colocou mais nenhum cigarro na boca. Exatamente dois meses depois, engravidou e nasceu um menino com saúde. Por conta disso, todo o dia de Santa Rita compra um arranjo de rosas e leva junto com o seu filho para agradecer a graça alcançada.

Ao entregar dádivas para Santa a Rita muitas mulheres choravam antes mesmo de se aproximarem. Na maioria das vezes não conseguiam dizer muitas palavras, mas apenas: “Obrigada por tudo Santa Rita”. Algumas devotas não trocavam rosas, apenas entregam as flores, pois segundo dizem, não precisavam levar mais nada de Santa Rita, mas somente agradecer. Tinham aquelas que se

sentiam autônomas e com a intimidade adquirida com a Santa não necessitava da intervenção de voluntários para a troca.



Figuras 50 e 51 – Santa Rita e a expressão de fé das devotas. Fotos de arquivo pessoal.

Essas colocavam as rosas nas mãos ou nos pés da Santa Rita como oferta de presente e ficavam vários segundos ou minutos com olhares e murmúrios. Muitas devotas costumavam beijar as rosas antes de tocá-las na Santa. Somente uma devota nos entregou um ramalhete e determinou que o puséssemos no altar, em local alto, distante das pessoas, pois aquele era o seu presente para a Santa e que não permitiria ser trocado ou vendido. Sobre essas atitudes de agradecimento, Hyde (2010) discorre:

É verdade que quando uma doação torna melhor a nossa vida, ou mesmo a salva, a gratidão deixará laços de dívida entre nós e o doador até que expressemos nossa gratidão. A gratidão, manifestada verbalmente ou de alguma outra maneira, torna mais leves as obrigações para com o doador, seja ele a pessoa amada, alguém da família ou um amigo, seria correto, pois falar dos laços de afeto como algo que nos prende? Esse é tipo de afeto a ser desejado. Quando a troca de dádivas atinge uma comunhão de espíritos, não se tem a necessidade de liberdade. É apenas quando nosso apego vai deixando de existir que desejamos romper os laços. (HYDE, 2010, p. 124).

Entretanto, parece que as pessoas que se tornaram devotas da Santa Rita, não querem romper os laços de amizade, ainda que já tenham alcançado o número de graças desejadas. Isso porque, de acordo com o pároco da Igreja, o número de visitantes na festa tem crescido a cada ano. Na mística de doar, trocar ou receber há aquelas mulheres que antes de alcançar a graça, deixam rosas para a Santa e não levam nada para casa. Talvez esse gesto seja para ter crédito com a Santa Rita que, como explica Mauss (2003) a respeito das dádivas, tanto na Polinésia quanto na

Melanésia, nesses dois lugares, as pessoas tomam a própria coisa doada como garantia de que as suas ofertas serão retribuídas. A noção de crédito é o resultado da dádiva oferecida. Oferecer um presente a alguém significa presentear a si mesmo, pois as coisas retornarão em abundância.

De outra forma, algumas entregavam várias rosas e pediam para trocar por uma quantidade menor. A explicação era porque tinham mais coisas a agradecer do que pedir. Esse é o exemplo de uma senhora que trouxe um buquê mais caro e exigiu que usássemos as rosas para trocar ou vender, pois aquele era o seu presente para Santa Rita. Em troca, levou apenas três rosas. Contudo, nessa relação de troca, tem também àquelas que querem levar vantagens oferecendo rosas estragadas e exigem receber flores novas, de preferência os botões embrulhados para presentes.

Algumas pessoas que eram iniciantes. Não conheciam a etiqueta da troca de rosas e, com receio de fazer feio ou não agradar a Santa, faziam diversos questionamentos sobre como proceder e qual era o significado de cada coisa. Nessa dinâmica, uma jovem, inconformada por ver as suas rosas serem trocadas, perguntou-me sobre qual objetivo de passar para outras pessoas os presentes que elas trazem de casa para a Santa Rita. Na hora não sabia bem o que falar, mas respondi o que eu pensava. Disse que da mesma maneira que um rio se mistura com outros, maiores ou menores, para se renovar, aumentar e abastecer outros lugares, as graças de Santa Rita não podiam ficar retidas em uma mesma pessoa. A troca era uma necessidade para difundir, misturar graças para alcançar outras. Fiquei surpresa ao chegar em casa e ler no livro de Lewis Hyde, “A dádiva: como o espírito criador transforma o mundo”, que se tornou uma referência para esse discurso sobre as rosas. Assim diz o autor que escreve a respeito de uma crença da tradição do país de Gales:

Um dom ou uma dádiva que não pode ser transmitido a outra pessoa de alguma forma perde suas propriedades como tal. Quando uma pessoa tenta represar uma corrente, uma de duas coisas acontece: ou ela ficará represada ou acabará rompendo a barreira violentamente. (HYDE, 2010, p. 35)

Para o autor acima citado, a relação de troca entre presentear e ser presenteado rende inúmeros frutos. Por isso, na medida em que esses frutos preenchem as necessidades das pessoas, sempre haverá uma força para que os

pertences sejam transmitidos de uma pessoa para outra em forma de dádivas. Na sociedade indígena Kula, que Hyde (2010) pesquisou, os presentes devem mover-se na forma de círculo que significa o envolvimento enorme de pessoas, ou no mínimo entre três. Aplicando esse conceito na relação entre as devotas com Santa Rita de Cássia, pode-se dizer que a troca simbólica das flores como expressão de fé e de gratidão abrange um número enorme de sujeitos, para além do entorno da Igreja. Isso acontece não somente através da troca com outra pessoa, mas no ato de presentear alguém e permitir-se ser presenteado por um terceiro ou vários. Dessa forma, a autora acentua:

Quando presenteio alguém de quem não recebo presentes (recebo-os de outro), é como se o presente desse a volta no quarteirão antes de retornar a mim. Preciso dá-lo de olhos fechados e sentirei uma espécie de gratidão cega também. Quanto menor for o circuito - e, particularmente, quando envolve apenas duas pessoas - mais a pessoa pode acompanhar com atenção a troca de presentes e mais provável será que ela começa a pensar como um negociante. Mas quando o presente desaparece de vista, ele não pode ser manipulado. Quando o presente se move em círculo, sai do controle do ego pessoal. Todos os doadores pertencem ao grupo e cada doação é um ato de fé social (Hyde, 2010, p. 45).

Sendo assim, na atitude de presentear e se permitir perder de vista o produto oferecido, acontece o despojamento, a entrega e uma abertura da própria individualidade para um mundo desconhecido. Neste sentido, Rubem Alves em seu livro *Enigma da Religião* (1988) acentua que a beleza e o encantamento da religião não são próprios do sujeito e nem do objeto, mas é a relação que une os dois em um êxtase místico. Para isso, é necessário romper com normas rígidas para entregar-se a uma experiência subjetiva e vibrar diante do sagrado. Ter fé é imaginar algo além dos fatos tocáveis.

De fato, em festas de santos populares como a de Santa Rita, as devotas não economizam sentimentos, pois se torna uma ocasião para o exagero tanto na manifestação quanto a tudo que dela faz parte. Como destaca Perez (2011), a festa é onde acontece o excesso, o prazer e a alegria, pois nela está a comunhão de sentimentos e envolve um vínculo social. Ela significa a faísca que serve para acender a subjetividade. É onde os sujeitos renascem para si mesmos, recuperam a identidade através do fervor da comunhão, realizam a troca de comunicação e manifestação da experiência humana. Nessas festas acontecem uma troca de emoções tanto com o sagrado quanto com as pessoas que ali se encontram,

permitindo a intercessão de pessoas na vida coletiva, uma vez que cumpre o papel de integração.

Na Igreja de Santa Rita a troca de rosas acontece da seguinte maneira: as voluntárias se colocam como intermediárias entre os devotos e a Santa. Elas pegam as rosas das mãos das pessoas, colocam nos vasos (que são baldes com água) e pegam outras flores, oferecidas anteriormente por outros devotos e as encostam na imagem. Neste momento, acontece uma união de pensamentos e de imaginação, pois enquanto as voluntárias conversam com Santa Rita em tom baixo, o devoto também fecha os olhos e faz a sua prece. Eles não sabem o que as colaboradoras dizem a Santa Rita, mas parecem confiar nessas palavras mágicas. Ao abrirem os olhos para receberem a flor das mãos da voluntária, fazem o sinal da cruz e não conseguem conter a emoção. Alguns com os olhos úmidos dizem: “Obrigado!” ou “Deus lhes pague!” ou “Santa Rita te proteja!”.

Parece mesmo que a confiança das devotas no dia do jubileu não é somente na Santa, mas se estende àqueles que estão lhe auxiliando na troca de dádivas. Dessa forma, uma mulher me entregou um envelope pardo aberto com vários documentos. Pareciam questões judiciais. Pediu-me para encostá-lo na Santa e rezar. Outras ainda nos entregaram carteiras de trabalho, imagens pequenas de Santa Rita, terços e vários outros objetos adquiridos nas barracas da Igreja. Teve uma senhora que pediu para colocar a rosa dela na garganta de Santa Rita, e pedir a intercessão pela sua irmã, que iria se submeter a uma cirurgia na região das cordas vocais. Eram inúmeros os pedidos de bênçãos, proteção ou agradecimento. Tinha até aquelas que, com muitas lágrimas, pediam para serem aprovadas em exames de habilitação.

Como já disse em outro momento, não pude ler os pedidos ou “cartinhas” que as devotas escreviam para Santa Rita, pois eram queimados durante as celebrações. No entanto, no dia da festa, uma colaboradora me pediu para auxiliar algumas senhoras que não sabiam escrever. Os pedidos eram reunidos perto do altar da Santa e depois levados para as missas no rincão. Aceitei o convite com disponibilidade, pois assim poderia descobrir as solicitações dessas mulheres. Mas minha alegria não durou muito, pois apesar de algumas terem dificuldades, elas mesmas preferiam escrever, ou então pediam a ajuda de algum familiar. Mas o pouco que escrevi, deu para perceber que eram mães ou avós pedindo oportunidades de emprego ou abandono de vícios para filhos e netos.

De fato, um maior número de pessoas pedia e agradecia não só pelos filhos e por outras questões de família, mas também pediam por outros assuntos como a política. Esse foi o depoimento de uma mulher vinda de outra cidade. Ao ser questionada se estava ali para pedir ou agradecer, ela disse que era pelos dois, mas não poderia dizer. Então eu disse que era aluna da Universidade Federal de Juiz de Fora e estava fazendo uma pesquisa. Ela se interessou e me disse baixinho que era vereadora e pedia ajuda de Santa Rita pelos candidatos que apoiaria em 2018. Afirmou ainda que a Santa já havia lhe ajudado em outras ocasiões.

Foram inúmeras as justificativas de agradecimento, mas a principal era pela família, especialmente pelos filhos. E não somente para os filhos gerados na barriga. Eram mães adotivas, avós que rezavam pelos netos, tias pelos sobrinhos e tantas outras situações. No início da tarde, quando a barraca de rosas já havia encerrado as vendas por terem acabado, as pessoas ficavam com olhares tristes e diziam que não poderiam ir embora sem pelo menos um botão. Havia também aquelas que diziam não ter dinheiro para comprá-las. Então pegávamos um botão, fazíamos o pedido à Santa e oferecíamos a esses devotos. Eles nos agradeciam com lágrimas. Isso porque a rosa tem vários significados para as devotas: é a garantia da graça a ser alcançada, um símbolo da presença da padroeira junto de si, como sinal de proteção e, nas palavras de Rubem Alves (1988) é a “Declaração de amor pelas coisas que ainda não nasceram”, ou seja, a fé é a certeza da graça que ainda não chegou. Da mesma forma, Hyde (2010) salienta que:

a gratidão requer uma dívida ainda não resguardada, e só nos sentiremos motivados a prosseguir se a dívida for sentida como tal. Se deixarmos de nos sentir devedores, não prosseguiremos, pois não haverá motivo para tanto. Se cobrarmos por uma dádiva renovadora, estaremos falsificando as relações; isso sugeriria que a retribuição teria se dado, quando de fato essa retribuição é a parte culminante da transformação. (Hyde, 2010, p. 96).

Sendo assim, as pessoas que oferecem um presente à Santa Rita antes de alcançar a graça é como se deixassem uma dívida com a mesma, quase que a obrigando a realizar o impossível. Isso os motiva a manter a fé acesa, pois cultiva a certeza de que não serão frustrados. A atitude de gratidão transforma as pessoas e permite Deus penetrar lhes na alma. Para Hyde (2010) a gratidão é a consequência de uma alma transformada pelas dádivas que conseguiu alcançar. Desde o instante em que uma pessoa recebe um dom até o dia em que ela retribui, sente uma

sensação de plena de gratidão. Somente aqueles que foram preenchidos por esse espírito poderão passar adiante a graça recebida.

Nesse espírito de agradecimento Uma senhora me pediu para escrever a sua intenção de pedidos para a missa. Só fez um pedido e também um agradecimento. Era pela sua filha de trinta e poucos anos com o nome de Cássia. Perguntei por que razão ela colocou esse nome na filha. Ela começou a chorar e com a voz embargada disse que teve várias complicações durante a gravidez. Já havia sofrido vários abortos, pensou que não conseguiria realizar o sonho de ser mãe. Por isso, pediu incansavelmente a intercessão de Santa Rita. A menina nasceu saudável e, por ocasião da festa, já estava com trinta anos, formada no curso de biologia e também se tornou mãe.

Nessa mesma condição, vários avós traziam os netos ou os seus objetos para agradecer ou pedir algo. Assim como uma mulher que trouxe as roupas do seu neto e, com lágrimas, as encostou na Santa e pediu a libertação do seu filho, o pai da criança que sofria com o vício das drogas. Da mesma forma, outro casal trouxe a neta de um ano e meio, vestida de Ritinha para agradecer. O motivo era que a menina nasceu com a visão comprometida, devido a problemas de cataratas e, por isso, precisou se submeter a cirurgias ainda recém-nascida. Atribuem a excelência durante os procedimentos e também a recuperação à Santa Rita de Cássia e, por isso, trouxeram a menina pela primeira vez vestida de pequena monja.



Figuras 52 e 53– O avô e a avô com a neta de um ano e três meses. Fotos de arquivo pessoal.

Diante de tantas demandas para Santa Rita, mas tudo relacionado a filhos, netos e outras pessoas da família, Menezes (2005) acentua que a intervenção dos santos em outras áreas da vida acontece pelo fato do devoto fiel tornar-se um mediador de pedidos entre o santo e a família, amigos e vizinhos. O bom relacionamento com os intercessores pode trazer benefício não somente para os

indivíduos, mas também em favor de outros que não estejam lá. A própria autora em um dos seus trabalhos no ano de 2011, enfatiza que alguns devotos fiéis no esforço de manterem um bom convívio com o seu santo durante o ano todo, parecem estar em constante estado de graça. Dessa forma, o santo passa a fazer parte do seu cotidiano e intervir em todas as áreas da vida, ainda que não tenha nenhum pedido específico a se realizar, tornando-se uma tarefa quase impossível distinguir o que é uma graça ou não.

No altar de Santa Rita também acontecia o comércio das rosas com o objetivo de atender àqueles que chegavam desprevenidos. Não posso negar que a venda de flores no espaço de trocas me inquietou bastante e causou em mim inúmeras interrogações. Eram oferecidas a R\$2,00 e a preferência era pela cor vermelha. Os que não podiam comprar recebiam das voluntárias um botão como presente de Santa Rita, ainda que fosse uma flor mais simples que também não concordei. Havia um homem que pediu uma rosa e eu disse que estávamos vendendo. Ele abriu a carteira e não havia nenhum dinheiro. Envergonhado, falou que iria lá fora conseguir os dois reais. Então falei para esperar um pouco. Aproximei um botão na imagem, fiz um pedido e o entreguei de presente. Ele recebeu com emoção.



Figura 53 – chuveirinho do campo. Foto de arquivo pessoal.

No sentido de que ninguém ficasse sem receber flores, uma colaboradora retirou todas que estavam enfeitando o entorno do altar de Santa Rita e as ofereceu aos devotos. Mas chegou um momento em que não havia mais rosas a não ser os chuveirinhos que enfeitavam os buquês – um tipo de flor do campo.

Diante disso, eu pegava esses chuveirinhos, encostava-os na Santa e oferecia a quem desejasse. Começou como uma tentativa. Poderia não ter dado certo. No entanto, muitas pessoas aceitaram e saíram realizadas, pois o que importava naquele momento era o poder simbólico como a garantia da graça e os afetos ali vividos. A respeito disso, Bourdieu (2002) afirma que:

(...) a mensagem religiosa mais capaz de satisfazer o interesse religioso de um grupo determinado de leigos, e de exercer sobre ele o efeito propriamente simbólico de mobilização que resulta do poder de absolutização do relativo e de legitimação do arbitrário, é aquela que fornece um (quase) sistema de justificação das propriedades que estão

objetivamente associadas ao grupo na medida em que ele ocupa uma determinada posição na estrutura social. (p. 51).

Dessa forma, o símbolo funciona para um grupo em um determinado momento para expressar aquilo que não pode ser dito com palavras. Mas pode acontecer que, com o passar do tempo, esse tipo de comunicação não atenda mais àquelas pessoas e seja necessário criar outros mecanismos. Neste sentido, Chartier (1988) enfatiza que o símbolo pode ser manifestado de diversas maneiras como: cerimônias, gestos e rituais. E como não é uma coisa rígida, mas bastante flexível, permite ser manuseado e reinventado pelos diferentes poderes. Dentro de uma cerimônia, as formas simbólicas poderão mudar a ordem, o trajeto, a continuação e a redistribuição.

Apesar de dizerem que não haviam feito promessas para a Santa Rita, algumas mulheres ofereciam a quantidade de rosas referente ao número de graças já alcançadas. Um exemplo disso é a Isabela, que todos os anos oferece dezoito rosas vermelhas para a Santa Rita por ela ter intercedido pelo seu sobrinho se livrar do alcoolismo. Na época ele tinha dezoito anos. Segundo Isabela, que mora na região norte de Juiz de Fora, em 2006 estava grávida de quase nove meses do seu primeiro filho. Era um domingo, dia de Santa Rita de Cássia, quando chegou na casa de seus pais e viu o seu sobrinho bêbado. A sua família, muito religiosa e de pastoral católica, estava inconformada e triste com aquela situação. Isabela não pensou duas vezes em pegar dois ônibus para chegar à festa da Santa das causas impossíveis e clamar pelo rapaz.

Assim que Isabela chegou à Igreja, aproximou-se dos pés de Santa Rita, chorou compulsivamente e disse: “Santa Rita, você que foi mãe e todos falam dos seus milagres, protege o Pedro (nome fictício) e o tire dessa situação”. Ao chegar em casa, com as rosas de Santa Rita nas mãos, o próprio sobrinho lhe disse: “Tia, você nunca mais me verá desse jeito”. A partir daí, dedicou-se aos estudos e tornou-se um profissional bem-sucedido. Com isso, não só Isabela, mas toda a família tornou-se devota de Santa Rita e nunca deixam de lhe oferecerem um mimo por ocasião da festa.

Tem ainda aquelas mães de coração que trazem as rosas em nome dos sobrinhos que ajudaram a cuidar desde pequenos, outras rezam para as noras conseguirem engravidar ou também pelos netos ou filhos adotivos. É o caso de uma mulher de setenta anos que veio de outra cidade para oferecer flores de presente à

Santa Rita. Não quis levar nenhuma em troca. Quando perguntei o porquê de tamanha gratidão começou a chorar e então a convidei para sentarmos e assim ela abriu o seu coração. Contou a história de um filho adotivo de pouco mais de vinte anos que se envolveu com drogas e más companhias e, além disso, queria ir embora para a Alemanha. Ela, desesperada, começou a pedir a intercessão de Santa Rita e o filho decidiu não sair mais do país e também mudou de comportamento.

Uma das entrevistadas, Laura, disse ser grata à Santa Rita que representa tudo na sua vida. De modo especial, no ano de 2017, agradecia pela vida e saúde da neta. Contou que a sua nora, que não é católica e sim de uma igreja evangélica, ficou grávida tomando pílulas anticoncepcionais e, além disso, sem saber que havia um bebê dentro de si, tomou a vacina contra rubéola, coisas não recomendáveis para mulheres nesta condição. E, para piorar a situação, contraiu também o vírus da dengue. Os médicos disseram que a criança poderia nascer cega, surda e com outras complicações. No entanto, Laura consagrou a gravidez da nora à Santa Rita de Cássia e clamou por milagres. Assim que a criança chegou ao mundo, a equipe médica solicitou diversos exames, mas para a surpresa de todos a menina era perfeita e esbanjava saúde.

Não foram poucas as mulheres que compareceram na preparação e também marcaram a presença na festa para agradecer por tudo o que já conseguiram. Um dos exemplos é Helena, uma bióloga de quarenta e sete anos. Ouviu falar de Santa Rita quando era aluna da graduação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Ela contou que no dia 22 de maio uma professora da universidade, devota, falou para os alunos: “Hoje é dia de Santa Rita das causas impossíveis. Quem tiver algo impossível procure Santa Rita”. Como Helena não tinha fé e não conhecia nada de religião, pensou que a causa impossível fosse ela mesma. Sentia-se uma pessoa vazia e infeliz. Por isso não hesitou em procurar a Igreja de Santa Rita e ali frequentou muitas vezes até se tornar uma católica praticamente.

De acordo com Helena, no início não sabia como rezar e então ficava horas dentro da Igreja olhando aquela imagem sem dizer uma palavra. Assim, sentiu o desejo de se casar e formar família, mas só depois de dezesseis anos de espera conheceu o seu noivo na festa de Santa Rita. Como gratidão, casaram-se na Igreja da padroeira e todos os anos, no dia dedicado a ela, doa-se como voluntária na troca de rosas. Dessa maneira, Hyde (2010) acentua que se espera o

compartilhamento espontâneo de alguém que possui alguma coisa e que essa pessoa seja responsável tanto pelo bem que compartilha quanto pela ação de distribuir.

Uma mulher jovem chegou com sua filha vestida de Ritinha. Perguntei por que razão colocava esses trajes na menina. Ela contou que quando engravidou, ficou insegura e pediu a intercessão de Santa Rita de Cássia para passar os nove meses bem e a criança nascer com saúde. Pediu também um marido bom. Tudo ocorreu como desejado e, por isso, comparece todos os anos para agradecer as bênçãos. Para ela, Santa Rita representa uma ponte que a liga a Jesus. Nesta mesma perspectiva, outra mãe, com idade de vinte anos mais ou menos, trouxe a sua filha vestida igual a Santa pelo segundo ano consecutivo. Essa mulher relatou que quando estava grávida, sofreu de Zica, com enorme probabilidade de a criança nascer com problemas de saúde. Com confiança, invocou a intercessão de Santa Rita e alcançou o impossível de ter a filha saudável.

Em relação a preferência pelas cores das flores, a prioridade é por vermelha, mas ao serem questionadas por esse costume, não sabem explicar. No entanto, como a festa de Santa Rita acontece logo depois do dia das mães, não é possível encontrar flores desse tipo em abundância para comprar. Sendo assim, oferecem também rosas brancas, amarelas, cor rosa e até azuis. Algumas doam rosas de um tom e pedem para levar de outra cor para casa. Para Hyde (2010) é como se a pessoa doasse uma parte de si e esperasse que a outra lhe entregasse a parte dela. Em outras palavras, é como se colocar nas mãos de outra pessoa e essa fosse responsável pelo seu destino. Nesse caso, o autor fala que a pessoa costuma questionar sobre o que receberá em troca do que doou, mas não deve problematizar esse assunto, pois trocar presentes não tem a ver com negócios.

Entretanto, qualquer pessoa ficaria contente em ganhar presentes fora do dia de aniversário. Algumas devotas também pensam dessa forma e, por isso oferecem flores à Santa Rita durante o ano inteiro. Esse é o exemplo de Sarah que plantou uma roseira no jardim da Igreja, pois segundo ela, Santa Rita gostava de rosas. Dessa maneira, não precisa mais comprar, basta colher algumas antes de participar das orações ou celebrações e oferecer à Santa.

Mas o que a troca de rosas representa para essas mulheres e o que fazem com as mesmas depois que estragam? As respostas foram as mais diversas. Falaram que representam a beleza, o carinho, a delicadeza e o amor de Santa Rita

e também um pouco da graça que levam para a casa. E quando as flores secam, algumas mulheres colocam em vasos de plantas para que elas também sejam abençoadas. Outras guardam dentro da Bíblia ou em livros de orações. Tem aquelas que fazem um chá quando necessitam receber algum prodígio ou oferecem a algum parente enfermo, principalmente para mulheres que querem engravidar. E tem ainda as que queimam as flores para acalmar tempestade em períodos de chuva.

Ainda a respeito do símbolo, Eliade (1996) acentua que o homem, por mais racional que seja, não consegue viver sem imagens, pois os símbolos podem até mudar de aspectos, mas não perde a sua função que sempre estará atualizada no psiquismo. O símbolo não é um pensamento infantil ou atitude de quem vive de fantasias ou de poetas. Ele nasce na linguagem e faz parte da constituição humana, pois há certas características da realidade que não podem ser explicadas por outro conhecimento a não ser o simbólico. São eles que expressam aquilo que faz parte da essência do ser e, sendo assim, não existe outra forma de conhecer o homem senão através do estudo dessa área.

Portanto, por mais que as mulheres tentassem explicar com palavras os sentimentos com Santa Rita, as experiências não são coisas que demonstram com palavras. Os significados são subjetivos porque, de acordo com a afirmação de Rubem Alves (1988), o símbolo é somente uma maneira de representar a paixão religiosa. E, no caso das rosas, elas expressam a experiência de vida e a emoção que não cabem em palavras. Mas ainda que não tenham conseguido dizer tudo o que sentiam, o que se observou é que a maioria das mulheres demonstrou a necessidade de serem ouvidas. Bastava perguntar algo a respeito das graças alcançadas por Santa Rita para se emocionarem e querer relatar os seus milagres.

3.6 – A procissão

“Ao materializar-se, o fruto do dom pode ser passado adiante, comunicado a um público. E às vezes essa dívida corporificada – a obra – é capaz de reproduzir o ‘estado de dom’ no público que a recebe.”

Lewis Hyde

Após a penúltima celebração do dia 22 de maio, presidida pelo Arcebispo de Juiz de Fora, juntamente com o pároco administrador da paróquia de Santa Rita, às 19h, a multidão saiu às ruas em procissão. Eram os últimos momentos na festa para os devotos pedirem alguma graça ou pagarem promessas que fizeram à Santa Rita.

Saíram em caminhada atrás da Santa, pessoas de idade, cor, cultura e gêneros distintos. Antes do término da missa, o caminhão de som que também fazia o papel de palco, já estava preparado na rua em frente à Igreja.

Assim que os presbíteros deram a bênção final, uma caminhonete desceu as rampas da Igreja carregando a Santa com o andor enfeitado com luzes azuis da cor do céu. Ouviu-se então o barulho do motor do caminhão que saiu devagar na frente e os animadores cantaram músicas de invocação ao Espírito Santo, clamavam por cura e libertação e profetizavam milagres. O povo erguia as mãos segurando velas acesas, luminárias, rosas e outros objetos. Algumas senhoras vestidas com os hábitos agostinianos, de modo a imitar Santa Rita, famílias com crianças vestidas de Ritinha seguiam o cortejo. A procissão cumpria a tarefa de representar a pertença dos cristãos à Igreja Católica. Neste sentido, SOUZA (2008) destaca que:

a procissão simboliza o pertencimento dos fiéis à Igreja, mas é feita no espaço externo ao templo, nas ruas e não em seu interior, o que demonstra a ambiguidade inerente ao ritual: cerimônia ao mesmo tempo eclesiástica e profana, controlada pela Igreja e absorvendo elementos profanos. Ao mesmo tempo a procissão afirma a autoridade da fé sobre o espaço profano, incorpora-o à autoridade da Igreja e faz com que a identidade mantenha alheio à fé. (p. 10).

Dessa forma, o poder eclesiástico organiza e lidera a procissão, mas não consegue controlá-la devido a sua dupla característica: religiosa e profana. Há pessoas que a acompanham para demonstrar a fé, devoção e gratidão, mas há aqueles que se dispersam em conversas e apenas cumprem um ritual da tradição católica. A esse respeito, Souza (2008) destaca que as procissões, desde a sua origem no período da Idade Média, funcionavam como elementos de confraternização, mas também demonstrava conflitos entre conjuntos de pessoas de sociedades distintas e adversárias. Isso demonstra que desde o princípio, a tradição de acompanhar um santo pelas ruas funciona como ritual religioso, mas também um momento de festa, carregando consigo elementos variados, conflitantes e por vezes desorganizados e que fazem parte do fenômeno histórico e social.

Segundo Perez (2011) as festas religiosas e procissões, no período da Brasil Colônia, reuniam as populações que se deslocavam de lugares distantes para delas participarem. Eram dias em que a alegria e o entusiasmo invadiam a cidade. As ruas e praças próximas às Igrejas tornava-se agitada pela multidão de pessoas. A

procissão de Santa Rita em Juiz de Fora mistura elementos do passado, que é a herança cultural da Idade Média, com o catolicismo moderno que é a influência da Renovação Carismática Católica.

Antes de iniciar o cortejo, o animador de cima do caminhão de som convocou todos a experimentarem o amor de Deus e a entregarem a Ele todos os sofrimentos e os problemas. Dizia bem alto no microfone: “Você é uma bênção de Deus”. “Diga comigo: eu sou uma bênção de Deus”. A primeira música para provocar as pessoas a se renderem àquele momento foi uma antiga do padre Zezinho “O povo de Deus no deserto andava”, que fez bastante sucesso nos períodos anteriores a RCC.

O Povo de Deus

Padre Zezinho

*O povo de Deus no deserto andava
Mas à sua frente Alguém caminhava
O povo de Deus era rico de nada
Só tinha a esperança e o pó da estrada*

*Também sou teu povo, Senhor
E estou nessa estrada
Somente a Tua graça me basta e mais nada!*

*O povo de Deus também vacilava
Às vezes custava a crer no amor
O povo de Deus, chorando, rezava
Pedia perdão e recomeçava*

Entre uma canção e outra, os animadores clamavam a presença do Espírito Santo sobre os fiéis e diziam que Deus estava realizando milagres. Na medida em que a procissão passava pelas ruas, alguns moradores acendiam e apagavam as luzes das suas residências. Um dos animadores pedia para repetir esse gesto várias vezes como um sinal do Espírito Santo sobre aquele lugar. Também faziam orações pelos moradores e anunciavam curas de doenças e libertação de drogas. Quando terminavam, diziam: “Amém! Aleluia! Viva a Jesus! Glória a Deus!” Ao encerrar a procissão, cantou-se o hino de Santa Rita e o povo se dispersou, enquanto o pátio da Igreja transformou-se em local de alimentação a céu aberto. O público da noite não estava ali para rezar ou trocar rosas, mas queriam comer pasteis, cachorro quente, caldos, churrascos e outros.

Outras músicas cantadas durante a procissão:

Deus Está Aqui Neste Momento

Padre Reginaldo Manzotti

*Deus está aqui neste momento
Sua presença é real em meu viver
Entregue sua vida e seus problemas
Fale com Deus, Ele vai ajudar você*

*Oh, oh, oh, Deus lhe trouxe aqui
Para aliviar o seu sofrimento
Oh, oh, oh, Ele é o Autor da Fé
Do princípio ao fim, de todo este momento*

*Oh, oh, oh, e ainda se vier noite traiçoeira
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo
E o mundo pode até fazer você chorar
Mas Deus lhe quer sorrindo*

Podes Reinara

Padre Zezinho

*Senhor, eu sei que é Teu este lugar
Todos querem Te adorar
Toma, Tu, a direção*

*Sim, ó, vem, ó, Santo Espírito
Os espaços preencher
Reverência à Tua voz vamos fazer*

*Podes reinar, Senhor Jesus, ó, sim!
O Teu poder Teu povo sentirá
Que bom, Senhor, saber que estás presente aqui!
Reina, Senhor, neste lugar*

*Visita cada irmão, ó, meu Senhor
Dá-lhe paz interior
E razões pra Te louvar*

*Desfaz todas tristezas, incertezas, desamor
Glorifica o Teu Nome, ó, meu Senhor*

*Podes reinar, Senhor Jesus, ó, sim!
O Teu poder Teu povo sentirá
Que bom, Senhor, saber que estás presente aqui!
Reina, Senhor, neste lugar*

Sou um milagre

Padre Marcelo Rossi

*Nunca houve noite que pudesse impedir
O nascer do sol e a esperança
E não há problema que possa impedir
As mãos de Jesus prá me ajudar
Haverá um milagre dentro de mim
Vem descendo um rio prá me dar a vida*

*Este rio que emana lá da cruz, do lado de Jesus
Aquilo que parecia impossível
Aquilo que parecia não ter saída
Aquilo que parecia ser minha morte
Mas Jesus mudou minha sorte
Sou um milagre e estou aqui
Usa-me, sou o teu milagre
Usa-me, eu quero te servi
Usa-me, sou a tua imagem
Usa-me, ó filho de Davi
Aquilo que parecia impossível
Aquilo que parecia não ter saída
Aquilo que parecia ser minha morte
Mas Jesus mudou minha sorte
Sou um milagre, e estou aqui*

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jamais pensei que estudar religiões e fazer etnografia fosse algo tão fascinante. Talvez as palavras não sejam suficientes para descrever tamanha expressão de fé observada nas pessoas durante a preparação e a festa de Santa Rita de Cássia. Do lado de fora da Igreja, ouvia-se o barulho dos martelos que perfuravam as tábuas e também os serrotes que cortavam a madeira bruta para improvisar as barracas de comidas e as lojas. Esses fortes ruídos se contrapunham com o silêncio do altar, onde na presença do Santíssimo Sacramento, as pessoas adoravam, agradeciam ou suplicavam milagres. Lá fora, os trajes sacerdotais foram substituídos pelas calças dobradas, pelos chinelos de dedos ou botas de couro. As mesmas mãos que consagravam a hóstia e o cálice na missa estavam trabalhando de pedreiro, de carpinteiro e às vezes eram cortadas por causa das ferramentas pesadas.

Enquanto isso, na cantina, as mulheres amassavam os pães, faziam roscas, bolos, doces, cozinhavam a canjica.... Afinal, tudo se transformaria em bênçãos no dia da festa de Santa Rita. Era correria e expectativa. Recordou-me a infância, vivida no campo na ocasião em que havia casamentos. As vizinhas passavam a semana na casa da noiva, preparando o banquete do dia especial. Enquanto acontecia toda a movimentação fora da Igreja, lá dentro o sacerdote visitante celebrava a missa e servia a eucaristia (Corpo de Cristo) àqueles que clamavam pelas graças de Santa Rita.

A essa altura os meus olhares e a minha imaginação estavam atentos a todas as coisas. Como assinalam Steil e Carvalho (2012) que para acessar e compreender o fluxo da vida requer que o pesquisador se envolva pessoalmente e se comprometa em educar a atenção e a visão como condição prioritária para conhecer e fazer ciência. Então, naquele momento comecei a perguntar-me se o sagrado estaria dentro da igreja, na missa e na presença do Santíssimo ou lá fora em meio àquela agitação. Logo pensei que poderia estar em tudo aquilo, pois não acredito ser possível separar a expressão de fé e a experiência religiosa da dinâmica da vida. A esse respeito, Steil (2017) também afirma que o sagrado não está fora do caos, mas se faz presente na vida comum. Da mesma forma, Chardin

(2014) acentua que toda ação do homem é uma adoração e que através das atitudes diárias o ser humano pode tocar Deus.

No dia da festa foram celebradas cerca de nove missas lá no rincão, pois já há alguns anos a igreja não comporta mais o número de pessoas. As devotas cumpriam o ritual das celebrações com a formalidade recomendada pela Igreja Católica. No entanto, perto da imagem de Santa Rita, dentro da Igreja, os corações se desmanchavam, as mãos tremiam, as lágrimas rolavam e quando não tinham mais palavras para dizerem “Obrigada” ou, “Não se esqueça de mim Santa Rita”, a natureza, através das rosas e o seu perfume completavam a manifestação de agradecimento. As mulheres reconhecem em Santa Rita não somente uma santa com poderes sobrenaturais, mas uma mulher comum que se casou, foi mãe e também enfrentou dificuldades. Por isso, perto dela não precisam ter cerimônias, pois uma mãe compreende a outra.

Então, esta dissertação de mestrado assumiu como objetivo investigar, através da História e da Antropologia, a maneira como Santa Rita era representada para as mulheres que buscavam a sua intercessão na Igreja do bairro Bomfim em Juiz de Fora. Pretendeu também verificar quais eram os impossíveis que pediam ou agradeciam, especialmente no dia da festa, e também de que modo interagiam com a Santa. Para efetivação do projeto buscou-se frequentar a paróquia nos dias de preparação e também no dia 22 de maio durante dois anos. No primeiro ano, em 2017, ainda no início do mestrado, o propósito era somente observar para definir melhor o tema. Já no segundo ano, com o projeto melhor delimitado e o primeiro capítulo pronto, o esforço foi no sentido de encontrar respostas no campo para o problema e os objetivos apresentados para a banca de qualificação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

No primeiro momento, apresentou-se objetivos muito amplos ao querer estudar as representações e práticas de uma maneira geral na festa de Santa Rita em Juiz de Fora e de que maneira os seus fiéis se apropriavam da sua santidade. Almejava ainda analisar a maneira como Santa Rita era representada para os fiéis. Nas primeiras horas da festa de 2017 eu tentava entrevistar homens, mulheres, jovens, idosos, visitantes e voluntários. Percebi que não iria dar conta e foi então que o acaso aconteceu: o céu se fechou e caiu um temporal por volta das 15h. O rincão estava lotado de pessoas, pois era horário de missa e na Igreja também não tinha lugar para mais ninguém.

Sem ter o que fazer naquele instante, sentei-me na escada que sobe para o altar e com a cabeça baixa comecei a escrever no meu caderno de campo. Não demorou nem cinco minutos para uma mulher, de uns quarenta e dois anos, se aproximar e me dizer: “Você está escrevendo os testemunhos das pessoas sobre Santa Rita? Eu gostaria de contar os meus”. Surpresa, eu disse que estava escrevendo sim e que ela poderia me dizer todos. Com emoção, relatou umas três graças alcançadas através da Santa. Como acentua Lima (2014) quando realizava as suas pesquisas para a tese de doutorado, antes era eu quem procurava a Santa Rita, mas depois se inverteu: ela passou a me seguir e apresentar outros rumos para a pesquisa. Neste sentido, Favret-Saada (1990) também ressalta que permitir ser afetado pela pesquisa antropológica pressupõe assumir o risco de ver seu projeto de estudo se extinguir e ter que começar tudo de novo.

A partir daquela tarde chuvosa não precisei mais me preocupar com quem entrevistar, bastava falar que estava fazendo uma pesquisa sobre Santa Rita para que as mulheres se interessassem em contar tudo. Percebi então que a maior parte delas não frequentavam a festa para pedir e sim para agradecer e, por isso levavam rosas para Santa Rita como um modo de agradá-la pelas graças alcançadas. Observei ainda que de todos os voluntários que trabalhavam em benefício da festa, o maior número era de mulheres. Por isso, decidi pesquisar somente mulheres com idade entre trinta e sessenta anos para descobrir os motivos de tanta gratidão, que tipo de identificação ela tinham com Santa Rita e o que ela representava. Como assinala Lima (2014) nas pesquisas que realizou para o mestrado e doutorado nas cidades de Viçosa e Rio de Janeiro, era necessário dar voz àquelas mulheres. Elas queriam ser ouvidas.

Dessa forma, passei a frequentar a paróquia desde maio de 2017, indo às missas aos domingos para estabelecer vínculos com as pessoas daquele lugar. Já em 2018, além das missas dominicais, participei dos três horários das quinzenas nas quintas feiras, por quase quatro meses, ajudando na acolhida. Frequentei também as novenas e ajudei nas trocas de rosas no dia da festa. Durante esse tempo realizei inúmeras entrevistas, observei e colhi muitos relatos através de conversas. Infelizmente não foi possível utilizar todo o material colhido tanto no campo quanto nas bibliografias. Neste sentido, Menezes (2004) fala que escrever um trabalho é ter a frustração de não utilizar todo o conteúdo reunido para tal.

Das mais de cinquenta entrevistas realizadas e dos relatos durante as trocas de rosas, concluiu-se que a causa de tamanha fé, devoção e doação das mulheres é a maternidade. Elas não buscam a Santa para intervir em seus casamentos, pois para elas, depois que os filhos nascem, tornam-se o centro das atenções. Não somente os filhos gerados na barriga, mas os nascidos no coração, sendo adotivos, netos ou sobrinhos. Santa Rita é representada para elas como um modelo de mulher e mãe que assumiu a maternidade com amor e ensinou a seus filhos os princípios da fé católica. Neste sentido, essas devotas se identificam com a Santa e interagem com ela quase sem ou nenhuma formalidade.

Perguntei as mulheres quais pseudônimos gostariam de receber e todas, sem exceção, escolheram o nome Maria. No entanto, como na minha infância adorava escolher nomes para os recém-nascidos da família resolvi brincar de dar pseudônimos as devotas de Santa Rita (até as que não foram citadas neste trabalho). Utilizei um dicionário de significados de nomes femininos e, de acordo com as histórias contadas, eu as atribuí os substantivos próprios. Por exemplo: Ana é a “graciosa” ou “cheia de graça”; Beatriz quer dizer “aquela que faz os outros felizes”; Rute significa “amiga” ou “companheira”.

Entretanto, quando terminou o trabalho de campo, senti um vazio e um desespero, pois não sabia o que fazer com todo aquele material escrito no caderno de campo. A pergunta era: O que fazer agora? Por onde começar? Estava exausta. Sentimento de dever cumprido, mas muito cansada. Algumas que já tinham dado entrevistas, quando me viam queriam logo contar outras graças ou pedidos à Santa Rita. Às vezes ligavam para o meu celular porque queriam ser ouvidas. Fiquei por mais de um mês sem conseguir escrever uma linha sequer. A sensação era de que havia um bloqueio e que toda a minha imaginação havia sucumbido. Tive que dar um tempo para mim mesma e por isso me afastei da paróquia durante o período da escrita.

Portanto, este trabalho com a temática de mulheres, gratidão e maternidade é considerado pioneiro não somente em Juiz de Fora, mas no Brasil, pois de acordo com as investigações, das poucas bibliografias sobre Santa Rita, nenhuma abordou esse assunto. No entanto, esse desafio não se dá como encerrado, mas apenas o começo de uma busca que ainda tem muito a dizer sobre a devoção popular à Santa, pois para as devotas, Santa Rita é especialista em várias causas, como curas de depressão, problemas físicos, desemprego, causas na justiça, compra de imóveis

e tantas outras. Além disso, não somente outras mulheres gostariam de serem ouvidas, mas os homens também e que são em número bem elevado, de variado perfil econômico, social, etário e cultural.

5. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Tatiene Ciribelli Santos. **A espiritualidade como elemento de resiliência psicológica no enfrentamento do luto: uma análise a partir dos estudos de casos de pais enlutados.** Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião, UFJF, Juiz de fora, 2017.

ANDRADE, Solange Ramo e BOECHAT, Gustavo Vargas Laprovitera. **Devoção por correspondência: O culto à Santa Rita de Cássia (Lunardelli, PR).** Revista Brasileira de História da Religiões. ANPUH, 17, set. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/>> Acesso em: 04 ago.2017.

ANO DO LAICATO VAI ESTIMULAR PROTAGONISMO DOS CRISTÃOS LEIGOS. Disponível em: <http://www.cnbb.org.br/ano-do-laicato>. Consulta realizada em: 02 de ago. 2018.

ANO NACIONAL MARIANO: Mensagem à Igreja Católica no Brasil. No contexto das Comemorações dos 300 anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: www.cnbb2.org.br/ano-nacional-mariano-mensagem-aigreja-catolica-no-brasil/. Acesso em: 04 de jun. 2018.

ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. **Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico sobre o dia de Finados.** Belo Horizonte, 2009.

ARIAS, Juan. **Rita: a santa do impossível.** Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

BARTOLOMEI, Mônica. **A fé como fator de resiliência no tratamento do câncer: uma análise do que pensam os profissionais da saúde sobre o papel da espiritualidade na recuperação dos pacientes.** Dissertação de mestrado, PUCSP, 2008.

BARRETO, Marise Ubaldo. **Entrevista.** Consultório de psicologia, Juiz de Fora, 02 de out. 2018.

BATINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** 1985.

BÍBLIA SAGRADA DE APARECIDA. Aparecida: Santuário, 2006.

BIOGRAFIA. Disponível em: <<https://www.rs21.com.br/site/padrenilsomotta/bibliografia/>> Consulta realizada em: 10 de jul. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

CABRAL, Newton Darwin e SILVA, Cícero Williams **A devoção a Santa Rita de Cássia em Santa Cruz – Rio Grande do Norte.** Revista Pararellus, Recife, v.6, n. 12, p. 251 – 264, jan. 2015. Disponível em: <www.unicap.br> Acesso em: 04 ago.2017.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. São Paulo: Memórias e sociedade, 1988.

CHEQUINI, Maria Cecília M. A **relevância da espiritualidade nos processos de resiliência**. Psicologia. Revista PUCSP. São Paulo, v. 16, n. 1, 2007, p. 93-117.

CNBB: Igreja Católica Apostólica Romana. Disponível em: www.cnbb.org.br/a-liturgia-eoano-b/. Acesso em 04 de jun. 2018.

CARRANZA, Brenda. (2009), **Perspectivas da neopentecostalização católica**. In: B. Carranza; C. Mariz; e M. Camurça. *Novas comunidades católicas*. Aparecida: Ideias & Letras. In: B. Carranza; C. Mariz; e M. Camurça. *Novas comunidades católicas*. Aparecida: Ideias & Letras.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA: edição típica vaticana. Edições Loyola, 1998.

CHIARINI, Maudie. **Santos de nossa devoção**: sincretismo religioso, lendas e orações, invocações da Virgem Maria. São Paulo: Berkana, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015. Brasília: CNBB, 2011. Disponível em: [www.a12.com/source/files/originals/documento de_aparecida.pdf](http://www.a12.com/source/files/originals/documento_de_aparecida.pdf)> Consulta realizada em: 01 de ago. 2018.

COUTINHO, Sabrine Mantuan dos Santos. **“A dona de tudo”**: o que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade do Espírito Santo. Vitória, UFES, 2008.

CUOMO, Franco. **Rita de Cássia, a santa dos casos impossíveis**: uma história de amor e ódio, de vingança e perdão. São Paulo: Paulinas, 2009.

DICIONÁRIO DE SINÔNIMOS ONLINE. Disponível em: <www.sinonimos.com.br>. Acesso em: 08 de ago. 2018.

DINIZ, Z. Simone. **Maternidade voluntária, prazerosa e socialmente amparada**: breve história de uma luta. Scielo, 2000. Disponível em: <http://mulheres.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/maternidade_voluntaria.pdf> Acesso em: 08 de out. 2018.

DUTRA, Elza; MAUX, Ana Andréa Barbosa. **Do útero à adoção**: a experiência de mulheres férteis que adotaram uma criança. Estudos de Psicologia, 14(2), Maio/Agosto/2009,113-121. Disponível em:<www.scielo.br/pdf/epsic/v14n2/a04v14n2.pdf> Consulta realizada em: 08 de out. 2018.

ELIADE, Mircea. **Imagens e símbolos**: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FARIAS, Mayara Ferreira de. **Turismo religioso na cidade santa**: a percepção da comunidade sobre a construção do complexo turístico e religioso no Alto de Santa Rita, Santa Cruz, 2013. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação

em Turismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito para a conclusão do Mestrado em Turismo na área de Turismo, Desenvolvimento e Gestão.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 1990. “**Être Affecté**”. In: *Gradhiva: Revue d’Histoire et d’Archives de L’Anthropologie*, 8. Pp. 3-9. Trad. SIQUEIRA, Paula. Ver. LIMA, Tânia Stolze. *Cadernos de campo* n. 13: 155-161, 2005.

FERNANDES, Rubem Cesar. **Praticantes e pesquisadores: Uma contraditória viagem ao interior**. In: *Comunicações do ISER*, nº. 12. Rio de Janeiro: ISER, 1984, p. 33-39.

FESTA DE SANTA RITA EM JUIZ DE FORA DEVE RECEBER 30 MIL. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/05/....>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

FREIRE, Gilberto. **Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência: Antropologia e teoria etnográfica**. *Etnográfica*, vol. 10, n. 1, 2006, PP, 161-173.

_____. **Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia**. *Caderno de campo* n. 13: 149-153, 2005.

_____. **Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos**. *Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia*. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 2003, v. 46 Nº 2.

HISTÓRIA DO SANTUÁRIO DE SANTA RITA DE CÁSSIA – Lunardelli, PR, 2015. Disponível em: <santaritalunardelli.com.br>. Acesso em: 27 de mar. 2018.

HISTÓRIA DA IGREJA DE SANTA RITA EM JUIZ DE FORA: construindo uma comunidade dos sonhos! Disponível em: www.paroquiadesantaritajf.com/parouquia. Acesso em: 04 de ago. 2017.

HYDE, Lewis. A Dádiva. **Como o Espírito Criativo Transforma o Mundo**. *Civilização Brasileira*, 2010.

JORNAL: FOLHA DE SANTA RITA: Paróquia de Santa Rita: construindo a comunidade dos sonhos. Informativo mensal da Paróquia Santa Rita de Cássia: Arquidiocese de Juiz de Fora – MG – Ano 8 – Nº 80 – Janeiro 2017.

JORNAL: FOLHA DE SANTA RITA: Paróquia de Santa Rita: construindo a comunidade dos sonhos. Informativo mensal da Paróquia Santa Rita de Cássia: Arquidiocese de Juiz de Fora – MG – Ano 8 – Nº94 – fevereiro 2018

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista Compreensiva: uma guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

LAZZAROTTO, R. Schmidt, E. B. **Ser mãe de crianças com paralisia cerebral: sentimentos e experiências.** *Perspectiva*, Erechim. v.37, n.140, p. 61-72, dezembro/2013.

LEITE, Renata Macedo e NORONHA, Rosângela Moraes Leite. **A violência contra a mulher: herança histórica e reflexo das influências culturais e religiosas.** *Revista Direito e Dialogicidade*, Crato, CE, vol.6 , n.1, jan./jun. 2015.

Lanna, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio a dádiva.** Marcos Lanna Universidade Federal do Paraná. *REVISTA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA* Nº 14: 173194. Jun. 2000. Disponível em: www.scielo.br/scielo. Acesso em: 05 de ago. 2017.

LAZZAROTTO, R. Schmidt, E. B. **Ser mãe de crianças com paralisia cerebral: sentimentos e experiências.** *Perspectiva*, Erechim. V 37, n. 140, p. 61-72, dez. 2013. Disponível em: www.uricer.edu.br/site/pdfs/perspectiva/140_373.pdf. Consulta em: 29 de mai. 2018.

LIMA, Raquel dos Santos Sousa. **“É como se fosse Santa Rita”**: processos de simbolização e transformações rituais na devoção à santa dos impossíveis. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.ppgasmnufrj.com/biblioteca.html> Acesso em: 12 mar. 2017.

_____. **“Ela é um modelo de esposa”**: representações viçosenses sobre a vida conjugal de Santa Rita. *REVER – Revista de Estudos da Religião – ISSN1677-1222*, v. 11. N.1 (2011). Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/>. Acesso em: 04 ago.2017.

_____. **“Oh que imitem Santa Rita de Cássia” as mulheres de nosso tempo**: representações e práticas de devoção em Viçosa (MG), 2003-2006. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre. Área de concentração: História Contemporânea II. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/stricto/td/883.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2017.

LIMA e TEIXEIRA. **Ser mãe: o amor materno no discurso católico do século XIX.** *Revista Horizonte. Vol. 6, Nº. 12 jun. 2008* .Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/442>>. Consulta realizada em: 08 de out. de 2018.

LISIEUX, Teresa de. **Conselhos e Lembranças.** São Paulo: Paulus, 1984.

LOPES, José Rogério. **A imagética da devoção: a iconografia popular como mediação entre a consciência da realidade e o ethos religioso.** Rio Grande do Sul: UFRGS, 2011.

MAESTRO, Jesús Álvarez. **Santa Rita de Cássia.** São Paulo: Paulinas, 2002.

MARCHI, L. de. **Santa Rita de Cássia.** São Paulo: Paulus, 1994.

MAUSS, Mauss. **Ensaio sobre dádivas**. São Paulo: Cosacnaify, 2003.

MENEZES, Renata de Castro. **A dinâmica do sagrado: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro**. – Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004.

_____. **A bênção de Santo Antônio num convento carioca**. REVISTA USP, São Paulo, n.67, p. 24-35, setembro/novembro 2005. Disponível em: <www.periodicos.usp.br/revusp/article/viewFile/13453/15271> Consulta em: 27 de ago. 2018.

_____. **O além no cotidiano: repensando fronteiras entre antropologia e história a partir do culto aos santos**. Oracula 7.12 (2011). Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/oracula/article/.../4691>. Consulta realizada em: 27 de ago. 2018.

MORAES, Lenise Gláucia de Souza. **A coroação como ponte sagrada entre a virgem Maria e as rainhas europeia, africana e conga**. Paralellus, recife, v. 05, n, 10, p. 313-328, jul./dez. 2014. Disponível em: <www.unicap.br/ojs/index.php...> Acesso em: 23 de nov. 2018.

FILHO DE DAVI: ministério exult. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/ministerioexult/filhodedavi/>>. Consulta realizada em: 03 de ago. de 2018.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo**. Sociedade e Estado: Brasília, v. 23. Nº 02, p. 261-279, maio/ago. 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/se/v23n2/a04v23n2.pdf> Consulta realizada em: 29 de set 2018.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro e ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira. **Pequenos Santos: uma devoção familiar “Small Saints”: a familiar worship** Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/plura/article/view/33/pdf_5> Acesso em: 27 de ag. 2018

PAROQUIA SANTA RITA. Disponível em: <<http://www.paroquiasantaritajf>> Acesso em: 28 de jun. 2017.

PARÓQUIA SANTA RITA II. Disponível em: < <https://pt-br.facebook.com> > Locais > Juiz de Fora > Igreja Católica >

PEREZ, Léa Freitas. **Festa, religião e cidade: Corpo e alma do Brasil**. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PIMENTEL, Elan de Almeida. **São Longuinho em Freguesia: a dinâmica de uma devoção**. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação em Ciência da Religião como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Ciência da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora: ICH, 2008.

PODEMOS COMUNGAR MAIS DE UMA VEZ AO DIA? Disponível em: <https://catholicus.org.br/podemos-comungar-mais-de-uma-vez-no-mesmo-dia/> Consulta realizada em: 29 de set. 2018.

ROCCA, Suzana Larossa. **Resiliência:** um novo paradigma que desafia a reflexão e prática pastoral. *Atualidade Teológica*, ano XII, n. 28, jan-abr, 2008.

ROCHA, Ana Vitória Sampaio Castanheira. **Rita de Cássia:** obediência e matrimônio em uma narrativa hagiográfica setecentista (1714)> *Temporalidades: Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMF*.

SABOURIN, Eric. **Marcel Mauss: da dádiva à questão da reciprocidade.** *Revista brasileira 132 de ciências sociais - vol. 23 nº. 66.* Fev. 2008. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 05 de ago. 2017.

SANTOS E ÍCONES CATÓLICOS: história de Santa Rita de Cássia. Disponível em: www.cruzterrasanta.com.br .Consulta realizada em: 23 de mar. 2018.

SANTUÁRIO DE FÁTIMA. Disponível em: <https://www.fatima.pt/pt/home>. Acesso em: de jun. de 2018. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=musica+as+muralhasv+ão+cair...>. Consulta realizada em 09 de jul. 2018.

SEGATO, Rita. **Um paradoxo do relativismo:** o Discurso Racional da Antropologia frente ao Sagrado". *Religião e Sociedade*, nº 16/1-2, pp. 114-135, 1992.

SIGNIFICADOS DE NOMES PRÓPRIOS: significados dos nomes. Disponível em: <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br/rita/>. Acesso em: 27 de fev. de 2018.

SILVA, André Luiz. **Devoções Populares no BRASIL:** Contextualizando Algumas Obras das Ciências Sociais. *REVER - Revista de Estudos da Religião* Nº 3 / 2003 / pp. 30-49. Disponível em: https://www.pucsp.br/rever/rv3_2003/p_silva.pdf Acesso em: 10 de out. 2018.

SOUZA, Juliana Beatriz e VAINFAS, Ronaldo. **O Brasil de todos os santos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

SOUZA, Aloisio Teixeira. **Vida de Santa Rita de Cássia.** Aparecida: Editora Santuário, 1995, p. 93.

SOUZA, Ricardo Luiz. *Festas, procissões, romarias, milagres aspectos do catolicismo popular.* Natal, IFRN, 2013.

STEIL, Carlos Alberto e CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Org. **Cultura, percepção e ambiente:** diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

STASEVSKAS, Kimy Otsuka. **Ser mãe:** narrativas de hoje. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, USP, 1999. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde.../publico/KimyStasevkas-diss.pdf Acesso em: 08 de out. 2018.

SWAIN, Tânia Navarro. **Por falar em liberdade...** In: STEVENS, Cristina; OLIVEIRA, Susane Rodrigues de; ZANELLO, Valeska. **Estudos feministas e de gênero: articulações e perspectivas.** Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2014. 620 p.

TAVARES, Thiago Rodrigues. **A religião vivida: expressões populares de religiosidade.** Revista Sacrilégens: UFJF, 2013.

TILLICH, Paul. **Dinâmica da fé.** Sinodal, 1985.

VALE. Rosângela Martins do. **A dimensão da fé na perspectiva de Paul Tillich.** Anais do Congresso ANPTECRE, v. 05, 2005, p. TS1405. Disponível em: <www2.Pucpr.br/reol/indez.php/5anptecre?...> Acesso em: 02 jan. 2018.

VALENTE, P. Flaviano Amatulli. **Documento de Aparecida: síntese.** Brasil: Apóstolo da Palavra, 2008.

VIEIRA, Josênia Antunes. **A identidade da mulher na modernidade.** DELTA [online]. 2005, vol.21, n.spe, pp.207-238. Disponível: www.scielo.br/scielo.php?pid=S010244502005000300012&script=sci...tIng. Acesso em: 20 de nov. 2018.

WESCHENFELD, Celina H. **Santa Rita de Cássia: Biografia e orações.** São Paulo: Paulinas, 2012.

WOODHEAD, Linda. **Mulheres e gênero: uma estrutura teórica.** Tradução por Deborah Pereira. Rever: Revista de Estudos da Religião, nº 01, ano 2002.

ZALUAR, Alba. **“Promessas e Milagres dos Santos.”** In: Os homens de deus. Um estudo dos santos e das festas no cotidiano popular. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. <http://www.paroquiasantaritajf.com/pastorais-e-movimentos?pag=3>

<http://www.matrizdesantarita.org.br>. Consulta realizada em 03 de mar. 2018.

<<https://www.icatolica.com/2016/03/diante-do-pretorio-de-pilatos.html>>. Acesso em: 03 de abr. 2018.

www.acesa.com/cidade/arquivo/noticias/2018/03/26... Acesso em: 03 de abr. 2018.

www.kiaunoticias.com/.../diamantina-o-sermao-do-descimento-da-cruz.. Acesso em: 03 de abr. 2018.